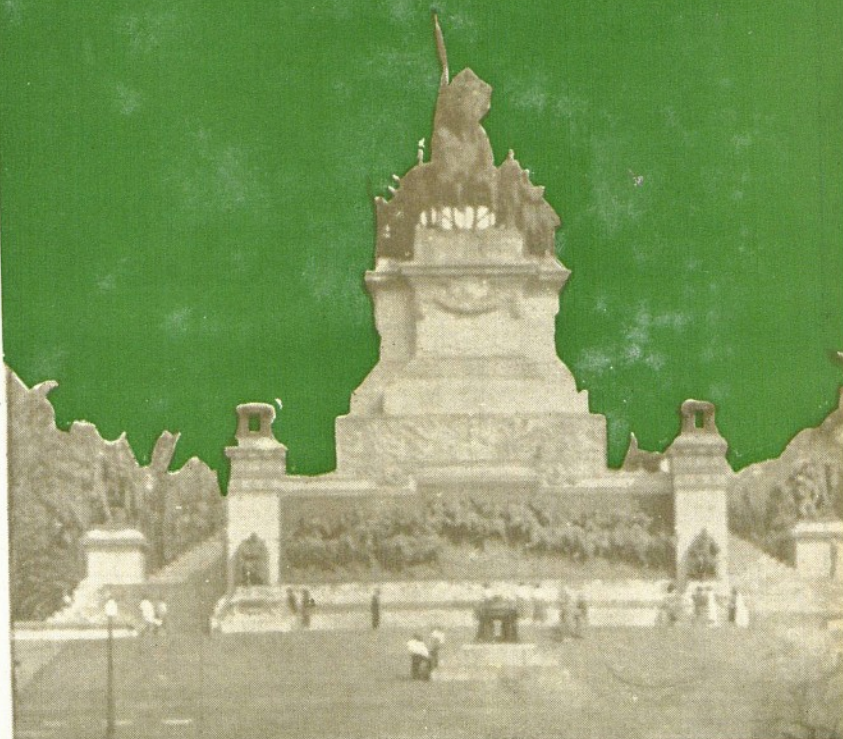


# MILITIA

ANO X — N.º 65

SETEMBRO / OUTUBRO - 1956



# SUMÁRIO

NOSSA CAPA .....	90
EDITORIAL .....	5
DIVERSOS	
Euclides da Cunha — Prof. Paulo Henrique .....	6
Um Problema de Família — Dr. Aldo de Assis Dias .....	12
E Morre Uma Flor na Bêca Do Canal — Cap. Plínio D. Monteiro ....	18
Macumba, Etc. — Prof. Luís Silva .....	20
Galicismos Léxicos Aportuguesados — Prof. José de Almeida .....	24
Uma Volante Em Marcha — Major Edson Franklin de Queiroz .....	26
Casamento e McTalha — Major Olimpio de Oliveira Pimentel .....	28
O Que É Um Reator Atômico — Prof. Hans Peter Heilmann .....	30
Tiradentes Começou a Carreira Como Alferes — Luís A. O. Belo ....	32
Danças Folclóricas — Homero Dantas .....	35
Máscaras — Cavalheiro Freire .....	36
A Polícia e a Higiene Mental — Dr. Isaac Mielnick .....	38
Arrebatando Vidas Aos Braços da Morte — Monte Serrat F <sup>o</sup> . ....	40
Questões Jurídicas .....	41
Secção Feminina — Rita de Cássia .....	42
O Anoitecer — Tenente Dorival Rossi .....	60
Realidade que o Redoviário Precisa Conhecer .....	62
NOTICIARIO	
A Guarda Militar do Palácio do Governo — Ten. Salvador Scafógllo .	50
Dr. Altino Arantes — (Homenagem a um Paraninfo) — Cel. José Hipó- lito Trigueirinho .....	54
Homenagens na A.O.R.R.F.P. ....	58
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS	
Bahia .....	66
Distrito Federal (Corpo de Bombeiros) .....	68
Mato Grosso .....	70
Minas Gerais .....	72
Pará .....	73
Rio Grande do Sul .....	75
Rio de Janeiro .....	76
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Campeonato de Voleibol e Bola ao Ces c .....	78
Treféu "Sul Américo" .....	79
Campeonato de Esgrima .....	80
XXII Corrida da Fogueira .....	83
Temporada em Bauru (Hipismo) .....	84
RECREAÇÃO E HUMORISMO	
...e não era — Nelson Coletti .....	39
Secção de Edipo .....	88

*Aperfeiçoando*

mecânicos brasileiros...

HÁ 30 ANOS!

Desde sua instalação em nosso país — há 30 anos portanto — uma das primeiras preocupações da General Motors foi a de constituir uma Escola de Mecânicos de automóveis, visando criar a indispensável mão-de-obra especializada para atender ao surto impressionante dos transportes motorizados em nossa terra. Essas mesmas facilidades foram desde logo estendidas também às nossas armadas, que permanentemente vêm formando especialistas nesses cursos da General Motors do Brasil. A Escola de Mecânicos continua em pleno funcionamento e este é apenas um aspecto da ampla participação da General Motors na vida nacional — e de seu desejo constante de colaborar com o público e com as autoridades — nos mais diversos setores.

**GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.**

SÃO. CAETANO DO SUL - SÃO PAULO



# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr\$. 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO  
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —  
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E  
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —  
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

## AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aeroporto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Preto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Jundiaí	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Lençóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigüí	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Cacapava	Novo Horizonte	São José do Rio Preto
Campinas	Olimpia	São Simão
Campos do Jordão	Ourinhos	Sorocaba
Casa Branca	Palmital	Taubaté
Catanduva	Penápolis	Tanabi
Dracena	Pinhal	Tietê
Franca	Piracicaba	Tupã
	Pirajuí	

## AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Goiânia — Goiás	Rio de Janeiro — Distrito Federal
Campo Grande — Mato Grosso	Uberlândia — Minas Gerais
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

Governava o Estado de S. Paulo o dr. Jorge Tibiriçá, tendo como Secretário da Justiça e Segurança Pública o dr. José Cardoso de Almeida quando, pela Lei n.º 958, de 28 de setembro de 1905, foi fundada a nossa Caixa Beneficente. Em 2 de outubro de 1906, já à frente daquela Secretaria de Estado o dr. Washington Luís Pereira de Souza, foi a instituição regulamentada pelo Decreto n.º 1407.

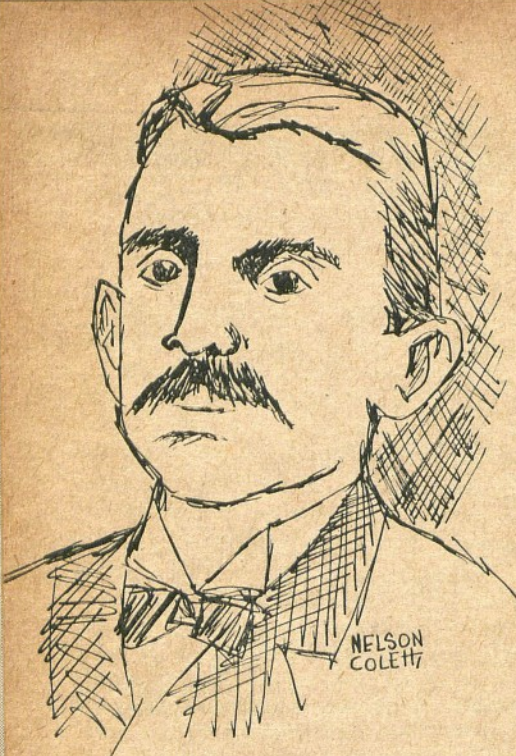
Cinqüenta anos, pois, completou a nossa Caixa, e os benefícios efetivados asseguram-lhe a admiração profunda e a gratidão eterna que lhe vem devotando toda a família policial-militar de São Paulo.

Longo seria enumerar os serviços assistenciais que, até esta data, prestou aos elementos da nossa Corporação. Impossível, de outra forma, seria determinar-lhe a extensão do quanto há de fazer, ainda, em favor dos seus contribuintes. O certo, porém, o de que se não duvida, é que a Caixa Beneficente, a primeira no gênero criada no Brasil, tem cumprido, com fidelidade irreprochável, a missão altamente nobilitante de assistir, sob aspectos vários, aos componentes da nossa Força Pública. Firme e feliz na gestão do seu patrimônio que, cada dia, mais cresce para nosso conforto e orgulho, a cinqüentenária entidade afirma-se como garantia de um futuro certo para as nossas famílias. Não há esquecer-lhe o passado de realizações cujos efeitos, bem vivos, fundamentam a grandeza do presente. Não há duvidar-lhe o porvir esplendoroso quando, em nossos dias, sentimo-la em marcha decidida a objetivos que, atingidos, mais a engrandecerão.

Em 16 de outubro de 1906, por força da regulamentação acima referida, reuniu-se o seu 1.º Conselho Administrativo que, então, elegeu a seguinte 1.ª Diretoria: Presidente — Cel. José Pedro de Oliveira; Procurador — Ten. Cel. Francisco Alves do Nascimento; Secretário — Ten. Cel. Antônio Batista da Luz e, Tesoureiro — Ten. Cel. Antônio do Carmo Branco.

De lá até os nossos dias, sem onus para o Tesouro do Estado, vem a Caixa Beneficente formando o seu capital, inicialmente arrecadado através de contribuições de jôias de ingresso, bem como de um dia de "ordenado" mensal de todos os integrantes da milícia paulista. Hoje, para satisfação geral, aprez-nos divulgar que o seu patrimônio é estimado em Cr\$ 230.417.202,70 (relatório de 1955). Esclareça-se, outrossim, que além do pagamento de pensões às viúvas, aos filhos e demais beneficiários de oficiais e praças, cujo montante ascende a quantia de Cr\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros) mensais, inverteu a instituição, em suas Carteiras de Empréstimos Imobiliários e Simples, nada menos que Cr\$ 257.482.524,60 (duzentos e cinqüenta e sete milhões, quatrocentos e oitenta e dois mil, quinhentos e vinte e quatro cruzeiros e sessenta centavos); isto, aliás, a partir da criação de tais Carteiras, o que se deu no ano de 1926.

Motivo de júbilo para todos nós, pois, a data em que a Caixa Beneficente da Força Pública comemora o seu cinqüentenário de fundação. MILITIA, mui justamente, associou-se a todas as homenagens que lhe foram prestadas.



ESPECIAL PARA "MILITIA"

# Euclides da Cunha

**Paulo Henrique**

(Prof. do Colégio Estadual  
"Nelson Fernandes")

**EUCLIDES** Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Cantagalo, Estado do Rio, a 20 de janeiro de 1866, filho de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha e de D.<sup>a</sup> Eudóxia Moreira da Cunha. Cedo órfão, logo conheceu a adversidade que o acompanharia até o túmulo.

Na Escola Militar já revelava o seu pendor literário e vigorosa inteligência, a par de caráter reto e acendrada combatividade. Bebera do mes-

tre Benjamin Constant tôda aquela conduta vertical, e o ascetismo, e o amor à pesquisa da verdade. Fêz-se republicano tão ardoroso que, ao cabo de 3 anos de curso superior, às vésperas de receber as insígnias de oficial, atira o espadim aos pés do Ministro da Guerra, Brigadeiro Tomas Coelho, que inspecionava a Escola. Pintado como impulsivo e neurótico pelos que tentavam salvá-lo, Euclides não aceita a cômoda situação que lhe propunham; reitera seu horror à monarquia, regimen de privilégios, e é, então, expulso da Escola.

Ao XV de Novembro Euclides procurou o major Sólon; desejava conhecer a figura que transformara o movimento destinado simplesmente a afastar o Ministério Ouro Prêto, na avalanche que derrubara o Império.

Qual a surpresa, no entanto, quando a jovem filha do Major Sólon — futura causa dos seus enlevos e da sua desgraça — o conduziu à sala cheia de altas patentes, onde o cadete rebelde foi festivamente saudado. E nessa noite o destino reservava duas coisas importantes a Euclides: sua recondução à Escola Militar, donde logo sairia tenente, e o romance com Ana, ela aos 16 e êle aos 22 anos.

Daí em diante é difícil seguir-lhe os passos, tal sua mobilidade. Valendo-se das vantagens proporcionadas aos oficiais portadores do Curso de Ciências Físicas e Matemáticas, faz-se, em breve, engenheiro civil. Nessa profissão, trabalha na Central do Brasil e no saneamento de Santos e do Guarujá. Em 97, com o batalhão paulista, vai para Canudos como redator especial de "O Estado de São Paulo". Volve à Secretaria da Viação, e, reparando a ponte de São José do Rio Pardo, reúne e completa, nas horas

vagas, suas impressões sobre a Campanha de Canudos — futuro livro "Os Sertões". Em 99 é eleito para o Instituto Histórico e, na vaga de Valentim Marques, para a Academia Brasileira de Letras. Em 1905, num dos mais notáveis feitos de penetração, e em fértil trabalho científico, encarregado da delimitação de nossas fronteiras com o Peru, atinge as últimas vertentes do alto Purus.

A 14 de julho de 909, após famoso concurso em que, nas condições mais adversas, alcança o 2.º lugar, é nomeado professor de Lógica do Colégio Pedro II. A lei facultava a escolha entre o 1.º e o 2.º classificados, mas Euclides relutava em aceitar o cargo, pois a dianteira coubera a Farias Brito, Rio Branco e Coelho Neto, no entanto, sabedores das dificuldades econômicas do Euclides, e, tendo em conta os enormes serviços por ele prestados à nação, convencem-no a tomar posse da cátedra. Porém 32 dias depois, a 15 de agosto, em defesa da honra atingida, morre em Piedade, Distrito Federal, varado de balas.

A morte colheu-o quando planejava fixar a Amazônia numa obra que se chamaria "A página inacabada do Génesis", título que já bem define o chão amazônico, geologicamente o mais novo do Planeta, ainda não enxuto do nascimento, onde as águas e as terras, em conflito, mal estabeleceram seus limites. Se a caatinga monótona e inerte inspirou a Euclides as páginas soberbas de "Os Sertões", o que não haveria de brotar da sua sensibilidade refinada, o que não revelaria sua análise penetrante, como não haveria de se tumultuar a mente do gênio à contemplação das florestas descomunais, dos rios desmesurados, das corredeiras impetuosas, dos igarapés remansados! E toda essa

imensa planície plétórica de vida misteriosa, apossada pelo caboclo brasileiro, desde Francisco Caldeira e Pedro Teixeira até Plácido de Castro, era a afirmação estupenda do nosso homem — desse homem que,ilhado, só, inculto, doente, sugado pelo intermediário e pelo seringalista, inda teve forças para levar o pendão auri-verde até Tabatinga, eregindo Belém e Manaus em latitude onde os mais ricos, cultos, e poderosos países, só conseguiram estabelecer, nas Guianas, presídios, escravidão e desespero.

Por certo a Amazônia terá de esperar o moroso desfile das décadas — dos séculos, talvez! — até que outro penetrador inspirado, com alma de escritor e raciocínio de cientista, com um mundo de observações, o cérebro abrasado, candente de estesia, transbordante de deslumbramento, transporte ao papel, ressurreta, a história grandiosa do Amazonas, levada para o túmulo, com Euclides, na fatídico 15-8-909.

\* \* \*

Passemos agora à realização máxima de Euclides: "Os Sertões". O livro deveria ter-se chamado "A nossa Vendéia", em face de certas semelhanças entre a contra-revolução francesa de 1793, na Bretanha, de fundo religioso, opondo-se à execução de Luís XVI e a República, na qual foi empregada, com êxito, a tática de guerrilhas, valendo-se os rebeldes das árvores ocas da floresta de Saudraie como trincheira e como postos de observação, — descrita por Victor Hugo em "O noventa e três", — e, do lado brasileiro, a reação de Canudos, de origem mística, opondo-se ao banimento de Pedro II e ao XV de Novembro, com o recurso de idênticas guerrilhas, em fossos individuais, ao longo dos caminhos da ca-

atinga. Todavia, vendo nos móveis da rebelião sertaneja aspectos outros além da ignorância, do insulamento e da superstição, como a culpa das autoridades de não recorrerem empenhadamente aos meios pacíficos de dirimir a questão, preferiu Euclides um nome mais consentâneo com os objetivos do livro: "Os Sertões".

A obra divide-se em três partes: "A Terra", ou seja o palco da luta — os sertões do nordeste; "O Homem", ou o estudo dos protagonistas da tragédia, e "A Luta".

"A Terra", com 61 páginas, é o cenário descrito com sabedoria e precisão: exato no corte geológico, no levantamento topográfico, na classificação botânica. (Observar aí que Euclides adota a sistemática de Bonnier, então a melhor, e não de Engler, hoje consagrada.) São páginas para quem possuía, pelo menos, o 3.º ano do Colégio, sem o que o leitor não se aperceberá da grandeza do trabalho, sem embargo da magnífica descrição das secas, da luta das espécies vegetais para sobreviver, e, finalmente, da revitalização do solo pelo milagre das chuvas, quando, de novo, o sertão se torna um paraíso. Um dos trechos antológicos dessa parte é a tempestade (pág. 45) soberba expressão do poder descritivo de Euclides. Ao nosso ver a página 42, onde o autor mostra, com dramaticidade, a reação da flora à tragédia cósmica das secas, concluindo que esse embate vai além da passividade da vida vegetativa para se tornar um esforço superior, é das mais notáveis.

A parte "O Homem" contém 153 páginas. Embora de alto nível, exige menos erudição que "A Terra". É um cuidadoso ensaio histórico, social e

psicológico do sertanejo nordestino, bem como estudo especial da figura de Antônio Mendes Maciel, o Conselheiro. Os trechos mais abundantes nas antologias são o paralelo entre o vaqueiro e o gaúcho (pág. 118) e o estouro da boiada (pág. 125).

Finalmente, a mais extensa e emocionante porção do livro é "A Luta", com 398 páginas fulgurantes, acessíveis a qualquer um, sendo, no entanto, uma assimilação maior ou menor dos seus elevados conceitos, função da cultura do leitor.

Antônio Mendes Maciel, que passou trágicamente para a História como Antônio Conselheiro, foi um sofredor que a infelicidade levou ao crime; do crime foi ao arrependimento, fazendo-se eremita; daí, a fanático, polarizando o misticismo dos sertanejos, tornando-se, finalmente, um rebelde contra a República, que enxergava, no casamento civil, uma heresia, e, convicto do direito divino os reis, pregou que não pagassem impostos. Tudo porém, resultava inócuo, e, no seu distante império, lá no alto Vasa-Barris, Conselheiro não poderia constituir nenhum perigo ao novo regimen.

Entretanto, uma encomenda de madeira, para conclusão da Igreja do Arraial, não foi entregue na data aprazada, e seu retardamento, sem motivo justificável, deu ao chefe jagunço a idéia de má fé, aliás esposada por Euclides. Tudo teria sido, mesmo, inspirado pelo dr. Leoni, juiz de direito de Joazeiro, para ensejar uma provocação sertaneja que motivasse a ação legal contra os jagunços. Euclides não conclui se o dr. Leoni agiu apenas por motivos de vingança pessoal ou se, também, com o intuito de afastar o perigo latente, constituído pelo conglo-



merado de crentes e malfeitores reunidos em Canudos.

Conselheiro reagiu a seu modo: ameaçando Joazeiro, a florescente cidade do São Francisco, ante o que as autoridades estaduais baianas, alegando a insuficiência da policia, solicitam a ação de forças federais. Segue a 1.<sup>a</sup> expedição, com 100 praças do Exército, ao mando do tenente Ferreira Pires; mas os jagunços, com surpresa, foram-lhes ao encontro, derrotando-os em Uauá, em novembro de 96.

Alarmada agora a Capital baiana, organiza-se a 2.<sup>a</sup> Expedição, sob o comando do major Febrônio de Brito, com 600 homens, que partiu em janeiro de 97. Euclides descreve com emotividade a passagem do Cambaio, desfilar onde os jagunços resistem valorosamente. Febrônio chega às portas de Canudos — a Tróia de Barro — mas, intimidando-se com a falta de munição, desperdiçada no Cambaio, volve, então, como Anibal, à vista do objetivo. Euclides pinta, depois, impressivamente, a "procissão dos mortos", todos eles levados em redes, iluminados por cirios, pelos caminhos da caatinga, a fim de serem inhumados em Canudos, sem o que, ensinava o Conselheiro, não teriam a salvação eterna...

Em março de 97 já estava pronta a 3.<sup>a</sup> Expedição, com 1.300 homens, sob o comando do cel. Moreira César, o terrível Tigre do Destêrro. Ordenando à tropa uma longa e áspera marcha forçada, e, logo após, um ataque ao Arraial, os soldados, exaustos, internaram-se pelos becos e meandros da Tróia de Barro, onde foram duramente batidos. O cruel comandante, o subcomandante, cel Tamarindo, o bravo artilheiro, cap. Salomão da Rocha, são todos trucidados.

A notícia faz agora tremer a própria Capital Federal, onde se acredita numa contra-revolução monarquista, dirigida do exterior por exímios estrategistas, e subvencionada pelo ouro estrangeiro.

O Rio de Janeiro, vive, então, momentos dramáticos. Os jornais monarquistas são empastelados, e barbaramente linchados muitos simpatizantes da monarquia. Como se julga a República ameaçada, organiza-se a 4.<sup>a</sup> Expedição, em dois corpos, um ao mando do eficiente e valoroso gen. Savaget, e outro sob o do incauto gen. Artur Oscar, além da Brigada Girard e outros reforços, com cerca de 10.000 soldados de linha.

No dia 5 de novembro de 97 cai finalmente o arraial sertanejo, ao tombar morto o último defensor; suas 5.200 casas, de barro, são destruídas uma a uma. A vitória custara ao Governo 5 mil soldados, isto é, 10 vezes mais mortes que as sofridas na recente ação da Fôrça Expedicionária Brasileira na Itália.

Euclides, ao embarcar para o "front", embora em missão jornalística, envergara seu uniforme de 1.<sup>o</sup> Ten. de Engenharia, pronto a servir à República. Mas, ante as atrocidade verificadas, assumiu a defesa dos mais fracos, e contava, sem medo, as cenas degradantes que presenciava. Dentre elas realça a indiferença de um 5.<sup>o</sup> anista de medicina, e a de um oficial recém-saído da Escola Militar, que apreciavam a degola de um prisioneiro, sem intervir.

Sua pena vibrou em favor daqueles que, antes de bandidos, eram infelizes, e que caíram, um a um, estoicamente, contra a Pátria, que só vieram a conhecer através dos obuzes e das

baionetas. Canudos motivara um livro másculo, o monumento da nossa literatura, e que, além de compêndio de civismo, de cuidadosas anotações históricas e científicas, revela-se, com todo o seu vigor estilístico, um libelo contra a violência; um depoimento contra a guerra.

Vejamo-lo à página 570 ígneo e eterno: "Canudos tinha, muito apropriadamente, uma cercadura de montanhas. Era um parêntesis: transposto aquêle cordão de serras, ninguém mais pecava. Realizou-se, então, um recuo prodigioso no tempo; podia-se representar lá um drama da Idade das Cavernas. A animalidade, lentamente expungida pela civilização, ressurgiu inteiriça. Desferrava-se afinal; encontrou nas mãos ao invés do machado de diorito e do arpão de osso, a espada e a carabina. Mas a faca lembrava-lhe melhor (observar que Euclides se refere à matança dos prisioneiros, feita a faca) o antigo punhal de sílex lascado. Vibrou-a. Não tinha a temer o juízo remoto do futuro... a História não iria até ali. Afeiçoara-se a ver a fisionomia temerosa dos povos na ruína majestosa das cidades vastas, na imponência soberana dos coliseus ciclópicos, nas gloriosas chacinas das batalhas clássicas, na selvaticueza épica das grandes invasões. Nada tinha que ver naquele matadouro".

Mas Euclides se engana. A História estava ali presente. Ele, Euclides, era o embaixador da História. Esquecera-se de quê, sempre, entre 10 mil, existe um Xenofonte... E que embaixador! Vejamos à página 571 o seu protesto:— "Mas, que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacável e revólta; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque

é um grito de protesto; sombria porque reflete uma nódoa — esta página sem brilhos".

Vejamo-lo, agora, à página 611, na ante-despedida de "Os Sertões". "Canudos não se rendeu; exemplo único em tôda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens e uma criança, à frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados".

E agora, ao encerrar o livro, 2 linhas: "É que, ainda, não existe um Maudsley para os crimes e as loucuras das nacionalidades"...

Em 1947 foi nosso último contacto com a situação editorial de "Os Sertões". Cerca de 20 edições do livro, em português, fizeram a prosperidade dos seus editores, mas a família de Euclides ficara na miséria, o que, certamente, dará o que pensar de um País onde o menos amparado de todos os trabalhadores é o trabalhador intelectual.

A primeira versão do livro foi para o castelhano; depois, para o inglês, por Samuel Putnam, contando já 2 edições; a 7-9-46 saia a 1.ª edição francesa. Ouvimos, também, falar em versões para o italiano, para o alemão e para o russo. É a universalidade da obra do gênio.

O maior biógrafo de Euclides, Sílvio Rabelo, termina a grande vida a que se propôs estudar, concluindo ser o autor de "Os Sertões", como indivíduo, um autêntico fracassado. Sonhara para si uma trajetória retilínea, mas o destino lhe determinou o mais irregular dos caminhos. Por isso, escrevera Euclides a Vicente de Carvalho: "Quem

definirá, um dia, essa maldade obscura e inconsciente das cousas, que inspirou aos gregos a concepção indecisa da fatalidade?”.

Euclides fizera-se militar e deixou a farda; fizera-se republicano, mas Canudos mostrou-lhe o divórcio entre o governo e o povo, e, então, o cadete republicano metamorfoseia-se, pouco a pouco, no socialista de São José do Rio Pardo. “Fêz-se engenheiro, mas a profissão lhe pesaria como um remorso”. O livro que idealizara como obra máxima — “A Página Inacabada do Gênesis” — não passou de projeto arrebatado pela morte. O lar, que significaria a tranqüilidade e o carinho anelados, custara-lhe a vida, a humilhação, e, depois, o assassinio do próprio Euclides da Cunha Filho!

Segundo o biógrafo, só no sertão escaldante e bravo encontrara a alma irmã. A êle, de fato, deveu Euclides a immortalidade, “transpondo em livro as emoções de que se embebera na terra ressequida e ensanguentada”.

Finalmente, para nós, Euclides faz lembrar esses aerólitos que, atraídos pelo campo de gravidade da Terra, adquirem logo enorme velocidade de queda, que os atrita fortemente, dada a resistência do ar. Do atrito vem o calor e, da elevação da temperatura, a incandescência, a luz.

Com a fricção eles se gastam e, ao atingirem as camadas atmosféricas que nos são mais próximas, estão inteiramente consumidos. E, do que era um bólido, resulta fina poeira cósmica. Mas iluminaram o céu com sua passagem!

Assim, a alma veloz de Euclides chocou-se com a aspereza da vida, movendo-se, precipite, para a tragédia. Dêsse contacto com as durezas do mundo veio a sua dor e a luz do seu gênio. A existência pulverizou-se-lhe pelo caminho que o destino lhe impôs. Mas a sua passagem foi um traço de glória: — um fulgor iluminando a nacionalidade!



## Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com “MAIZENA”, o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

# UM PROBLEMA DE FAMÍLIA

*Dr. Aldo de Assis Dias*

Julz de Menores

**A**NTES mesmo de assistir o menor abandonado e o menor infrator, faz-se mister assistir a família, moral e materialmente.

Assistindo a família, assistimos o menor, pois é princípio fundamental, universalmente aceito, que o problema de menores é, sobretudo, um problema de família.

E é, por isso, que se pode afirmar, com segurança, que o abandono e o desajustamento dos menores resultam do desamparo e falta de assistência à família e da sua conseqüente desagregação.

Não há dúvida que o desajustamento da criança tem a sua origem no desajustamento da família, e este, por sua vez, se origina, na mor parte dos casos, da pobreza, e porque não dizer da miséria, que força os pais a deixarem os seus filhos perambulando pelas ruas, entregues, desde cedo, à mendicância e à vadiagem.

Reconhecem, também, todos quantos se aprofundaram no estudo do menor desajustado, que as dificuldades econômicas, em famílias de poucos recursos, acarretam a necessidade de entregar, às vezes, ao Estado, o filho em risco de não poder ser alimentado, cuidado e educado

Mas, a facilidade de se desfazer do filho por muitos outros motivos, que não dessa ordem, constitui maioria.

Esta é a revelação impressionante feita, há anos atrás, pelo então Diretor técnico-científico do Serviço de Menores do Estado:— 40,37% dos menores que são internados no Serviço Social de Menores têm pais e mães vivos. Isso demonstra que, por incompatibilidade de gênios, por falta de recursos econômicos ou por inabilidade na direção do lar, pais e mães não possuem capacidade para conservar os seus filhos em casa, obrigando-os a recorrer ao auxílio do Estado”.

O desajustamento da criança tem, também, a sua origem nos casos de orfandade, geralmente, de ambos os pais, que leva o menor a ficar em lamentável estado de abandono.

Isso acontece, também, na maioria das vezes, quando o menor é órfão de mãe, caso em que o pai, necessitando de trabalhar fora de casa, deixa os seus filhos menores sòzinhos, durante todo o dia, sem ninguém para tomar conta dos mesmos. Ou então, quando por esse motivo ou por não resistir ao estado de viuvez se entrega a uniões ilícitas, com mulheres casadas e separadas do marido, nascendo, daí, uma prole ilegítima e adulterina, relegando os primeiros filhos a um plano secundário, de vez que a concubina, geralmente, tem interêsse apenas na criação e educação de seus filhos.

Quando é órfão de pai, a mãe, não tendo mais o chefe do lar para arcar com as despesas do mesmo, tem que recorrer ao trabalho, sendo comum ver-se a viúva pobre deixar o lar o dia todo para ir trabalhar, deixando os seus filhos sòzinhos em casa ou em casa de vizinhos, ou ao léu. E é, por isso

que muitas vezes, cansada de tanto sacrifício e de ver os seus filhos sacrificarem-se também, desde pequeninos, se entregam a uniões ilícitas, na esperança de uma vida mais fácil, mais confortável para seus filhos, e daí surge a mesma situação deplorável, de ruína moral, que acima focalizamos.

Eis aí porque, dia a dia, está aumentando o grau de dissolução e desorganização da família. O ponto mais grave desse problema, no dizer do já citado técnico do S.S. Menores, "reside no seu reflexo sobre o abandono e o desajustamento dos menores". Daí, a necessidade premente de uma "ação de fortalecimento e apoio à família", pois, caso contrário, o nosso Estado "caminhará para uma situação calamitosa, cujas conseqüências são imprevisíveis, sabendo-se que a família é a pedra angular da Sociedade e o mais firme esteio do Estado".

A propósito da situação perigosa em que se encontra a família pobre, quando a mãe tem que trabalhar fora de casa para o sustento de seus filhos, surge essa angustiosa alternativa, tão bem focalizada por Coulet:— "É necessário que ela saia do lar para impedir que ele pereça; e, ao mesmo tempo, é bastante que ela saia dele para que ele seja ameaçado de morte".

Dentre as medidas indicadas, a que se nos afigura mais apropriada e aconselhável para evitar-se tal desajustamento, é a preconizada pelo dr. Jorge Queirós de Moraes, ilustre membro do Conselho Social de Menores do Estado:— "criação de creches em todos os bairros, principalmente nos bairros operários mais populosos, para lactantes, e o pré-escolar, permitindo, assim, o trabalho materno". "É preciso, também, que se cumpra a lei, obrigando as fábricas com mais de trinta (30)

operários de qualquer idade, ter uma creche".

Em certas cidades, como a de Santos, que conta com bom número de Parques Infantis, a melhor solução, a meu ver, é a consistente no aproveitamento dos aludidos Parques como semi-internatos, funcionando das 7 às 19 horas. Eis o que, a respeito, escreveu o distinto e ilustre representante de "A Gazeta" nessa cidade, na edição de 1.º do corrente mês, em seu "Bilhete de Santos":— "Então ali deixariam os pais os filhos pequeninos, nas horas de trabalho, retirando-os à noite, quando regressarem de seus mistérios. Tal critério seria de alcance extraordinário para a solução do problema dos menores". "Os Parques Infantis devem destinar-se, principalmente, às crianças pobres, aos filhos dos que trabalham e não têm onde deixá-los, enquanto lutam pelo pão de cada dia".

Esse notável articulista, que é o sr. Gomes dos Santos Neto, competente, esforçado e bondoso Diretor do "Educandário Santista", não só escreveu, sentindo o problema em seu coração, como também deseja contribuir, com o seu esforço e ação, para a solução, em parte, do mesmo. Tanto assim que já entrou em entendimento com o Juízo no sentido de, por intermédio do "Serviço de Colocação Familiar", serem internados naquele modelar Educandário, durante o dia, das 7 às 19 horas, os menores de 3 anos para cima, cujos pais ou mães, reconhecidamente necessitados, trabalham, longe de suas casas, para prover o sustento dos lares. Durante o internamento, os menores se dedicarão ao estudo, tomarão parte nos folguedos e serão alimentados.

A respeito dos Parques Infantis, o Juízo já entrou em entendimento

com a distinta senhora d. Diva Fialho Duarte, digna Inspetora dos Parques da cidade, a qual, profunda conhecedora do assunto, se mostrou bastante entusiasmada no aproveitamento dos referidos Parques como semi-internatos, e está pronta a cooperar para a melhor solução desse problema, uma vez que conte com a autorização do poder municipal e a cooperação do poder legislativo do município, das demais autoridades e do concurso direto do povo.

Certamente, tal apóio não faltará, ainda mais na cidade de Santos, que é a cidade da Caridade, por excelência.

Para tal empreendimento, todos deverão cooperar e colaborar, e principalmente as sociedades e famílias dos bairros, onde funcionarão os semi-internatos, e até mesmo, com o que for possível, os pais, mães ou responsáveis legais dos menores internados. Tenho certeza que, com o concurso de todos, a distinta e competente Inspetora dos Parques Infantís realizará, mercê de sua experiência, capacidade e boa vontade, notável obra nesse setor.

E, com referência aos meninos com mais de 11 ou 12 anos de idade, que necessitam trabalhar para auxiliarem seus pais, devemos conjugar nossos esforços em prol da formação e organização de clubes do pequeno trabalhador, conforme plano admirável do dedicado e bondoso padre Antônio Olivieri, que, com a cooperação daquele Juizado, dos Poderes Municipais e Legislativos da Comarca, da Associação Comercial de Santos e de todos os corações de tão generosa terra, em pouco tempo há de ver, por certo, a sua idéia e os seus esforços nesse sentido, concretizados em magnífica realidade! Nesses locais, terão os meninos habitação salubre, ambiente de disciplina,

ar puro e luz abundante, alimentos saudáveis, vestes higiênicas, exame médico, cuidados preventivos da saúde, contato e manuseio com bons livros e boas leituras e exercícios corpóreos.

É de citar-se, também, como causa de desajustamento, o crescimento enorme das grandes cidades, como a de Santos, influenciado pelo êxodo rural, pelo êxodo de nortistas e nordestinos, que aqui chegam e não encontram a Chanaan dos seus sonhos. E, com a falta de moradias e de empregos, de parentes ou conhecidos para lhes encaminharem, se embrenham pelos matos, vivendo em casas de sapé ou debaixo de barracas improvisadas, ou mesmo de árvores. Surgem, daí, os casos de mendicância, de vadiagem, de desespero e revolta dos chefes de família, que, às vezes, acabam se entregando ao vício da embriaguez, ou então, à prática de ações criminosas; e daí por diante, ficam as suas mulheres e filhos relegados ao abandono e na mais completa miséria.

E, muitas vezes, essas famílias conseguem lugares na "Santa Casa Velha" ou na "Areia Branca", em promiscuidade excessiva, o que, por outro lado, não deixa de agravar a situação dos menores, que não encontram a devida proteção no lar. E, no meio dessa promiscuidade, os adultos vomitam impropérios, blasfêmias e imoralidades — diante dos pequeninos, cuja inocência deviam respeitar. "E as crianças, como discos de vitrola, no dizer de um sociólogo, apanham, retêm e repetem os mesmos impropérios, as blasfêmias e as imoralidades que ouvem e que vêem".

E' de se lamentar, malgrado nosso, que dos locais acima citados e de outros semelhantes existentes nesta e em outras cidade da comarca, surge o mai-

or número de menores abandonados, vadiando, mendigando e fazendo tropelias pelas ruas, e, às vezes, embriagando-se, e quando não, furtando.

São por demais pungentes, dolorosas mesmo, deprimentes, as cenas que, a todo momento, presenciávamos nas ruas dessa grande cidade, quando no exercício de nossa função fiscalizadora de Juiz de Menores, — principalmente após determinarmos a retirada das vias públicas de mulheres e homens, esfarapados e mendigos, acompanhados de inocentes crianças, às vezes para suscitem a comisseração pública, sendo que algumas dessas crianças acompanhantes, de tenra idade, nem seus filhos são, mas sim, alugados de estranhos.

Que triste sorte a dessas crianças, que, desde cedo, são forçadas a viver perambulando pelas ruas, entregues à mendicância, ao vício e ao infortúnio.

Outra causa a ser apontada é o da invalidez ou da enfermidade grave de um dos pais, principalmente do pai, caso em que é obrigado a substituir o trabalho por um leito, às vezes permanentemente, surgindo, então, um quadro de extrema aflição, como já nos tem acontecido verificar: enquanto o pai tinha saúde e podia trabalhar, nada faltava à sua família; mas depois que foi acometido de moléstia grave, como a tuberculose, que está disseminada pelo nosso interior, o seu lar se desorganizou, tendo a esposa que trabalhar para fora, a fim de não deixar faltar o pão aos seus filhinhos; todavia, aconteceu que essa sua situação não pôde perdurar por muito tempo, de vez que o seu marido enfermo necessitava de sua assistência permanente e de sua presença em casa, a fim, também, de evitar o contato de seus filhos com o pai tuberculoso; em razão disso, teve

então que viver da caridade pública, e as inocentes crianças sempre nas ruas da cidade pedindo esmolas aos mais afortunados; daí, o completo desajustamento daquele lar, e se não fôsse socorrido a tempo, como felizmente foi, acabariam os menores ficando em estado de completo abandono, e o pior, ainda, mãe e filhos contaminados pela moléstia cruel e condenados afinal ao mesmo sacrifício do chefe da família.

É, precisamente, nesse estado de abandono, oriundo da miséria moral, do pauperismo, da enfermidade grave, da mancebia, da segregação dos pais do convívio social, da embriaguez, do dessemprêgo, como também da indiferença dos pais e da sua falta de capacidade para dirigir e manter o lar com competência e dignidade, afora os casos de orfandade, acima examinados, — que a maioria das crianças, de tanto perambular pelas ruas da cidade e pelas estradas, se atola no lodaçal do crime.

Infere-se, do exposto, que a principal causa desse mal do menor abandonado e, conseqüentemente, do menor infrator, consiste no desajustamento familiar.

Felizmente, já foi adotado e aceito em nosso Estado o princípio de que o ambiente familiar é o mais apropriado para a formação moral da criança, ou melhor, de que o problema do menor deve ser resolvido dentro da própria família, sempre que possível, como meio natural e legítimo; e caso não seja possível essa solução, então, deve-se recorrer à colocação do menor em outra família, a da "família-substituta", sendo que, somente em último caso, deve-se cuidar do internamento oficial ou particular do menor abandonado. Nessa matéria, como mui admiravelmente acentuou o eminente dr. João Batista de Arruda Sampaio, profundo

concededor do assunto de menores:— "a preocupação constante é a de não se deformarem os menores nos "reformatórios".

Foi em razão das idéias pregadas nas "Semanas de Estudos do Problema dos Menores", promovidas sob os auspícios da Egrégia Presidência do Tribunal de Justiça do Estado, que surgiu a Lei n.º 560, de 27 de dezembro de 1949, que instituiu o regime de colocação familiar.

A sua principal finalidade é amparar as famílias substitutas, isto é, as que estão substituindo as famílias dos menores; é colocar em casas de famílias, "a título gratuito ou remunerado, os menores de 0 a 14 anos que, por força de fatores individuais ou ambientais, não tenham lar ou nêle não possam permanecer".

Somente, em caráter excepcional, poder-se-á estender os benefícios previstos no art. 8.º da precitada Lei à própria família do menor necessitado (art. 13), visando proporcionar a menores necessitados, ambiente favorável ao seu desenvolvimento; e, isso mesmo, no caso de não haver na comarca, instituição que se incumba de assistência à família.

Eis o que reza o art. 8.º: — Em se tratando de colocação remunerada, o Juiz, atendendo ao custo de vida na região e às condições especiais de cada caso, fixará o auxílio a ser pago às pessoas que receberem os menores, em quantia não superior a Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros) por menor". — § único:— "Em casos excepcionais de moléstia grave ou falta de vestuário, ou em se tratando de menor-problema, devidamente verificado, o Juiz poderá conceder auxílio extraordinário não excedente de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros).

Mas, acontece que, geralmente, no nosso meio rural e urbano, a maioria das famílias do nosso trabalhador, principalmente o agrícola, com proles numerosas, se encontra em situação premente de necessidade econômica, oriunda de certos fatores sociais, situação essa de caráter quase geral, que requer, pelo menos por enquanto, até que seja diminuído de forma sensível o custo de vida, atualmente desproporcional e mesmo calamitoso, — a assistência, o amparo e a orientação do Poder Público.

E é, por isso, que, além da medida de ação recuperativa, prevista na citada Lei, que é o seu principal objetivo, consistindo na colocação do menor órfão e abandonado, de 0 a 14 anos, em casas de famílias, o que, inegavelmente, constitui melhor solução que o seu internamento, deve figurar, em plano igual, e não apenas em caráter excepcional, a medida de ação preventiva, que é tão importante e necessária como a primeira que visa proteger e assistir a família ameaçada de desajustamento, de ficar com o seu lar desorganizado, isto é, a família que se enquadra perfeitamente entre os casos já acima examinados.

Aliás, essa é a orientação que vem sendo adotada por todos os Juizes de Menores deste Estado, na execução da mencionada Lei, dando-lhe maior amplitude relativamente às medidas de ação preventiva com igual preferência das de ação recuperativa.

Ademais, cumpre reconhecer que, em nenhuma comarca do Estado existe instituição que se incumba, única e exclusivamente, de assistência à família.

Existem, em quase todas as cidades deste Estado, a "Associação de Proteção à Infância e à Maternidade",





CLICHES  
TRACO  
TRICROMIA  
AUTOTIPIA

Fotografia

**MODERNA**

**VIUVA ARDINGHI & FILHOS LTDA.**

**R. GUAIANAZES, 467 - TEL. - 52-2966 - S. PAULI**

sob cuja direção funcionam os Postos de Puericultura, e a "Legião Brasileira de Assistência" cuja principal finalidade, na cidade de Santos, é a assistência médica à gestante e ao menor até 3 anos (nos ambulatórios), alimentação artificial (leite em pó e mamadeira pronta ao menor até 3 anos, leite no Pósto), e alimentação à gestante durante três (3) meses, etc..

Aliás, a "Legião Brasileira de Assistência", naquela cidade, que vem sendo dirigida por dona Marina Magalhães dos Santos Silva, ilustre dama da nossa sociedade, digna de admiração de todos nós, pela sua capacidade admirável, pelo seu espírito de luta incansável e pelos seus admiráveis dotes de coração, tem colaborado estreita e eficientemente com o Juízo de Menores, sendo inúmeros os casos de famílias necessitadas e ameaçadas de desajustamento que, por meio daquela instituição, nos tem sido encaminhados.

Com a organização e o perfeito funcionamento do "Serviço de Colocação Familiar", de forma a assistir e amparar a família substituta e a família-origem, em igualdade de condições, de modo que, por intermédio da citada Lei, sejam exercidas, conjuntamente, tanto a ação recuperativa como a ação preventiva, como sói acontecer em tôdas as comarcas do Estado, não haverá necessidade de se criar instituição que socorra as famílias necessitadas,

com menores de 0 a 14 anos, pois os esforços e trabalhos de todos, quer do Estado, quer das autoridades, quer de tôdas as entidades assistenciais da comarca, poderão ser conjugados, para maior êxito e para a completa vitória do "Serviço".

Com a ação conjugada de tôdas as instituições locais de assistência, com atribuição de reunir elementos para a melhor solução do problema ora focalizado, conseguir-se-á, por certo, uma completa e eficaz assistência e amparo econômicos moral e social às famílias substitutas e às famílias necessitadas e desajustadas, com filhos menores de 0 a 14 anos.

Unamo-nos, pois, nessa verdadeira e notável batalha contra o desajustamento da criança, a fim de não deixarmos periclitar a nossa estrutura social, eis que o Brasil de amanhã depende, de forma imperativa e vital, de boa e sólida formação social e moral da criança de hoje!

Êsse o apêlo que, de coração, ora faço, a fim de que o "Serviço de Colocação Familiar", ora reorganizado junto ao Juízo de Menores de Santos, com a cooperação e colaboração de seus dirigentes, dos poderes municipais e das entidades assistenciais existentes naquela comarca, alcance o fim almejado pela Lei 560, cujo regime instituído é a melhor solução para o problema do menor abandonado.



## E MORRE UMA FLOR NA BÔCA DO CANAL...

Cap. Plinio D. Monteiro  
Ilustração do autor

Os jornais e revistas andavam embandeirados com as fotos das disputantes ao ambicionado título de "miss" Universo. Observamos bem as fotogra-

fas, principalmente as de conjunto, e verdade é que não vimos, somente, o aspecto que vamos tratar: também olhamos com algum interesse outras ci-

cunstâncias e minúcias. Assim, foi que pudemos observar, por exemplo, que os maiôis eram de reputadíssimas marcas e as moças estavam bem penteadas. Nada mais vimos, nem nos foi perguntado.

Entretanto, aquela promiscuidade internacional, em que "miss" Itália tomava banho de mar entre as representantes da Turquia, de Cuba, da Suécia, da Inglaterra, do Brasil, mostravam ao mundo as possibilidades remotas de entendimento sadio entre os vários povos, ou pelo menos entre os seus representantes.

Verdade que as jovens venus disputavam apenas um título, e não se achavam, portanto, imbuídas das prevenções e artimanhas diplomáticas; não estavam ali reunidas para impor, pelos seus países, a hegemonia no comércio mundial. Não estavam conquistando, apesar de seus ótimos físicos, valores materiais para as suas Pátrias. Só buscavam troféus de glória.

Esses momentos, num mundo atormentado como o atual, trazem esperanças a uma Terra menos belicosa e menos egoística. Essas disputas de títulos de beleza e as reuniões olímpicas, são talvez as únicas ocasiões em que o homem deixa de ser inter-

nacionalmente egoista, e se bem que não chegue, quiçá, a compreender que o rapaz da Austrália, como o jovem da Alemanha, ou o moço do Japão, têm todos as mesmas aspirações, os mesmos desejos e os mesmos sonhos que os da Corêia, conseguem pelo menos nessas oportunidades se integrar no espírito coletivo que está representando.

Nascido em qualquer parte do mundo, coberto por esta ou aquela bandeira, reunido neste ou naquele grupamento político, racial ou religioso, o homem tem a mesma vontade de conquistar um lugar ao sol, o mesmo de-

sejo de ganhar com largueza para satisfazer às necessidades e as superfluidades da vida, os mesmos sonhos de amor, as idênticas ilusões que dão motivo ao desejo de viver, que são o impulso da mocidade e a saudade repousante da velhice.

É preciso promover cada vez mais certamens internacionais, para que se faça sentir sempre mais forte a linguagem universal do coração; para que a compreensão, o interesse puro pelo semelhante, a amizade sem prevenções, passem a ser de entendimento mundial, ser compreensível a todos como já o são a música, a

pintura, a escultura e a dor.

Pouco importa que se falem linguas diferentes, a amizade é de possível compreensão, mesmo sem a expressão da palavra. E a amizade impõe o que nenhuma lança, nenhum barril de pólvora, nenhum canhão, nenhuma bomba H, já puderam ou poderão impor — a conquista da alma humana.

Mas, ainda que a reunião do Panamá seja promissora, e esteja escrito "não vos preocupéis pelo dia de amanhã, pois o dia de amanhã cuidará de si mesmo", aí está, também, o caso de Suez nos obrigando a matutar.

## MILICIANOS DA FÔRÇA PÚBLICA!

O PLANO DE "SEGURO DE VIDA EM GRUPO" DA  
**BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA,**  
além de assegurar proteção aos seus familiares,

- é prático,
- não tem limite de idade,
- dispensa prova de saúde,
- é de custo insignificante,
- e cobre o risco de morte, qualquer que seja a causa, no serviço ou fora dêle.

**BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA**

SUCURSAL NO ESTADO DE S. PAULO.  
Edifício "Boavista de Seguros"

Rua Conselheiro Crispiniano, 120  
12.º and. - Fones 36-4893 e 35-9470

— SÃO PAULO —

**B**ATUQUES E CANDOMBLÉS são antros de feitiçaria, que contam com presença de um "pai-de-santo". Os BATUQUES caracterizam-se pela presença de uma "farmácia", com remédios para as questões de amor; nos CANDOMBLÉS fervilham a cartomância e quejandos, para conhecimento do futuro, solução de negócios, felicidades em eleições, etc.

PAI-DE-SANTO, também denominado BABALÃO, é um feiticheiro de alta categoria.

FEITIÇO, encantamento a que é atribuído poder sobrenatural, está dividido em FEITIÇO-SIMPÁTICO e em FEITIÇO-SIMBÓLICO. O primeiro

---

---

## MACUMBA, ETC.

PROF. LUÍS SILVA

(ESPECIAL PARA "MILITIA")

---

---

vai desde os movimentos e gestos desordenados até os DESPACHOS e COUSAS FEITAS, cuja heterogenia é das mais disparatadas. Assim, por exemplo, o EFFIFA, que preparado com bezouros moídos e prêso a uma forquilha de goiabeira, é considerado específico para unir dois corações.

A preparação do EFFIFA é feita sob o continuo pronunciar da prece chamada OJÓ.

Ainda uma terceira classe de feitiço, aliás a mais perigosa, compreende as beberagens, a ingestão de animais

em estado de ovos ou larvas, de excrementos de animais, de venenos animais, vegetais, minerais. Não raramente, o vidro moído, a pólvora, o cabelo, pêlo de rezes, etc., são usados como elementos de alto valor.

Tôdas essas práticas atendem ao desejo insatisfeito e angustioso de certos estados de alma, chegando até a vingança, constituindo as crendices e as superstições. Assim, por exemplo, o número 13 é tido como "número de azar". Indivíduos cultos não viajam no dia 13, maximé numa sexta-feira, não se sentam à mesa formando 13 pessoas e até mesmo certos hotéis, na América do Norte, não "possuem" o 13.o andar, passando do 12.o ao 14.o andar e reservando o 13.o para os serviços.

Os AMULETOS, TALISMAS, BRÉVES, PATUAS, etc., são também, de largo uso, até mesmo na Igreja Católica, com o ESCAPULARIO formado de dois pequenos quadrados de pano "bento", e que os devotos trazem ao pescoço.

Ferradura, trevo, figa, corcunda, triângulos mágicos, a arruda, o mangericão, o elefante de tromba levantada, o olho de cabra, os "porte-bon'heur", vendidos no comércio desde as chamadas casas de "hervanerias" até o alto comércio de joalheria, mostrando como as crendices e as superstições estão difundidas em tôdas as camadas sociais.

As razões apresentadas são multiformes. Assim, a palavra AGHA, gravada em medalhas, é formada pelas iniciais das palavras hebraicas ATHAN, GABOR, HEOLAM, ADONAI, que significam "Sois poderoso e eterno Senhor". O mangericão, a arruda, o olho de cabra, o búzio da costa, além

de outros, são tidos como poderosos afugentadores dos maus espíritos e, quando pronunciada a palavra AOUIM, é afastado o gênio do mal ECHU. A cola amarga, OLOBÓ, os números 3, 7 e 13, além de outros breves, ASSIQUIS, servem para "fechar o corpo".

Longe iríamos no estudo dos cifóticos, dos lordódicos, que gozam da fama de emprestar a sorte, não sendo raro ver-se os supersticiosos passarem sorrateiramente a mão na corcunda daqueles infelizes. Os advinhos, curandeiros, feiticeiros, etc., conhecem muito bem a psicologia humana e, servindo-se dos mais fracos, aumentam o seu prestígio e chegam a subjugar grandes massas.

Os BABALOXAS não ignoram suas possibilidades no desfrutar aquelas fraquezas humanas. O BABALOXÁ tem sua origem no sacerdote do culto iorubano, de Ioruba, África, uma casta de negros do grupo sudanês.

A confiança depositada no OBI, ou na mastigação do OROBÓ ao ser rogada uma praga, ou ETÉ, assim como o uso do ORI, para não "pegar o feitiço", ou a prática da defumação, o IROCÓ, quando houver na fumaça óleo de dendê, gervão, alcaçuz, capim cidró, arruda e, ainda, cabeças torradas de certos animais, para que "nenhuma praga pegue", não é menos infantil do que o uso das caríssimas figas de jade, dos trevos de ouro até mesmo com pedras preciosas incrustadas, dos ricos elefantes de marfim, verdadeiras jóias que enfeitam a alta sociedade e também atendem à boa dose de superstição.

Nos "despachos" ou EBÓS, muita gente culta não toca nem com o pé....

O que dizer, então, de toda uma ordem de credices, que tanto fala pela necessidade jamais atendida de uma



educação mais consentânea com os tempos de hoje, a era atômica, e que invadiu até mesmo os lares cultos de cientistas, de professores e doutores, de literatos, etc.?!

Assim, comuns são as credices: varrer casa à noite — atrazo de vida; varrer para a rua o cisco — não deixa juntar dinheiro; espelho quebrado — más notícias; sal derramado na mesa — infelicidade; cair um quadro da parede — doença para o dono da casa; chinelos virados — azar; ferradura com buracos em número par — má sorte, com número ímpar — boa sorte; ficar na cama o doente quando na rua passa um entêrro — prolonga a moléstia ou o doente acompanhará o morto; dinheiro sobre a mesa — atrazo de vida; orelhas vermelhas, alguém está falando bem da pessoa e, vermelha

apenas a esquerda, falando mal; oferecer um lenço — rompimento de amizade.

O Dr. G. Padeano, estudando o estado de sugestão, no IX.º Congresso de Neuro-Psiquiatria, segundo publicação da revista "Le Monde Médical", n.º 788, afirma que "o estado de sugestão pode ficar latente ou ser avivado por uma emoção, por uma toxinfecção. Sob o ponto de vista fisiológico, êsse estado de sugestão corresponde talvez (?) a lesões mínimas de ordem físico-química das células nervosas do encéfalo, não denunciáveis pelos métodos atuais de coloração. Ou então, correspondem a perturbações funcionais do sistema extra-piramidal, sendo certo, entretanto, que a natureza dessas lesões e a sua sede permanecem ainda desconhecidas".

Vemos, então, que as credices, como dependentes, ou não, de sugestões ou auto-sugestões, constituem matéria inteiramente desconhecida da própria ciência, não comportando ainda um estudo pericial mais profundo.

A expressão "feiticeiro", hoje tida como pejorativa, já foi substituída pelas denominações CAMBINDAS, ORIXAS, YAÔU, BABALAÔS.

O curioso rito das macumbas, dos candoblés, etc., exprimindo a prática do culto fetichista afro-brasileiro, parece ultrapassar os domínios da condenada "feitiçaria" e já se apresentam como modalidades de atração para o turismo.

É evidente que o reconhecimento oficial estimula a prática das credices, pois, os elementos mais ignorantes da sociedade, por falta de meios para uma instrução mais proveitosa, por sua ignorância são as maiores vítimas.

Os feiticeiros, os mandingueiros, os macumbeiros, usam um palavreado capaz de *sugestionar* fortemente os frequentadores de terreiros abertos ou fechados e se, em verdade, "A voz do Povo é a voz de Deus", altas patentes militares, políticos proeminentes, capitães de indústria, comerciantes, doutores, etc., também frequentam aquêles terreiros e com a mesma fé seguem o culto fetichista, que dessa forma recebe o prestígio das altas camadas sociais.

Outrossim, não se diga que a terminologia das macumbas, que o uso de chocalhos, ganzás, chequerês, agogôs, atabuques, que o brazeiro em chamas, que a caneca de azeite de dendê, o brado "YEMAN JAHATÔ CUADÔ" ao chegar a negra lustrosa pelo óleo amarelo; que o beijar os pés do PAI DE SANTO, e tudo o mais marcam a característica dolosa de um ritual condenável. Absolutamente. Os faquires, taumaturgos, sacerdotes de LAMA, que passam a existência sob continuos martírios, todos têm uma terminologia e um ritual próprios, sempre de origem pagã, não escapando a própria Igreja Católica.

Luis Jacoliot, em sua obra "Voyage au pays des perles" cita o seguinte episódio de faquirismo, no Ceilão: Num ambiente adequado, entra um faquir, trazendo em volta do pescoço algumas serpentes e, levando as mãos à testa, pronuncia as seguintes palavras: "SALAM SAHIB, obedeço as ordens de SIVA, que tôdas as potências que velam sobre o KCHETRADJNA (princípio intelectual da vida) e sobre o BHOUTATMA (princípio da matéria) me protejam contra a cólera dos PISATCHAS (espírito do mal) e que o MACHAT-TRIDANDI (espírito

triforme) me não entregue à vingança de YAMA (juiz dos infernos)".

Os BABALOXAS acabam a festa com a seguinte frase: BABA AUNLÔ, Ô CHOCOTAM, Ó ILELÊ (papai já foi, já fez, já acabou).

As velas, os charutos, as espadas romanas (punhais), as imagens de santos, etc., tudo tem um significado e, portanto, exprime uma exigência a ser observada. As imagens de S. Cosme e Damião, os pratos de alimentos, a imagem de São Jorge constituem o material indispensável na formação de um altar em que são apresentados o Crucifixo, ao centro, e outras imagens de santos protetores, equivalendo dizer que todos os cultos repousam na fé.

De tudo resulta ser o baixo espiritismo, ou melhor, o falso espiritismo, a macumba, o candomblé, etc., pouco importa o nome escolhido, assunto ainda não estudado em profundidade e, por isso mesmo, apenas sujeito às opiniões nada esclarecedoras de preconceitos científicos, filosóficos ou religiosos, sem o necessário expurgo de condenável sectarismo, que mais favorecem a epidemia daquelas práticas afro-brasileiras, assim como afro-cubanas, etc., que invadem os quatro continentes do globo.

Este o estado atual do problema, exigindo seja uma legislação acauteladora, seja a divulgação de meios educacionais capazes de elevar o nível cultural do povo.

## Consumir Produtos Nacionais

- ★ E' um dever de patriotismo.
- ★ E' ajudar a libertação econômica do Brasil.
- ★ E' contribuir para o desenvolvimento da nossa produção.

## PROBLEMAS DA LÍNGUA

# GALICISMOS LÉXICOS APORTUGUESADOS

PROF. JOSÉ DE ALMEIDA

(Catedrático de Português do Colégio  
Estadual de Capivari)

(ESPECIAL PARA "MILITIA")

○ estrangeirismo ou peregrinismo léxico, palavra proveniente de outro idioma, depois que se generaliza ou arraíga no conversação e no estilo geral, baldadamente diligenciáramos derriscá-lo, bani-lo da língua, cumprindo-nos, portanto, já que o temos de tolerar, incorporá-lo ao vocabulário indígena, mas, antes, nacionalizá-lo, dar-lhe feição portuguesa, como tem sucedido, que, com a forma original, contrastando, morfológicamente, com a índole de nosso idioma, não será lícita a sua livre circulação, não poderá correr com foros de vernáculo. Não há, pois, já agora, impugnar o curso dos seguintes galicismos, desde que se apliquem aportuguesados, vestidos ao jeito nacional, consoante os apresentamos:

1 — **Abajur** (de *abat-jour*). Equivalentes vernáculos desta francesia: *quebra-luz*, *sombreira*, *bandeira*, *panelha*, *refletor*, etc.. Castro Lopes propôs o neologismo *lucivelo* ou *lucivéu*, que, porém, não vingou.

2 — **Cupão** ou **cupom** (de *coupon*). Termos que se alvitram, como correspondentes, em português, deste francesismo: *talão*, *título*, *bilhete*, *coto*.

3 — **Chofer** (de *chauffeur*). E de uso constante, igualmente, em subs-

tituição deste galicismo, *motorista*. O neologismo *cinesiforo* não ganhou direito de cidade. De *chofer* já se formou o verbo *choferar*, usual nos meios automobilísticos.

4 — **Cachenê** (de *cache-nez*). Para se escusar tal francesismo, inculcou Castro Lopes o latinismo *focale*, que, todavia, não granjeou acolhida na linguagem corrente: *abafo*, *atabafo* e *bufandã*, outros termos aventados, também não se vulgarizaram.

5 — **Omeleta** (de *omelette*). A palavra portuguesa que lhe corresponde é *fritada*. Advirta-se que a voz tônica e, de *omeleta*, se profere com timbre fechado.

6 — **Marrom** (de *marron*). Equivale, em nossa língua, a *castanho*.

7 — **Chique** (de *chic*). Os seus sucedâneos, em vernáculo: *elegante*, *esmerado*, *apurado*, *vistoso*, *garrido*, *gracioso*, *donairoso*, *catita*. De *chique* derivou *chiqueza*: *elegância*, *esmero*, *apuro*, *garridice*, *graça*, *encanto*, etc.

8 — **Buquê** (de *bouquet*). Substituível, em português, por *ramilhete*, *ramalhete*, *ramo de flores*.

9 — **Vitral**, **vitrais** (de *vitrail*, *vitraux*). Sugere-se, também, como adaptação, *vidral*, *vidrais*, mas aquela forma é a única bem aceita.



10 — Orfeão (de orphéon). Para variar, propõe-se sociedade, grupo coral, escola coral, escola de canto.

11 — Bilboquê (de bilboquet). Os puristas lembram o composto emboca-bola, que, entretanto, não levará de vencida bilboquê, tão ra-dicado está no uso comum.

12 — Turista, turismo (de touriste, tourisme). Em português, estas duas formas galicanas se substituem, respectivamente, por excursionista e excursionismo.

13 — Vitrina (de vitrine). Temos vernáculos que sinonimizam com esta francesia: monstruário, mostruário, mostrador, escaparete.

14 — Guichê (de guichet). Temos em português, com a mesma significação: postigo, bilheteria.

15 — Maiô (de maillot). Também foi proposto o aportuguesamento malhô.

16 — Tricô (de tricot). A palavra portuguesa lembrada, para evitar esta francesia: malha.

17 — Quermesse (de kermesse). Os puritanos aconselham bazar, mercado festivo, feira de arraial, festa das barraquinhas.

Muitos e muitos outros francesismos têm passado, inevitavelmente, no decurso dos tempos, ao domínio de nossa língua, vogando, hoje, livremente, na mais escorreita, mais apurada escritura, como legítimas propriedades de nosso léxico. Temos, contudo, no cabedal vernáculo, expressões que correspondem, adequadamente, a muitos desses peregrinismos naturalizados, as quais não deverão ser olvidadas, pois, preterindo dições ou termos de genuíno cunho, tradicionais, prestados, expressivos, só desserviço faremos à língua.



*Cabelos sedosos*

PETRÓLEO  
**JUVENIA**  
TONIFICA-FIXA  
PERFUMA



PARA "MILITIA"

# UMA VOLANTE EM MARCHA...

(IV)

*Major Edson Franklin de Queiroz*

*Polícia Militar - Bahia*

## NOTÍCIAS DA CAMPANHA CONTRA LAMPIÃO NO NORDESTE BAIANO

Na via crucis percorrida pelas volantes, durante horas e dias de cansaço, fome, suor e dor, a sede — repito — era o pior dos padecimentos para elas, porque sempre estava presente, como se empreitada pelos celerados cangaceiros para molestar seus componentes e diminuir a eficiência da campanha. Mas se a secura ambiente e a escassez de água agravavam os sofrimentos dos abnegados nordestinos, também eram encontrados na flora xerófita, naquelas «paisagens duras, doendo nos olhos», vegetais de valor nutritivo, excelentes amigos na proteção dos homens contra a sede. Eram as cactáceas, as bromeliáceas, as anacardiáceas, que Saint-Hilaire chamou sábiamente de «fontes vegetais».

O mandacaru, o umbuzeiro, o gravatá e a macambira foram muito exploradas, tanto pelos soldados como pelos bandoleiros, servindo água aos sequiosos.

O homem habituado em uma região bem servida de água, pode achar estranho e anti-higiênico o aproveitamento daqueles vegetais co-

mo fontes saciadoras da sede. Talvez nem acredite que homens houve (como ainda há) que bebiam água obtida em fontes tão rústicas e de ignoradas origens.

Mas — bem diziam os romanos — *neccissitas caret legis!* O nordestino, naquela situação, não podia observar nenhuma lei de higiene, e recorria àquelas fontes com a maior avidez possível, e saboreava o líquido de qualquer dos referidos vegetais como se o fizesse com a mais potável das águas. O sequiosó não escolhe o que beber, muito menos se não sabe onde e como encontrá-lo! — E note-se que a «fonte vegetal» era das mais puras águas encontradas na caatinga. Não pouca vêsas as volantes tinham que saciar a sede em tanques e aguadas, quase sempre bebedouros de animais, e não raramente já em lama ou até com animais mortos e em estado de putrefação. Apenas empregavam o lenço como coador!... Ou faziam isso, ou mais adiante poderiam cair, padecendo a angústia maior das angústias!

— Parte-se o mandacaru. Raspa-se-lhe o âmago, recolhendo a massa com areia (!) para «tirar» o sal do líquido. Cõa-se êste, e... bebesse um bom copo de água!... — Assim me «receitou» um antigo volante, que não omitiu, também, esta advertência: pode acontecer a quem o beber, um pequeno mas incômodo distúrbio intestinal!...

O umbuzeiro, além da sombra amiga e confortadora que oferece ao viajor nordestino, do fruto que sacia a fome e a sede, da fôlha que pode servir, também, de alimento aos famintos, tem um bom reservatório de água no seu bulbo. Os cangaceiros, prevenindo-se para as épocas mais sécas, costumavam queimar muitos umbuzeiros para, quando voltassem ao local, encontrarem maior quantidade de água, pois, queimada a árvore, a sua «batata» fica mais volumosa com quantidade maior do líquido desejado.

A mesma capacidade tem a macambira, de cujo bulbo se tem realmente «um copo de água cristalina e pura», como já informara Euclides da Cunha.

Sôbre o valor da macambira, como alimento para o gado criado nas adustas terras nordestinas, lembro-me de que, em um município daquela região, onde o autor dêste trabalho exercia o cargo de Delegado de Polícia, lá pelo ano de 1949, tive de apurar um grave delito «contra a vida», cujo móvel foi a disputa (fútil para muitos brasileiros de outras terras mais protegidas pela Natureza) de uma touceira da bro-

meiácea em foco, por dois pequenos criadores que se julgavam com o direito de queimá-la para tirar-lhe as «batatas» que alimentariam o gado já trôpego e em ossos!

O gravatá era outra fonte vegetal que muito auxiliou a campanha na proteção das volantes contra a terrível sede. Em suas espantas são recolhidas e retidas as águas das chuvas por muito tempo. Os sedentos sorriam de felicidade ao encontrá-lo na áspera caminhada.

Pois bem, meu caro leitor, no monumento que se tiver de erguer, na Bahia ou em qualquer outro Estado de áridas caatingas, onde se feriu a campanha contra Lampião, em homenagem aos que deram sua saúde e sua vida pela Segurança e Paz de sua população, haver-se-á por justiça, de deixar presentes o mandacaru, o umbuzeiro, a macambira e o gravatá, pois grande e inestimável foi a sua contribuição na manutenção do ânimo, das energias combatentes e bravias dos soldados das volantes, fôssem estas de Pernambuco, de Sergipe, de Alagoas ou da Bahia.

Sim, não poucas foram as vezes em que volantes já na iminência do desfalecimento, tiveram naqueles vegetais o suco, a seiva do revigoramento das forças físicas e morais, fazendo com que os homens se reanimassem e, assim, fôsse reajustado o dispositivo de marcha, até de modo a entrar em combate com os bandoleiros após o percurso de alguns quilômetros ou léguas.

(Continua)



# Casamento e Mortalha

*Olimpio O. Pimentel*  
Major

Ilustração de Nelson Coletti

**N**O ANO 1641 a florescente cidade de Ximbaúva, situada no sopé da serra das Pitombas, foi teatro de um acontecimento tragicômico cuja repercussão ecoa até nossos dias como laivos de vexatória praxe, associando: a civilização ao anacrônico; o austero ao grotesco; o grave ao excêntrico!

Esse preâmbulo é o nariz de cera adrede preparado a fim de predispor o espírito do prezado leitor para receber a narrativa do patético e estranho caso. Procurarei sintetizá-lo e reproduzi-lo com a fidelidade e justeza que o assunto requer. Se não estou equivocando... foi a vinte de maio de 1641, no século dezessete. Esse dia de ansiedade desabrochou risonho para todos os habitantes da cidade que resplendia nas suas festividades multiformes. Ia casar-se a senhorita Ritinha Trancoso, filha do cel. Clarismundo Trancoso, intendente municipal, com o "Dr." Frutuoso Cortiça, único rábula militante na localidade. O entusiasmo abrangia tôdas as camadas sociais, quer nas manifestações públicas, quer nos lares,

reinando imenso alvoroço, principalmente no espírito das jovens casadoras que há muito vinham preparando ricas "toilettes" para o ato religioso. O fato aconteceu numa tarde calma, ensolarada, palpitante! A igreja matriz, conquanto o casamento estivesse marcado para as quatro horas da tarde, estava literalmente tomada desde o meio dia. Tôda aquela gente amontoadá comprimia-se na conquista de posição favorável para melhor assistir à passagem do venturoso casal que seria em breve unido pelos sagrados laços do himeneu.

Na hora aprazada ouviu-se o bimbilhar do sino anunciando a chegada dos nubentes. Um sussurro abafado aguçou a curiosidade dos presentes! Eram os noivos que a passos lentos assomavam à porta precedidos por dois querubins. E andando, andando, chegaram ao pé do santuário ao som dos últimos acordes da ave-maria. Entrementes "deux dames d'honneur" sobraçaram a enorme cauda do vestido de Ritinha, a qual ainda se espichava no

meio do templo. Iniciou a cerimônia o padre-cura que recebeu os noivos fazendo-lhes antes o panegírico e coroou o laudatício discurso com os paternos conselhos sobre: obediência, fidelidade, temperança e outros que tais. Precisamente na ocasião em que o antistite procedia à benção das alianças ante o embevecimento de tōda a comitiva, ocorreu o desconcertante episódio que deu origem a esta crônica acabrunhadora: o mesmo sino que há pouco anunciara com estridulo a aproximação dos noivos, agora, tartamudeando num tom plangente, assinala a presença de um defunto, cujo séquito, displicente, penetra na igreja!!! Misturaram-se os participantes de ambos cortejos, estabelecendo enorme balbúrdia que tornou difícil, senão impossível, distinguir de pronto o grupo ao qual pertenciam os que lá estavam. O sândalo que perfumava uns, confundia-se com a alfazema de caboclo que defumava outros. A descrição dêsse mefistofélico quadro é simplesmente dantesca! Ao retirarem-se os noivos, bem no centro da nave deu-se o encontro fatal! Toparam o caixão mortuário frente a frente, tornando estupefatos os dois séquitos que não encontraram uma saída ou um desvio por onde se pudessem safar de tamanho embaraço. Ritinha com o susto desmaiou, sendo amparada pelo "Dr." Cortiça que a susteve nos braços, mas sem esboçar nenhum gesto que a pudesse salvar da crítica situação. Houve estrilos, imprecações, protestos, e tudo

culminou em grossa pancadaria, em face do que a igreja dentro de cinco minutos ficou completamente despovoada, totalmente deserta, mostrando apenas no meio da nave, desengonçado, desmantelado, o caixão do velho Malaquias, proprietário da fazenda Pingafogo, que durante longos anos foi o terror da redondeza: matava, roubava e torturava com métodos bárbaros todos os que não liam na sua cartilha. Tão mau, tão desumano foi o "cel." Malaquias, que ainda depois do morto provocou essa inominável revolução. As conseqüências dêsse dramático episódio são inenarráveis. Ritinha, ao despertar da terrível comoção estava amnésica, paranóica, confusa, indeterminada! "Dr." Cortiça deu-se ao vício da embriaguez, fêz greve de fome, perecendo após três meses vítima de tísica galopante! O cel. . . . bem . . . terminemos aqui por serem muitos e de triste memória os casos que ainda poderia enumerar. Prefiro não mais acabrunhar o espírito do querido leitor, a última vítima dessa fantasmagórica narrativa. Depois da tempestade veio a bonança. Passados os momentos cruciantes o intendente Clarismundo, de acôrdo com o padre-cura, mandou construir na ala esquerda da igreja linda capelinha com passagem independente, de modo a evitar a entrada de defuntos pela frente do templo. Essa providência foi elogiada pelo povo, que não mais assistiu a cenas cabeludas como a que vimos de contar..

---

## CASAMENTO

A separação tem, sobre o divórcio, a vantagem de impedir que a pessoa se torne a casar, isto é, que reincida no êrro.

PITIGRILLI

# O QUE É UM REATOR ATÔMICO

Prof. Hans Peter Heilmann  
(Do Colégio Estadual de Capivari)

AS colunas dos jornais estão cheias de referências a esta nova fonte de energia, o reator atômico. O nosso país, ao que se espera, terá dentro em breve o seu próprio reator, que será usado, a princípio, em pesquisas, pois a produção de energia elétrica por esse meio ainda é muito custosa, embora se espere que dentro de algum tempo os aperfeiçoamentos introduzidos permitam obter energia elétrica por meios atômicos, mais barata do que a hidrelétrica ou termelétrica.

Como funcionaria uma usina elétrica de reatores?

O leitor esclarecido sabe que os átomos, estas partículas minúsculas que constituem a matéria, possuem um núcleo, no qual está concentrada praticamente toda a massa, e em torno desse núcleo giram os elétrons. O núcleo apresenta partículas desprovidas de carga elétrica, os neutrons, e partículas carregadas positivamente, os prótons. São os neutrons que produzem as reações importantes num reator. Normalmente, os neutrons ficam no interior do núcleo, formando estruturas bastante estáveis, mas, em certas circunstâncias, podemos ter neutrons livres, "andando" no seio da matéria, e chocando-se ocasionalmente com um átomo.

A reação em aprêço, chamada fissão, foi observada pela primeira vez em 1938. Consiste no seguinte: um neutron de baixa energia colide com um átomo, é por este absorvido, e, em seguida, toda a estrutura se fraciona em duas partes. Nesta reação, ocorrem duas coisas: em primeiro lugar, há um desprendimento de energia, que é exatamente a que vai ser aproveitada; e, além disso, o processo fornece um número variável de neutrons livres (de 1 a 3, geralmente) que podem chocar-se com outros átomos, reproduzindo assim o processo, o que vai formar a reação em cadeia. O material cujos átomos podem sofrer o processo da fissão recebe o nome de combustível. O urânio 235 é o combustível por excelência. O princípio da reação em cadeia é o mesmo no reator e na bomba atômica: mas nesta dá-se uma reação violenta, e naquele, uma reação controlada.

A condição de funcionamento do reator é que a reação seja auto-mantida. Isto quer dizer o seguinte: no início da operação, fornece-

mos ao reator um certo número de neutrons de baixa energia; a reação será automatizada desde que, ao cabo de um certo tempo, exista o mesmo número de neutrons, ou um número ligeiramente superior. Se o número de neutrons decrescer, a pilha "morre", e se o aumento for muito rápido, há perigo de termos uma reação violenta. Na prática, procura-se manter a razão de multiplicação entre 1,0 e 1,1. Disponemos de métodos de controle que freiam a multiplicação dos neutrons, se estes se tornarem numerosos demais.

Vejamos o que é esta razão de multiplicação. Existem muitos tipos de reações nucleares, e cada uma tem uma determinada probabilidade de ocorrer; esta probabilidade recebe o nome de seção de choque. A analogia é fácil de compreender, pois acertaremos tanto mais facilmente num alvo, quanto maior a sua superfície. Os neutrons que se libertam durante a fissão têm grande energia; são os neutrons rápidos. Ora, o processo da fissão tem a maior seção de choque quando os neutrons são lentos, ou de baixa energia. Então, precisamos fazer, de algum modo, com que os neutrons percam esta energia. O material que se encarrega disso é chamado moderador. O moderador ideal é o deutério, ou hidrogênio pesado, que constitui a água pesada, que teve papel tão relevante na última guerra. Na falta do deutério, podemos usar parafina, grafite ou mesmo água comum. Esta última, por ser mais barata, vai ser adotada no reator comprado pela univ. de São Paulo; é um reator "tipo piscina". Muitos dos neutrons rápidos se perdem no meio do processo da perda de energia; suponhamos que num dado momento existam no material  $n$  neutrons de grande energia; suponhamos que destes, alguns atinjam a zona de baixa energia e colidam com núcleos de combustível, produzindo fissão, e libertando ao todo  $n'$  neutrons rápidos. Isto constitui um ciclo. Se a razão  $n'/n$  for maior ou igual a 1, a reação será automatizada, isto é, ela se repete indefinidamente, sendo que em cada fissão é libertada uma certa energia. Esta energia se desprende sob forma de calor, o qual é transportado por meio de um fluido apropriado, geralmente sódio líquido, até uma turbina a vapor, e finalmente há produção de eletricidade por um gerador acionado por esta turbina.

A vantagem desse método sobre as usinas elétricas comuns é a de que o combustível atômico, uma vez colocado no reator, não precisa ser renovado por um largo tempo. Sobre a usina hidrelétrica, o reator apresenta a vantagem de poder ser usado mesmo em locais onde não há quedas d'água, e a vantagem sobre uma usina termelétrica, que consome algumas toneladas de combustível por dia, é evidente.

Esperemos que dentro em pouco tenhamos realmente energia elétrica abundante e barata, inaugurando uma era de progresso e prosperidade, graças aos esforços constantes dos cientistas.

**H**A quem tenha escrito que Tiradentes teria sido engajado na vida militar como simples soldado por ser pobre e filho de plebeu e, por suas qualidades, conduta e serviços prestados, fôra promovido sucessivamente, a cabo, furriel, sargento e alferes. Embora isso fôsse possível, todavia não ocorreu.

D. Antônio de Noronha, que era militar, quando assumiu, em maio de 1775, o governo da Capitania das Minas, antes de iniciar as providências necessárias para imprimir nova organização às forças militares da Capitania, conforme as Instruções Gerais que trouxera do Reino, mandou proceder a

Para prover os postos de Oficiais, de Alferes a Mestre de Campo, socorreu-se da Ordem Régia de 27 de abril de 1775, que lhe conferia atribuições para escolhê-los e nomeá-los, dentre os que já houvessem prestado, ou viessem prestando bons serviços, e os cidadãos de boa moral, boa conduta e qualidades apropriadas para a vida militar.

Dessarte D. Antônio de Noronha escolheu, promoveu e nomeou Sargentos-mores, Capitães de Companhia, Tenentes-Coronéis e Metres de Campo e lhes concedeu patente do respectivo pósto. E aos Capitães das Companhias arregimentadas, ou isoladas, conferiu

## TIRADENTES COMEÇOU A CARREIRA COMO ALFERES

um recenseamento masculino em tôdas as quatro Comarcas. Em seguida, dissolveu as diversas unidades militares e as reorganizou em maior número, cada uma delas com maior efetivo, isto é, com mais praças e oficiais. Para o preenchimento das vagas de soldados, abriu um voluntariado e ordenou o recrutamento de desocupados, vagabundos e presos. Para as vagas dos graduados, isto é, cabos, furriéis e sargentos, promoveu soldados antigos que preenchessem as devidas condições.

Criou um Regimento de Cavalaria selecionado, que pórcebia vencimentos do Real Erário, e que se chamava da Força Paga ou de Dragões. Criou, também, Regimentos e Companhias Auxiliares e sem vencimentos, e Regimentos e Companhias de soldados e oficiais pardos.

**LUÍS A. DE OLIVEIRA BELO**

(Do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais)

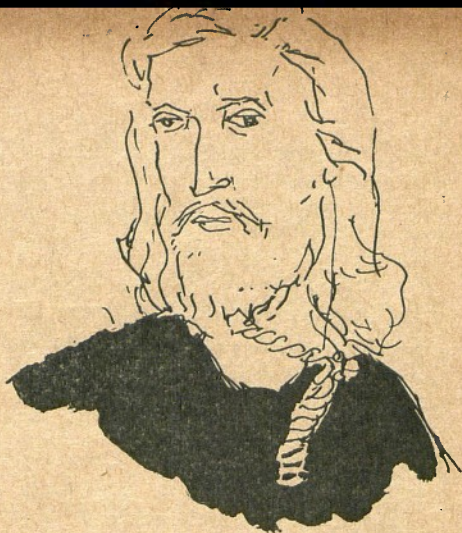
atribuições para escolher e "prover" nos postos de Tenente e Alferes, e nas graduações de cabo, furriel e sargento, os cidadãos que, de acôrdo com as condições já citadas, julgassem capazes. Por essa forma os Tenentes e Alferes, escolhidos no biênio 1775-76, e posteriormente, assentaram praça no livro de Matrícula de sua Companhia nesses postos, mediante "uma provisão do respectivo Capitão, com a "abonação" do Comandante do Regimento, ou do Capitão-Mor no caso de Companhia isolada, e não recebiam "patente". Eis aí a razão por que, através de persis-



tentes pesquisas, nunca se encontrou o texto da patente do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o muito conhecido Tiradentes. O que, entretanto, paira ainda enigmático é se ele foi diretamente engajado na Sexta Companhia do Regimento da Cavalaria da Fôrça Paga, aquartelado em Vila Rica, da qual o Governador da Capitania era o seu Coronel, ou em algum outro Regimento, Batalhão ou Companhia isolada e, posteriormente, em data desconhecida, transferido para o primeiro, também chamado dos Dragões da Capitania”.

Laboram em equívoco os que supõem ou admitem que Tiradentes fôsse “pobre e filho de plebeu”, e por isso não pudesse ser engajado como oficial. No ano de 1746, em que ele fôra batizado, o seu avô materno, Domingos Fernandes Xavier, morador na Vila de S. José do Rio das Mortes, era juiz almotacel do Senado da Comarca dessa vila. No ano de 1757 em que faleceu, no mês de dezembro, Domingos da Silva dos Santos, pai de Tiradentes, era vereador daquele Senado da Câmara, e vinha morando em sua fazenda de Nossa Senhora da Ajuda na paragem do Pombal, distrito da mesma vila. E os serviços de juiz almotacel e de vereador eram considerados como prestados ao Rei e não aos Governadores das Capitanias, que eram apenas seus Delegados, ou Lugar-Tenentes, nem ao Povo, que era, então, politicamente, uma expressão simbólica.

E de acôrdo com a pragmática da época, tais serviços conferiam aos que os prestavam, posição social de relêvo e algumas regalias que bafejavam os seus filhos, e que, no caso de Tiradentes e seu irmão José, que ingressou como Alferes de Auxiliares, lhes serviu para gozar tais favores.



Demais a família de Tiradentes era abonada, quer pelo ramo de seu pai, proprietário de boa fazenda, conforme se verifica do seu testamento e inventário, quer pelo ramo de sua mãe, cujo pai possuía “casas de morada” na Vila de S. José. E o próprio Tiradentes herdara da mãe, em 1756, bens no valor de 483\$137 rs. e posteriormente do pai, 1757, em menor importância. E ambas as famílias, de raça genuinamente branca e comprovada, de cristãos velhos, com alguns clérigos no ramo materno, lhes garantiam, pelo menos em aparência, vida de recursos e destaque, num ambiente de cupidez como já era o social da Capitania.

Acresce a isso que seu irmão José da Silva Santos, Alferes de Auxiliares, tornara-se proprietário único da Fazenda de N. S. da Ajuda, no Pombal, por volta de 1765, quando faleceu o seu cunhado, o Alferes Domingos Gonçalves de Carvalho, casado com sua irmã Maria Vitória em 1759, e que lhe devia “grandes importâncias”, inclusive o seu quinhão da fazenda que lhe vendera. O que significa dizer que José, em 1775, possuía recursos para viver, enquanto Tiradentes teria sido

mal sucedido nos seus negócios de mercador ambulante.

O negociante Antônio Ribeiro de Avelar, também Capitão de Auxiliares da Força do Rio de Janeiro, declarou, em seu depoimento na 2.a Devassa da Alçada, que Tiradentes, já no posto de Alferes, frequentou a sua casa de negócios, naquela cidade, quando aí esteve nas forças do Têrço, que desceram da Capitania para reforçar a Guarnição do Rio de Janeiro, por ocasião da Guerra do Sul. E isso ocorreu no primeiro semestre de 1777, porquanto, em requerimento do Capitão Luís Alves de Freitas Bello, comandante da Companhia da Paraíba, do Sul, êle declarou que "proveu de assistência e subsistência as forças da Capitania que se reuniam na vila da Paraíba, para descerem para o Rio de Janeiro" e depois,

na sua volta para a Capitania, o que se passou no ano de 77, porquanto, já no ano seguinte, o Capitão Freitas Bello estava servindo no Registro da Paraíba, "comandando a sua Guarda" e nesse mesmo ano, nasceu aí uma de suas filhas.

Assim, através dessas considerações, rapidamente alinhadas e longe do minucioso trabalho que vimos escrevendo sobre a vida do inditoso, e também glorioso mártir da Inconfidência, e que se baseiam em documentação copiada, em parte, em Códigos, ainda existentes no Arquivo Público Mineiro, pode-se com confiança, retificar o ressonante equívoco que corre sobre a categoria do assentamento da praça, de Tiradentes, na Força Militar da Capitania das Minas, à qual honrou com a sua singular individualidade.



## **JOVEM!**

Você que pretende ser oficial da Força Pública, inicie desde já os seus estudos. Matricule-se no

### **CURSO MILITIA**

patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão ao Curso Pré-Militar apresentou maior índice de aprovação.

Número de vagas limitado a 25 em cada classe, para melhor aproveitamento dos alunos.

Informações: telefone 32-2884

# DANÇAS FOLCLÓRICAS

*Homero Vantas*

Como observa Paulo Duarte, o folclore, entre nós, antigamente, "era tido como simples matéria-prima de literatura, muitas vezes de má literatura. Ninguém, salvo um punhadinho de homens lúcidos a começar por Sílvio Romero ou Melo Morais e a terminár por João Ribeiro e Alberto de Faria, encarnava a nossa poesia popular, as histórias e brinquedos infantís, as parlendas, os rifões, as frases feitas, as adivinhas como objeto de estudo aprofundado, despido de qualquer fantasia ou laivo de imaginação, para o conhecimento da psique popular ou da alma coletiva brasileira".

Depois vieram Basílio Magalhães, Teodoro Sampaio, Nina Rodrigues, Amadeu Amaral, Mário de Andrade e outros mais que se dedicaram com afinco no

trabalho folclórico. Amadeu Amaral, no seu grande amor pela coisa, chegou até a propor à desinteressada Academia Brasileira de Letras a fundação de uma sociedade de estudos demológicos, e, mais tarde, partiu desse mesmo escritor e poeta capivariano a idéia da "fundação, em São Paulo, de um museu de folclore".

Agora, seguindo a trilha desses expoentes e abnegados pesquisadores, Maria Amália Corrêa Gifoni, Prof. da Cadeira de Danças de Escola Superior de Educação Física de São Paulo, e Técnico de Educação da Municipalidade de São Paulo, publicou "Danças Folclóricas Brasileiras", que é um trabalho extraordinário, metucioso, fartamente documentado e ilustrado, talvez sem símile no gênero.

Sua ilustre autora fez estudo completo sôbre as

danças folclóricas no país, incluindo no livro dezenas de interessantes ilustrações explicativas sôbre o modo de dançar o baião, batuque, cateretê, ciriri, côco, maracatu, meu limão, quadrilha, sambalê, tambu, etc.

Com essa obra singular, Maria Amália Corrêa Gifoni recebeu unânime consagração da crítica no Brasil e do estrangeiro. Menotti Del Picchia achou esse trabalho "notável e exaustivo". Judas Isgorogota o aponta como "o mais completo trabalho de cunho didático". Vivaldo Coaraci (V. Cy.) encontrou nessa obra "uma contribuição original e preciosa para a formação de um melhor e mais profundo conhecimento do folclore brasileiro". E, mais, entre dezenas de outros, mestre Roger Bastide aponta em "Danças Folclóricas Brasileiras", um livro claro, pedagógico, bonito", afirmando ainda com sua autoridade conhecida: "... um pouco do Brasil chegou até Paris, com sua música, seus passos, seus cantos saborosos.

Transcrevendo essas expressivas e consagradoras opiniões, que incluem, sem favor algum, o nome de Maria Amália Corrêa Gifoni entre os grandes folcloristas brasileiros, enviamos à Autora os nossos parabéns.

Capivari, junho de 1956.



O casamento é uma experiência química, na qual dois corpos inofensivos podem, ao combinar-se produzir um veneno.



# Máscaras

*Cavalheiro Fretre*

*Máscaras displicentes  
passando pelas ruas da cidade:  
umas indiferentes...  
outras cheias de grave autoridade;  
algumas gargalhando...  
tendo aquelas um olhar aveludado e brando!*

*Passam tôdas depressa, envoltas no tropel  
dinâmico e agitado em que se vive agora;  
trazem tôdas na frente o pavor da demora...  
buscam, tenho a impressão, fugir da uma Babel!*

*Máscaras pela rua, atropeladas, tontas,  
carregando consigo inúmeras afrontas  
de uma vida imbecil;  
é muito interessante estudar-lhes as faces,  
onde se estampam sempre amargos desenlaces  
da existência febril!*

*Marchamos loucamente, envoltos na incerteza  
do dia de amanhã;  
e nossa geração assiste com surpresa  
a uma festa pagã!*

*Já não trazemos mais a independência ativa  
dos nossos bisavós:  
temos a frente baixa, amedrontada, esquivada,  
e um arremêdo de voz!*

*Inquietação profunda abala os indivíduos,  
que procuram, de susto, unir-se em agrupamentos;  
esquecem-se, porém, que os cínicos resíduos  
da mentira falaz lhes minam os intentos!*

*Quantá gente não passa ao longo das calçadas,  
espadanando risos...  
e deixa transbordar, da noite nas calçadas,  
as tempestades d'alma, as nuvens de granizos!...*

*Cada um de nós enverga, alegre ou tristemente,  
a máscara do instante:  
para o feliz será de um sorriso aparente,  
será para o infeliz de gás asfixiante!*

*O que é certo, entretanto, é uma grande tormenta  
que varre no momento o humano coração,  
deixando em cada face a máscara violenta  
que define tão bem a nossa geração!...*

# A POLÍCIA E A HIGIENE MENTAL

(Especial para  
"Militia")

Não resta dúvida de que à Polícia cabe um grande papel educativo na nossa sociedade evoluída e inclinada a prevenir os males mais do que remediá-los. Não basta apenas punir e corrigir, é preciso sobretudo prevenir e evitar.

O policial, aquêle a quem a sociedade humana encarregou de zelar pela obediência e cumprimento das leis, o homem que zela pelas crianças e pelos inválidos, que defende os costumes e as tradições estabelecidas no país, deve possuir conhecimentos de higiene mental, pois a ele cabe muitas vêzes observar o problema e perceber, muitas vêzes, as situações quando ainda são extranhas aos olhos dos pais e responsáveis.

O jovem delinqüente, a criança agressiva e destruidora, a que foge de casa ou da escola, o jovem agressor que tenta usar seu canivete numa briga, eis algumas das situações em que o policial intervém, devendo utilizar-se de conhecimentos de higiene mental, aconselhando ou, pelo menos, enviando os menores aos seus pais, acompanhados de uma observação, de uma nota quando não fôr possível um contacto mais direto entre o policial e os pais.

Está fora de questão que muitos desses menores agressivos ou criminosos em potencial, desgarrados do ambiente familiar, ou mesmo quando não há o que se possa chamar de "ambiente familiar" poderiam ser salvos, melhorados e reintegrados como elementos úteis à sociedade, ao invés de contra ela procurarem meios e condições para atacá-la ou destruí-la.

A reeducação de menores abandonados cabe também ao policial, pois é em geral a primeira pessoa que entra em contacto com esses elementos abandonados, pequenos líderes de bandos, organizadores de quadrilhas de menores, ladrões, assassinos e intermediários do vício.

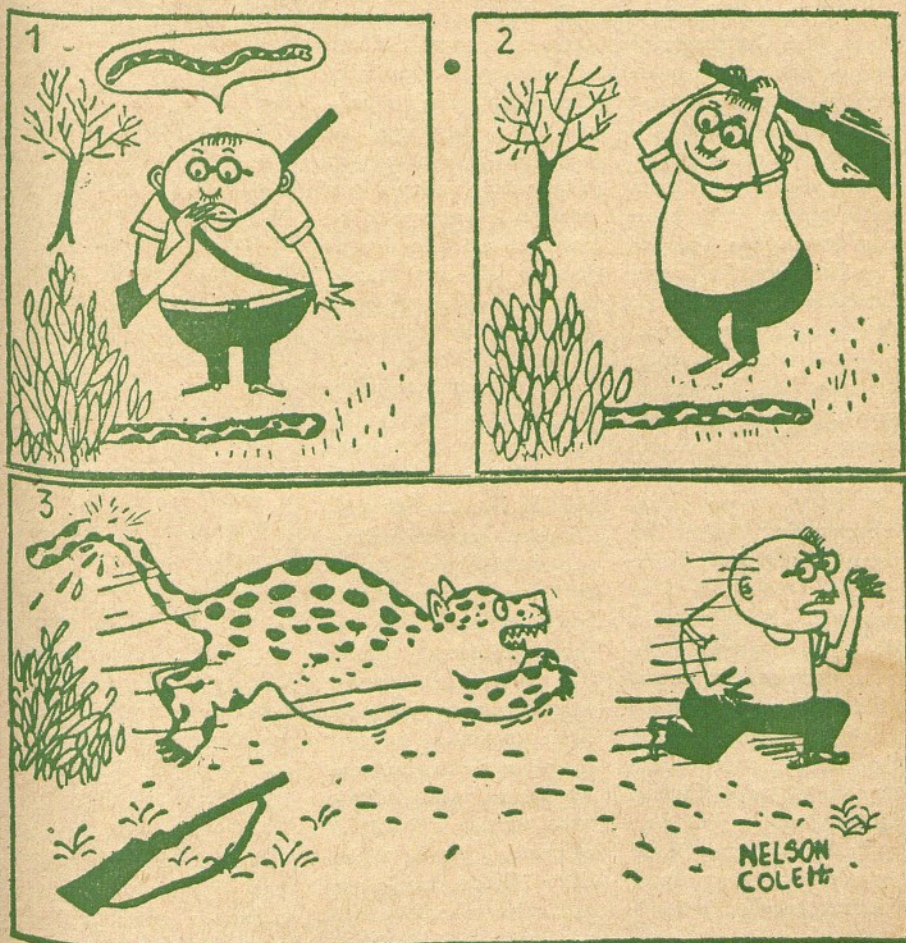
Mudando a sua atitude de repressor para a de orientador e educador, o policial integra-se em suas verdadeiras funções de guardião das leis sociais. Cumpre à polícia instruir seus elementos sobre as noções de higiene mental aplicadas ao menor e ao adolescente, ao delinqüente e ao perverso, a fim de criarmos uma nova atmosfera neste contróle que a sociedade exige e realiza, através de seus policiais.

Dotando o policial de conhecimentos básicos de higiene mental, alertando nêle a perspectiva de ver nos criminosos também seres humanos que são, teremos conseguido, talvez, um tratamento mais humano e higiênico para êsses infelizes que, vítimas de circunstâncias, se deixam levar para o abismo da atividade anti-social.

Os elementos esclarecidos da nossa polícia não devem descansar enquanto não puderem dizer com justificado orgulho: "Nossos policiais são, sobretudo, educadores".

★ ★ ★

... e não era.



# ARREBATANDO VIDAS AOS BRAÇOS DA MORTE

*Monte Serrat, F.*

Na Fazenda Missivista, do sr. José Cavalcante de Souza, no município de Pindamonhangaba, por volta das 16 horas do dia 22 de janeiro de 1956, tudo corria naquela mansidão própria das estâncias de criar do Vale do Paraíba, nessas horas que antecedem a recondução do gado leiteiro ao curral, para a separação das crias. O peão José Joaquim aproveitava aqueles momentos de folga e, de sobre o dorso de leve canoa, fisgava algumas despreocupadas tarairas das muitas que abundavam na piscosa represa da propriedade. Pelas margens do lago, empregados desincumbiam-se das tarefas diárias. Um grito de socorro chamou a atenção de todos. A uma lufada de vento mais forte, a barca virara e José Joaquim debatia-se nas águas, enquanto a canoa se afastava, impelida pela viração.

Estabelece-se o corre-corre nas margens. Todos se interrogam para saber quem irá salvar o companheiro em perigo de vida. Era preciso coragem e ser exímio nadador, pois não havia outro meio de condução até o local onde Joaquim afundara, a não ser as braçadas de quem se aventurasse à empreitada.

Entre os que angustiados, presenciavam a cena, encontrava-se José Francisco Meireles, irmão do soldado Vicente Sebastião Meireles, que se achava na fazenda, a passeio. Francisco lembra-se de que o mano era bom nadador e já havia salvo uma pessoa que estivera prestes a morrer afogada. Entre pensar e resolver chamá-lo, foi um instante. Montou na sua bicicleta e voou para a colônia. Lá ofegante, disse a Sebastião:— Mano, um homem está morrendo afogado lá na represa!

O policial não hesitou. Utilizando-se da bicicleta, chegou rápido à margem da represa. Ali, diziam que o afogado já havia boiado pela terceira vez, e, portanto, devia estar morto. Sebastião despiu-se e nadou para o local indicado pelos circundantes. Mergulhou, voltou à tona, mergulhou de novo e voltou à superfície, nadando com dificuldade. Na margem houve um murmúrio:— Pegou o Joaquim!

O intrépido soldado Meireles traz para a margem o corpo inerte do acidentado, aparentemente já sem vida. Coloca-o em decúbito ventral, aplica-lhe respiração artificial durante vinte minutos e afasta o espectro da morte daquele ambiente de expectativa intensa. Depois conduz o naufrago ao lar humilde, onde o entrega à esposa e aos filhos debulhados em pranto de alegria e gratidão.

Por esse gesto de desprendimento foi o soldado Meireles elogiado em Boletim e indicado pelo Comando Geral da Corporação para ser agraciado com a "Medalha Humanitária", pelo Governo Federal.

A 2 de março, pouco mais de um mês após este evento, o nosso herói é protagonista de outro ato



## QUESTÕES JURÍDICAS

No afã de tornar-se sempre útil aos seus leitores, **MILITIA** apresentará, a partir do próximo número, nova secção sob a epígrafe «Questões Jurídicas».

Aliás, de há muito temos recebido solicitações nesse sentido, principalmente com vistas à abundante e esparsa legislação que rege a milícia bandeirante.

É comum os cidadãos desconhecerem as leis que asseguram os seus direitos, e, até mesmo, a própria Constituição Brasileira, Carta Magna da nacionalidade. Por isso, embora modestamente, acreditamos estar, com a presente iniciativa, prestando oportunos serviços aos nossos atenciosos leitores.

«Questões Jurídicas» estará a cargo de dois antigos e assíduos colaboradores de **MILITIA**, já bastante conhecidos através de reportagens e trabalhos de caráter literário e técnico-profissional, cap. Paulo Monte Serrat Filho e 1.º ten. Hildebrando Chagas, dedicados estudiosos do Direito.

Os interessados em receber esclarecimentos de assuntos pertinentes a esta secção, deverão endereçar sua correspondência para: Revista **MILITIA** — Questões Jurídicas — Rua Alfredo Maia, 106 — São Paulo.

(Continuação da pág. anterior)

de bravura, que teve por palco a localidade de Tremembé.

O dia abandonava a terra. As sombras da noite aproximavam-se mansamente. Eram 18,45 horas. Os soldados Meireles e Darci de Melo, do contingente do Depósito de Convalescentes do Sanatório de Tremembé, rumavam para suas casas, quando ao se aproximarem da ponte do rio Una, de águas revoltas e transbordantes pela enchente, ouviram gritos de socorro. Correram para a margem e divisaram um homem debatendo-se nas águas barrentas. Darci, sem que Meireles pudesse im-

pedi-lo, atira-se à corrente, fardado, para salvar o desventurado. O peso do fardamento leva-o para o fundo. Meireles, já sem roupa, mergulha no encalço do colega, que retira inconsciente. Volta a lutar contra o ímpeto das águas e salva também o civil Nelson de Paula Neves, de morte certa.

Este caso teve a caracterizá-lo perfeitamente, e em alto grau, as condições exigidas para a promoção por ato de bravura. Coragem, audácia, energia, firmeza, tenacidade reveladoras de abnegação pelo sentimento do dever militar, ali estavam a apontar Sebastião Meireles como

um exemplo vivo a ser seguido por colegas e superiores, no cumprimento da árdua missão policial.

Obteve o galardão de seus méritos.

Ao cabo Vicente Sebastião Meireles, a admiração e os cumprimentos de **MILITIA**.

Merecedora de elogios é também a atitude do soldado Darci de Melo que não titubeou em arriscar a própria vida para salvar a de um seu semelhante que corria perigo. Não alcançou o objetivo altruista visado, mas isso não lhe diminui a nobreza do gesto. Nossos cumprimentos a ele, também.



# SECCÃO *Feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

## CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

RITA DE CASSIA  
Redação de "Militia"  
Rua Alfredo Maia, 106  
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

RITA DE CASSIA

(Bacharel em Jornalismo  
pela Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo)

## FATO EM FOCO:

O mais momentoso fato destes últimos meses é, sem dúvida, o palpitante problema do Canal de Suez.

O ato do presidente Nasser do Egípcio, pode ser encarado sob dois aspectos: a) perante o Direito Interno e, b) perante o Direito Internacional Privado.

Teria sido legítima a encampação da concessão inglesa desse canal pelo governo egípcio? Teria Nasser o direito de rescindir semelhante concessão e encampar seus bens?

Ora, o princípio de Direito Interno diz respeito à soberania do Estado, e o ato do presidente egípcio foi, certamente, um ato de soberania.

Lícito lhe era, portanto, decretar a encampação que, na verdade, de acordo com o tratado firmado com a Inglaterra, terminaria somente no ano de 1968; assim como lícito lhe era, também, passar a usufruir desta renda, calculada em cerca de 120 a 200 milhões de libras esterlinas.

Quanto ao problema do capital privado investido, pode muito bem ser resolvido em Juízo.

Perguntamos nós: não encampou o Brasil a São Paulo Railways, a Estrada de Ferro Cantareira e a Leopoldina, embora com um prejuízo assás desastroso para o tesouro nacional?

Agora, no que diz respeito ao Direito Internacional Privado, a questão pode ser debatida.

Si bem que o governo egípcio tenha declarado que continuará a reconhecer a liberdade de navegação pelo canal, respeitando, portanto, o tratado de Constantinopla, firmado por quase todos os países, a verdade é que não tem o Egípcio capacidade para manter a soberania deste canal, único meio de penetração para o mar Vermelho.

Todavia, não podem, por outro lado, os países interessados nesta liberdade de navegação, reunirem-se em um congresso internacional, a fim de deliberarem mandar em terra alheia.

Assim sendo, estamos diante de um problema crucial: ou se respeita a soberania de Estado do Egípcio e a conferência fracassa, ou não se a respeita, e estaremos diante de uma terceira conflagração mundial.

RITA DE CASSIA

ELEGÂNCIA

E

PERSONALIDADE



*Em tôdas as estações do ano realizam-se casamentos e, embora se tenha a impressão de que os vestidos de noivas se afastam da tendência clássica, a verdade é que, dia a dia, os figurinistas lançam modelos novos e requintados.*

*Os tecidos favoritos são os tradicionais cetim, tafetá, tule e renda, mas, atualmente, também se está usando um fustão de sêda, fazenda esta bastante semelhante aos tecidos dos saris da Índia.*

*Trata-se de um tecido fino, sem ser transparente, crespo, mas não áspero e quase brilhante, sendo que deverá ser usado para vestidos de noiva, justos, ou seja retos na frente e tendo, atrás, duas pregas profundas, que se unem para formar a cauda.*

## Ser ou não ser

A famosa Vitória-Régia, conhecida como a mais bela flor do globo terrestre, foi contemplada, pela primeira vez, pelo botânico inglês Koenke que, num êxtase, a viu desabrochar num dia de soberbas pompas tropicais, no seu templo rústico.

Contam os historiadores que o naturalista inglês, ao ter conhecimento, em 1845, da existência d'êste belo espécimen da flora amazônica, ajoelhou-se na terra prodigiosa que pisava, agradeceu a Deus a incomparável fortuna de contem-

plar a encantadora ninfe-ácea e, numa exaltada homenagem à sua terra natal, batizou-a com o nome de sua rainha.

\*\*\*

A gafe tradicional do jornalismo histórico do Brasil pertence, sem dúvida alguma, ao "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, e foi cometido durante a vigência do período imperial.

Havendo D. Pedro II sofrido uma queda, da qual resultou fraturar uma perna, passaram os jornais a diariamente publicar informes a respeito do seu estado de saúde.

Eis, porém, que num certo dia, a notícia saiu assim:

"Sua Majestade está em franca convalescença. Tan-

to que passeou, ontem, pelos jardins do palácio, amparado em duas maletas".

É claro que o redator quisera dizer muletas. Por isso, no dia seguinte, o jornal apressou-se em corrigir o engano. Mas, a nova notícia de pouco adiantou, pois saiu impressa da seguinte forma:

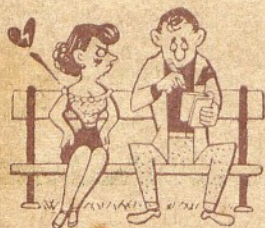
"Cometemos, ontem, lastimável erro de revisão, envolvendo a pessoa de S. Majestade. Na verdade, o Imperador deu o passeio amparado em duas mulatas"...

\*\*\*

Cromwell, o homem que foi um dos maiores estadistas do Parlamento Inglês, nas horas vagas entretinha-se a jogar cabra-cega com as filhas e os criados.....

★ ★ ★

## PENSAMENTOS ÚTEIS



*Se as mulheres pensassem antes de fazerem perguntas, evitariam, aos homens, muitas mentiras...*

★

*Quando uma mulher diz: "Há uma hora que te esperava" — deve-se entender: "há apenas cinco minutos". Todavia, quando afirma: "Perdoa, demorei cinco minutos" — está querendo dizer "uma hora".*

★

*O mais lindo vestido, o que custou mais caro, o que foi ambicionado durante meses e meses, torna-se feíssimo ... quando a vizinha tem outro igual...*

## TESTE DE INTELIGÊNCIA

- 1 — Quem foi o primeiro a receber a patente dos transportes coletivos?
- 2 — Quem foi o inventor dos espelhos ardentes?
- 3 — Qual o grande cardeal que fazia questão de sair sempre de casa com o pé direito?

## "DEMOISELLES D'HONNEUR"

Um problema que, constantemente, atormenta as amigas da noiva é: Como vestir-me, neste dia? Qual a tualete mais indicada a uma "demoiselle d'honneur"?

Sabedores desta dificuldade, apresentamos às nossas leitoras três sugestões e alguns conselhos, que lhes poderão ser úteis.

### SÃO ÊLES:

1.o) Mesmo quando a noiva usa vestido de cauda, as damas de honra poderão usar modelos curtos, rodados, os quais, habitualmente, são confeccionados em tafetá ou tulle, com um pequeno bolero sôbre uma blusa sem alças.

Êste último está muito em voga, porque permite que seja, depois, aproveitado para bailes e jantares.

Além do mais, torna encantadoras as "demoiselles", no dia das bodas.

2.o) No que diz respeito às côres, as mais indicadas são: côr de rosa e amarelo, a fim de

fazerem contraste com a tualete inteiramente branca da noiva.

3.o) Poderão ou não levar "buquets" de flôres, nas mãos.

Em todo caso é sempre interessante que as levem, pois na hora do desfile, com o nervoso, não saberiam o que fazer com êstes membros.



2) Bastante diferentes, quer no modelo, quer na fazenda e até mesmo no comprimento, aí estão duas criações de Maurer para as "damas de honra".

## RESPOSTA AO TESTE DE INTELIGÊNCIA

- 1 — Foi o célebre filósofo francês Pascal. Cabe-lhe, portanto, o privilégio dos ônibus.
- 2 — Archimedes, géometra de Syracusa. Tais espêlhos, concentrando os raios de sol, incendiavam as embarcações que se encontrassem ao alcance de uma flexa.
- 3 — Richelieu. Sempre que, por acaso, colocava primeiramente o pé esquerdo, voltava ao ponto de partida e tornava a sair, mas, desta vez, com o direito.

É de praxe a noiva presentear suas damas de honra, no dia de seu casamento.

Será uma lembrança desta data única na vida de uma mulher e, ao mesmo tempo, uma ótima ocasião para fazer ver às amigas escolhidas, que irão levá-la até o altar, o quanto foi bela e agradável a vida que juntas desfrutaram.



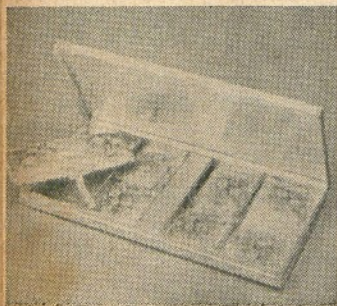
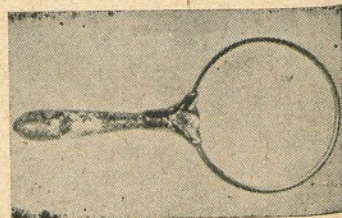
## PRESENTES PARA AS

Um elegante e bonito porta-pó, com desenhos variados, será sem dúvida uma bela recordação. Útil e indispensável, certamente trará alegria e prazer à sua amiguinha.

## DAMAS DE HONRA

*Nenhuma, certamente, pois tôdas nós gostamos de presentes originais e o de que estamos falando é, sem dúvida, uma novidade bonita e constitui verdadeira jóia.*

*Qual garôta deixaria de sentir prazer ao receber este belo espelho de bolsa, no dia que fôsse servir de dama de honra a uma de suas amigas?*



Eis uma outra idéia que poderá ser aproveitável. Trata-se de uma caixinha, ou melhor dito, de um estôjo contendo diferentes perfumes, que poderão ser usados nas diferentes horas do dia.

Estes vidros, como vocês podem ver, se encontram dentro de estojinhos de fustão.



## ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

AMIDO DE MILHO

# MAIZENA

MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

## ENRIQUEÇA SEU "MÊNU"

Já que a secção deste mês está sendo toda ela dedicada às noivas de setembro, escolhemos alguns docinhos de fácil confecção e que poderão fazer parte da tradicional mesa de casamento. Como as leitoras poderão ver, o segredo todo está na apresentação, a qual deverá ser a mais rica possível.

### DOCINHOS DE CASAMENTO

#### BOLINHAS DE AVELA

##### Ingredientes:

- 14 colhs. de açúcar;
- 200g de avelã ralada;
- 10 colhs. de farinha de trigo;
- 10 colhs. de maizena;
- 3 ovos, e
- casca ralada de 1 limão

##### Modo de fazer:

Misturam-se os ingredientes, perfeitamente, até formar-se uma pasta suave. Faz-se as bolinhas, as quais deverão ser, posteriormente, colocadas em assadeiras, untadas com manteiga, e levadas a forno brando.

É bom fazê-las de tamanho pequeno e nunca colocá-las muito perto umas das outras.

Depois de prontas, coloque-as em forminhas de metal prateado ou dourado.

#### LUA DE MEL

##### Ingredientes:

- 200g de farinha de trigo;
- 200g de manteiga; 100g de açúcar; 1 pitada de sal e 1 colherinha de fermento "Royal".



##### Modo de fazer

Misture tudo e abra com o rôlo. Corte com o cortador redondo, ou com a boca de uma xícara de café, e leve ao forno brando, também separados uns dos outros e colocados em assadeiras, previamente untadas com manteiga e polvilhadas com farinha de trigo.

Depois de prontos, uma dois de cada vez, ligando-os com doce de leite, goiabada, marmelada ou com o doce de sua preferência.

Assim que aprontar todos, embrulhe-os em papel de sêda branco e amarre-os com uma fita da mesma cor.

#### BRASILEIRA

- 1 quilo de açúcar; 1 côco, e 9 gemas.

##### Modo de fazer

Deite o açúcar numa panela ou tachinho, com um pouco de água, e leve ao fogo até a calda tomar o ponto de espelho. Tire o tachinho do fogo e junte à calda as gemas batidas e o côco ralado.

Depois de tudo bem misturado, leve novamente ao fogo para engrossar bem. Quando estiver quase vendo o fundo da panela, despeje num prato e deixe esfriar. Quando isto acontecer, faça pequeninas hóstias com a mistura obtida e leve ao forno para corar.

Logo que estiverem assados, tome um pincel de penas e com ele passe, nos docinhos, um pouco de calda grossa, deitando, a seguir, confeitinhos por cima.

Sirva em forminhas apropriadas.



### CAÇAROLA DE ARROZ COM CARNE DE PORCO A ITALIANA

#### Ingredientes: -

2 cebolas cortadas em rodelas; 1 dente de alho; 2 colhs. (das de sopa de azeite); 2 xícaras (das de chá) de caldo de carne (bouillon); 4 xícaras de chá de suco de tomate; 1 lata pequena de cogumelos, com calda; 2 colhs. (das de sopa) de salsa picada; 1 1/2 quilo de filé de porco, tirados os ossos e cortados em fatias finas; 3/4 de colhs. (das de chá) de sal; 1/4 de colh. (das de chá) de pimenta do reino; 2 colhs. de sopa de azeite; 2 xícaras de chá de arroz cru; 3 ou 4 cebolas cortadas em fatias; 3 pimentões verdes, sem sementes, e cortados em dois pedaços, de comprido, e 1/2 colher de sal.

Tôda a saudade de fato  
Se dói, consola também...  
Pois fica como um retrato  
Daquilo que nos faz bem...

**NA VÉSPERA:** Numa panela ponha 2 colhs. de sopa de azeite e frite 2 cebolas em fatias e o dente de alho, até que fiquem dourados. Retire o dente de alho; adicione o caldo de carne, seguido do caldo de tomate, dos cogumelos (com o próprio caldo), e a salsa picada. Deixe em fervura branda, durante uma hora, com a panela destampada.

#### Modo de fazer

Tempere a carne de porco com 3/4 de colher de chá de sal e com pimenta do reino. Frite a carne em duas colheres de sopa de azeite, até que fique dourada. Retire as fatias de carne de porco. Aos farelos da carne frita, que ficaram na panela, adicione algumas colhs. do caldo com tomate, para

dissolver as raspas. Vire este mólho na panela, onde está em fervura o caldo com tomate, cogumelo, etc.

Numa caçarola de tamanho suficiente, arrume metade das fatias de carne de porco, cubra com arroz cru, fartamente regado com metade do caldo já preparado. Adicione metade das fatias de cebola, restantes, e o resto das fatias da carne de porco. Cubra com as fatias de cebola, que ficaram e com as de pimentão. Salpique com 1/2 colher de chá de sal. Misture com o resto do caldo. Deixe esfriar e, cerca de 1 hora e 45 minutos antes da hora de servir, acenda o forno. Tão logo este esteja quente, coloque dentro dele a caçarola destampada e deixe assar, durante 1 1/2 hora, ou até que esteja bem assado.

QUADRINHAS  
ROMÂNTICAS

Se por este mundo andamos  
A procura de carinho, ...  
Por que, então, desperdiçamos  
O que fica no caminho?..



# Charadista!

# Cruzadista!

*Acaba de sair o "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO", de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).*

*Obra de grande valor para Charadistas e Cruzadistas, com um Suplemento contendo Alfabetos, Música, Noções sobre Cabala e Sinais diversos empregados pelos apreciadores da Arte Enigmística.*

*O "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO" é a condensação de tôdas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos Dicionários adotados nas Seções de Palavras Cruzadas e de Charadas das Publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar Charadas, Enígmás Desenhados e Palavras Cruzadas.*



*Adquira o seu exemplar, à venda em tôdas as Livrarias ou pedindo pelo reembolso a Manoel Hildegardo Pereira Franco, Av. São João, 1113 apt.º 16 — 3.º and.  
SÃO PAULO — BRASIL.*

# A GUARDA MILITAR DO PALÁCIO DO GOVÊRNO



No alto, o ten. cel. Fausto Quirino Simões, Chefe da Casa Militar.

Em baixo, o sr. vice-governador em exercício assiste ao hasteamento dos pavilhões nacional e estadual.

Reportagem do  
*Ten. Salvador Scafoglio*

Para que o grande público fique inteirado dos serviços que estão afetos à Força Pública do Estado de São Paulo, nos propusemos a tratar da matéria em uma série de reportagens.

Assim, fomos ao Palácio do Governo Estadual, a fim de abordarmos a vida diária de sua Guarda Militar. Logo pela manhã assistimos à chegada do sr. general José Porfírio da Paz, vice-governador em exercício, que autorizou o hasteamento dos pavilhões Nacional e Es-

tadual. S. Excia. se fazia acompanhar pelos ten. cel. Fausto Quirino Simões e cap. Adérito Augusto Ramos, chefe da Casa Militar e Ajudante de Ordens, respectivamente.

Em seguida nos dirigimos ao gabinete de trabalho do Governador, onde S. Excia. despacha com seu secretariado, assistido, na oportunidade, pelo ajudante de ordens e elementos da sua Casa Civil. Dali, rumamos para as dependências da Guarda Militar, em companhia dos tenentes Antônio Francisco Pinto,

José Luís Camargo Moreira e Sílvio Camargo de Brito.

A guarda, atualmente, está dotada de excelentes instalações, devendo ser objeto de outra reportagem, dado o vulto dos melhoramentos recebidos por iniciativa da Primeira Dama Paulista, dona Eloá do Vale Quadros.

Assistimos ao almoço servido aos elementos da Guarda, quando constatamos a excelente refeição que lhes é servida.

A Guarda Militar do Palácio se apresenta em ótimas condições no tocante aos homens escolhidos, às acomodações, à alimentação, ao conforto enfim, quer material, quer social.

Necessário se torna que procuremos dar às demais guardas, na medida do possível, a mesma situação de que goza a do Palácio. Conhecendo pessoalmente as demais guarnições, foi-nos possível notar certa diferença entre seus elementos. Acreditamos que seja resultado do nível de vida desigual que se lhes dá. Naturalmente, um elemento melhor alimentado e assistido, com melhores acomodações, rende muito mais em benefício do serviço, e se apresenta com aspecto diferente.

Acompanhamos as solenidades de rendição das guardas e desfile nas proximidades do Palácio, e bem impressionados ficamos com o garbo de seus elementos. De parabéns

---

---

Dois aspectos das solenidades de que se reveste a rendição da Guarda no Palácio dos Campos Elíseos.

---

---



estão os elementos da Guarda Militar do Palácio, desde os tenentes comandantes até o seu mais simples soldado. Que se mirem nessa guarda os demais componentes da nossa gloriosa Força Pública.

### Constituição

A Guarda Militar dos Campos Eliseos é uma guarda especial, que se destina à defesa da sede do governo. Pertence ao Batalhão de Guardas e está subordinada, administrativamente, ao comandante do mesmo, por intermédio da Primeira Companhia, a que pertencem os seus elementos. No que tange à execução dos serviços especiais que lhe estão afetos, se subordina à chefia da Casa Militar.

### Instrução

A Guarda Militar recebe instrução relacionada com a segurança e defesa do Palácio, ministrada pelos oficiais comandantes e graduados. Além disso, é dado cumprimento ao programa de instrução para a tropa pronta, de acôrdo com diretrizes da Diretoria Geral de Instrução. No âmbito do Btl., aos sábados, recebe instruções complementares por intermédio de oficiais da Unidade.

### Vida Diária

Para dar cumprimento à sua missão precípua de Vigilância os elementos da guarda do Palácio estão submetidos ao regime de 24 x 24 (vinte e quatro horas de serviço por vinte e quatro horas de folga). Pela manhã, às oito horas, a guarda forma para o hasteamento dos pavilhões Nacional e Estadual, bem como para receber o sr.

Governador do Estado. As 11,00 horas lhe é servido um excelente almoço. Precisamente às 12,00 horas procede-se à rendição solene das guardas, culminando com um desfile de que participam todos os seus integrantes. Realiza-se esta solenidade defronte aos jardins do edificio residencial, em sua parte externa, junto ao portão principal. É um ato solene, precedido de pequeno desfile pelas ruas próximas, tudo executado de acôrdo com as prescrições do Regulamento de Continências e Sinais de Respeito da F.F.A.A.. Além desses atos, a guarda segue vida normal no rodízio de seus elementos. As 17,00 horas é servido o jantar. Finalmente, às 18,00 horas, procede-se ao arriamento dos pavilhões Nacional e Estadual, continuando a guarda a cumprir sua missão específica.

### Subordinação

Não obstante deva obediência a dois comandos — comandante do B.G. e Chefia da Casa Militar — a guarda do Palácio tem como que vida autônoma, dadas as missões específicas que lhe são atribuídas. Não é demais reafirmar, enfim, que os seus elementos vivem num ambiente confortável e ostentam satisfação em pertencer ao seu efetivo.

### Transformação

Dada sua missão precípua, a Guarda Militar poderia sofrer uma transformação, passando de simples Guarda Militar, subordinada ao Batalhão de Guardas, para Companhia de Guerra, diretamente subordinada à Casa Militar do Governador. Necessário se torna realçar que tal



CLICHES  
TRACO  
TRICROMIA  
AUTOTIPIA

# Fotografia **MODERNA**

**VIUVA ARDINGHI & FILHOS LTDA.**

R. GUAIANAZES, 467 - TEL. - 52-2966 - S. PAULO

(Conclusão da pág. ant.)

medida viria simplificar as dificuldades existentes, em virtude da duplicidade de comandos, o que causa sempre embaraços para o serviço da guarda.

Sendo adotada a providência que sugerimos, a Companhia de Guerra, então formada, tornar-se-ia parte integrante da Casa Militar,

ficando dissolvidos os laços que a prendem ao B.G..

Passaria, como acontece com a Casa Militar, a pertencer ao efetivo do Contingente do Q.G., que cuidaria da sua vida administrativa e disciplinar, bem como da seleção dos elementos que deveriam integrá-la.



## Cabelos sedosos

PETRÓLEO

# JUVENIA

TONIFICA-FIXA  
PERFUMA



# Dr. Altino Arantes

(Homenagem a um Parainfante)

A TURMA de Aspirantes da Força Pública diplomada em 1922 e, por isso cognominada "ASPIRANTES DO CENTENÁRIO", convidou para seu paraninfo o insigne paulista e valoroso cidadão dr. Altino Arantes, a cujos serviços tanto devem São Paulo e o Brasil.

Realmente, ainda há poucos dias, concedia o atual Governo Brasileiro a Sua Excelência, a comenda de "Grande Oficial da Ordem do Mérito Nacional", como testemunho do reconhecimento brasileiro pelos relevantes serviços que Sua Excelência vem prestando ao País com tenacidade e humildade apostólicas, com bravura e serenidade espartanas, com inteligência e sabedoria ímpares, com desinterêsse e civismo exemplares, virtudes que mais e mais o exalçam na comunidade nacional e o apontam como "cidadão exemplo".

Por êsse motivo, seus parainfados da Turma de Aspirantes do Centenário decidiram homenageá-lo, valendo-se do transcurso de sua data natalícia, ocorrida a 29 de setembro, em que o grande homem público completava seus 80 anos.

Ao delinear o programa de homenagens, já outro estava pronto e em vias de execução, razão por que a

Turma de Aspirantes do Centenário não teve outra alternativa, senão entrar seus atos com os daquele, tais a expressão social que o envolvia e os vultos eminentes que o impulsionavam.

Assim, naquele dia, às 9 e 30 horas, lá estavam, na Capela do Colégio São Luís, à Avenida Paulista, Colégio êsse onde têm seus estudos secundários o ínclito varão, os onze oficiais superiores da Força Pública de São Paulo, seus parainfados ainda vivos, para levar a Deus seus agradecimentos por conservar com saúde e plena inteligência o cidadão de raras virtudes, que, sendo-lhes paraninfo, lhes é ainda um exemplo e um estímulo, a inspirá-los, qual farol miraculoso, na luta diária moderna.

Encheu-se a grande e clássica Capela de homens e senhoras da mais variada representação paulista e, porque não dizer, do mais alto quilate, para somar seus agradecimentos a Deus aos dos seus parainfados.

Pontual e correto como sempre foi, penetrou o dr. Altino Arantes a Capela dois minutos antes da hora, ladeado pela sua digníssima esposa e precedido por dois originais batedores: duas lindas e robustas netinhas.

Mal tomou lugar na primeira fila de bancos e colocou ao pescoço seu fi-



Fotografia tirada em frente à Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, em 1942, onde se vêem o dr. Artino Arantes, ao centro e, à sua esquerda, o sr. general Gaudie Ley, então comandante geral da Força Pública, e o saudoso cel. Romão Gomes. Os demais, fardados, pertencem à Turma de Aspirantes do Centenário.

tão azul de mariano, teve início o Santo Sacrifício da Missa, finalizado por inúmeras comunhões: do ilustre homem, sua esposa, demais membros da família e outros amigos.

Concluída a missa, veio o dr. Altino para o pórtico de entrada da Capela, onde, durante mais de uma hora, recebeu cumprimentos de quantos lotavam completamente o templo.

A todos, dando forte apêto de mão e abraço, e dirigindo generosas palavras de agradecimento, demonstrou ter merecido do Criador conservar sua higidez física e mental, que ostenta com sobrançeria, sem afetação.

Às 13 horas, no Restaurante Molinaro, os aspirantes do Centenário e suas esposas se reuniram num almoço, todo dedicado a rememorar fatos da vida do querido paraninfo, hoje glória reconhecida da sociedade brasileira.

Às 18 horas, começaram a afluir ao vetusto palacete da rua Frei Cane-

ca inúmeras pessoas, que foram levar-lhe as homenagens amigas pelo feliz acontecimento.

Ali, no recesso do lar, no aconchego caloroso dos mais puros sentimentos familiares, eram recebidas as pessoas amigas, que lhe levavam as mais desinteressadas e puras homenagens, fruto da admiração cívica e respeitosa pelas suas virtudes de Chefe de Família, de amigo e de cidadão.

Seria longo enumerar os presentes, tal como sucedeu pela manhã, na Capela de São Luís.

Lá estiveram os onze oficiais superiores, em nome dos quais a certa altura, falou o cel. José Hipólito Trigueirinho:-

"Dr. Altino.

A Turma de Aspirantes da Força Pública do Centenário, de 1922, seus afilhados, encarregou-me da subida honra de dirigir-lhe algumas palavras nesta data, para nós particularmente

feliz, em que vemos o nosso querido paraninfo completar seus oitenta anos em completa forma.

Bem por isso, abraçamo-lo hoje, pela manhã, quando no templo, erguemos nossas hosanas a Deus em fervido agradecimento, por conservá-lo entre nós em invejável **higidez**.

Desejam, porém, seus paraninfados, deixar dêsse sentir um marco mais objetivo, que lembre, através do tempo e da visão, êsse complexo de amizade admiração e reconhecimento.

Daí o oferecer-lhe uma lembrança, modesta no seu valimento material, porém, sincera pelo seu significado.

A prata, de que é feito, dêsse metal nobre que a Igreja consagrou para seu uso em inúmeros utensílios litúrgicos, recordará a nobreza dos nossos acrisolados sentimentos para com o nosso Paraninfo, que é também uma das maiores personalidades de nossa Pátria, como ainda há pouco reconheceu o Governo Brasileiro ao conceder-lhe o "Mérito Nacional".

A forma de livro, que apresenta, lembrará a nossa mais sincera amizade pela insigne e generosa pessoa de nosso Paraninfo, pois é o Livro o melhor amigo dentre os amigos todos; livro que à sua personalidade é tão caro, pela inteligência que dêle sempre fêz como fonte de sua cultura privilegiada, cultura que é, para nós, um farol miraculoso, a guiar-nos nos dias tumultuários de hoje.

Receba-o, querido Paraninfo, com a mesma efusão com que lh'a oferecemos".

Recebendo um estojo azul, em cujo interior se encontrava um livro aberto, de prata, de dimensões de bolso, em cujas páginas se liam:

"Ao Paraninfo Dr. Altino Arantes.

*Homenagem da Turma de Aspirantes a Oficial do Centenário de 1922.*  
— 29 de Setembro de 1956"

O dr. Altino Arantes dirigiu breves palavras aos seus Paraninfados, lembrando que, quando Presidente do Estado, dispensou os maiores carinhos à Fôrça Pública; porque, durante seu governo e durante a primeira grande guerra, lhe coube sufocar a primeira, grande e sangrenta greve estalada em São Paulo, greve de nitida tendência extremista. Nessa ocasião, teve de recolher tôda a Fôrça Pública do interior para fazer frente aos combates que se travavam nesta Capital.

Lembrou então as figuras do seu Secretário da Justiça e da Segurança Pública, dr. Eloy Chaves, ali presente ainda graças ao Criador, e do então Comandante Geral Cel. Antônio Batista da Luz, grande figura de chefe e de cidadão, embora caboclo oriundo de humilde família de Franca. Por isso, sempre acompanhou a vida da Fôrça Pública com especial carinho, porque ela foi, é e será sempre a guardiã primeira de São Paulo, cuja história é a mesma história dela.

Via na farda dos velhos oficiais ali presentes essa mesma gloriosa Fôrça Pública, a cujo serviço deram o melhor de si, para honrá-la e glorificá-la; mas além disso, via nêles, os paraninfados de 1922, seus bons e leais amigos, que o não esquecem, como naquele momento, cumulando-o com as mais expressivas manifestações de carinho, que êle, de todo o coração, agradecia e retribuía.

Quando de lá se retiraram seus Paraninfados, estava repleta a sua acolhedora casa.





## Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

### (Conclusão da pág. ant.)

Seus paraninfados presentes foram: Coronéis Sebastião do Amaral, ex-Juiz do Tribunal de Justiça Militar; José Ramos Nogueira, ex-Presidente da Cruz Azul; Benedito de Castro Oliveira, ex-Instrutor da Policia Militar do Estado do Espirito Santo; Thales Prado Marcondes, ex-Comandante do Regimento de Cavalaria e ex-Diretor da Sociedade Hípica Paulista; João Procópio da Silva, ex-Tesoureiro da Caixa Beneficente; José Hipólito Trigueirinho, ex-Diretor da Guarda Civil e Vice-Pre-

sidente do Clube Civico Militar; Manoel Augusto Baltazar, ex-Diretor do Ensino da Escola de Oficiais; Lúcio Rosales, Bibliotecário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Alberto Fischer, ex-Chefe de Secção do Quartel General e Majores:— José Camilo Valença, ex-instrutor da Escola de Oficiais e Benito Serpa, ex-Chefe do Departamento do Pessoal da Guarda Civil e Vice-Presidente da Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública.

## JOVEM!

Você que pretende ser oficial da Fôrça Pública, inicie desde já os seus estudos. Matricule-se no

### CURSO MILITIA

patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão ao Curso Pré-Militar apresentou maior índice de aprovação.

Número de vagas limitado a 25 em cada classe, para melhor aproveitamento dos alunos.

Informações: telefone 32-2884

# ASSOCIAÇÃO DOS OFICIAIS REFORMADOS E DA RESERVA DA FÔRÇA PÚBLICA

Expressiva homenagem foi prestada pela Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública, no dia 23 de junho último, aos srs. cel. Rubens Teixeira Branco e ten. cel. Milton Marques de Oliveira, respectivamente Comandante Geral e Chefe do Estado Maior da nossa Corporação, bem como à ilustre Comandante da Polícia Feminina, dra. Hilda Macedo.

As solenidades tiveram início às 16 horas, quando o sr. cel. João de Quadros, presidente da entidade, declarou abertos os trabalhos. Falou, inicialmente, o major dr. Ari Gomes, em cuja aplaudida alocução, tôda vasada em elevados conceitos filosóficos, precisamente enalteceu as personalidades dos homenageados. A seguir, em nome da Associação, o major Olimpio de Oliveira Pimentel pronunciou o brilhante discurso que inserimos no fim desta reportagem.

De forma altamente eloqüente, a sócia de honra Guiomar Franco pres-

tou a sua homenagem aos visitantes, declamando "Singarella" e a "Ceia dos Cardeais".

Depois, dirigindo-se ao sr. cel. Rubens Teixeira Branco, o cel. João de Quadros teceu considerações acerca do aumento de vencimentos, que tanto vem preocupando a classe, assim como da desejada e procedente fusão do Clube dos Oficiais com a Associação a que preside.

Agradecendo as homenagens que lhe eram tributadas, falaram de improviso o ten. cel. Milton Marques de Oliveira, chefe interino do E.M.; a dra. Hilda Macedo, cmt. da Polícia Feminina, cujas últimas palavras foram de saudação ao cel. José Hipólito Trigueirinho, ex-diretor da Guarda Civil, e, finalmente, o cel. Rubens Teixeira Branco.

Encerrando as solenidades, lauta mesa de doces foi servida a todos os presentes.

## *Discurso pronunciado pelo major Olimpio de Oliveira Pimentel*

A Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública, vive um dos momentos mais gloriosos e sente-se jubilosa ao receber a vossa

amável visita. Se perlustrardes os semblantes que tendes em tôrno; vereis o sorriso, que atesta amizade; a expressão, que traduz simpatia; o gesto, que

exprime admiração e respeito. São todos eles, rostos de velhos companheiros vossos conhecidos, que atendendo ao chamamento que lhes fizera a Diretoria da entidade, acorreram pressurosos a esta sede a fim de vos receber e homenagear. E porque assim, ávidos, atenderam ao canglor da primeira clarinada? Porque sois dignos e merecedores de tôda a consideração, de amplos aplausos e de justos encômios. Esta associação longe de ser tabu, sente-se feliz ao contato de todos os que dela se aproximam, mormente quando os acolhe em afetuosa missão como esta que estais realizando. Esta casa é para nós, veteranos, o caravançarâ destinado à pousada de todos os velhos oficiais que, depois de prestarem ao Estado cêrca de três décadas de serviço ininterrupto, aqui aportam para acalentar os últimos anos de existência num justo e merecido descanso. Tem ela por finalidade precípua, congregar no âmago velhos camaradas, proporcionando-lhes instantes de entretenimento e amparando-os na adversidade quando a sorte lhes é madrasta. É aqui o oásis daqueles que fogem da vida tumultuosa das paixões, dos ódios e das incompreensões que sobrepairam na cidade dinâmica que é nossa metrópole. É daqui, dêste escalão — o último por certo — que acompanhamos o surto de progresso desta capital imensa; o impulso indescritível da vida administrativa; o arranco fenomenal de suas empresas; o sôfrego e dinamizado comércio; a soberba, altaneira e opulenta indústria!!! É daqui, dêste reducto, que sem paixões políticas, nem seitas, nem doutrinas, nem dogmas religiosos, analisamos a atitude e o pro-

ceder dos responsáveis pelos serviços públicos, em todos os setores, em todos os seus aspectos, em tôda amplitude e grandeza.

SR. CEL. RUBENS, naquela tarde 15 de janeiro, radiante de sol, de alegria e entusiasmo, quando sob aplausos gerais, no salão nobre do Regimento "9 de Julho", assumistes o cargo de Comandante Geral da Fôrça Pública, raiou nova aurora para a centenária corporação; nasceram verdes esperanças de uma comando de paz, de concórdia, de harmonia, de confraternização, de amizade e de trabalho racionalizado e profícuo.

Não se enganaram os que assim viram, na acertada escolha do novo Chefe, dias risonhos e promissores. Sois de fato criador de uma era que define o homem probo e de caráter ilibado, que hoje dirige os destinos da milícia paulista.


SR. TENENTE CORONEL MILTON MARQUES DE OLIVEIRA, sois nosso associado desde 27 de janeiro de 1949. Os oficiais reformados e da reserva aqui presentes, sentem-se duplamente eufóricos e felizes: primeiro, pelo ensejo de homenagearem o consócio que pelos dotes de inteligência e capacidade de trabalho, vem galgando de modo ascensional os mais altos postos da hierarquia; segundo, por vê-lo ocupando o elevado cargo de Chefe do Estado Maior, pondo em relêvo os seus reconhecidos méritos.

Aos dois ilustres chefes e amigos, o penhor de nossa gratidão.

DOUTORA HILDA MACEDO, vossa presença nesta sede e nesta reunião, a qual chamamos da família Fôrça Pública, sensibiliza sobremaneira a

## ○ Anoi-tecer

TEN. DORIVAL ROSSI

 **TARDE** ia morrendo na fazenda "Moreira" da Serra. O sol, declinando rapidamente no horizonte, deixava o seu adeus costumeiro à natureza morta, prometendo voltar no dia seguinte trazendo todo o aroma e frescor da aurora. O crepúsculo vespertino, com sua luz esmaecida, suave, deitava-se sobre as matas para adormecer, dali a pouco, em sono despreocupado.

Dentro dessa policromia, fornecida gratuitamente pela natureza, tudo se tornava lânguido e vagaroso. Os trabalhadores braçais vindos das roças, enxadas às costas, cobertos de suor... fruto de trabalho exaustivo e sob sol causticante, estampam nas faces migalhas esparsas de felicidade. Os animais procuram a pousada e a ração diária. A juriti, na mata, com seus gemidos tristes esperava a chegada do companheiro para se despedir do dia que findava. O bimbalar do sonoro *Angelus*, na capela distante, ritimava as suaves notas da *Ave Maria*. Da floresta saíam como que gritos de pavor de animais ferozes que, pouco a pouco, sumiam na imensidão.

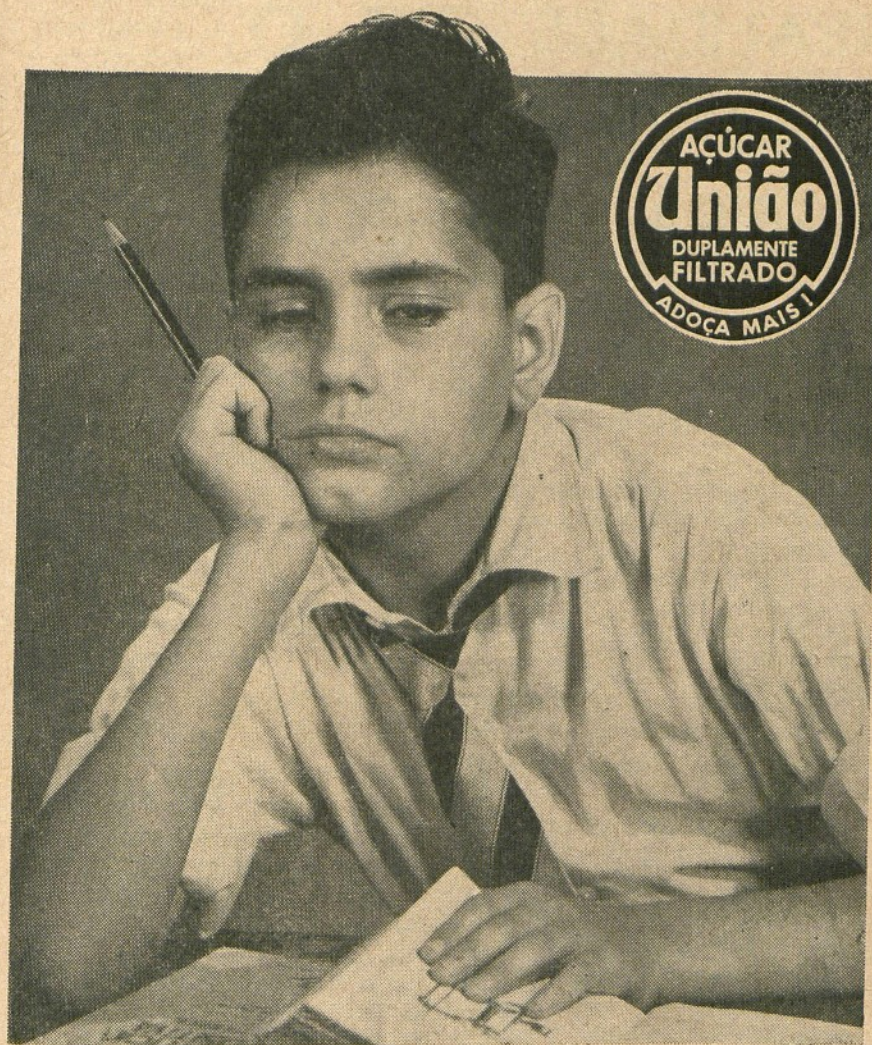
As luzes das casas da fazenda, com o seu acender, lembravam os pirilampos que não demorariam a trazer o seu encanto. O último raio de sol, com ares de desprezo e sem piedade, lançava a fazenda na escuridão plena. O orvalho já se fazia sentir, regando docemente as flácidas plantas. Em tudo e por todos os cantos havia silêncio. Era noite...

(Conclusão da pág. ant.)

Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva, e de modo especial a Diretoria que há muito ansiava por este grato acontecimento. Foi com visível alvoroço que recebemos a notícia do comparecimento a esta recepção da Polícia Feminina, que seria majestosamente representada pela insigne comandante. Em nome da Associação, agradeço-vos dra. Hilda, bem como à subcomandante, senhora Euridice da Silva Costa, esta visita tão amável quanto significativa.

Como organização policial mais nova, poderemos considerá-la, se assim concordardes, seja a Polícia Feminina netinha da Força Pública, visto ser esta a entidade mais antiga; e, neste caso, esta Associação considerar-se-á bisavó da novel corporação.

Recebei pois, Polícia Feminina, os votos de crescente felicidades que vos anela a Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Força Pública.



A criança que se mostra desanimada, sem coragem de estudar as lições e com preguiça até de pensar, tem falta de energia.

Muitas vezes a causa dessa apatia consiste apenas em falta de açúcar no orga-

nismo. Conduzido pela circulação, o açúcar se transforma no combustível por excelência do sistema muscular. Claude Bernard, famoso cientista, chamou o açúcar de "carvão dos músculos".

# REALIDADE QUE O RODOVIÁRIO BRASILEIRO PRECISA CONHECER

Você sabia que o Brasil ocupa o 9.o lugar entre os países latino-americanos, em extensão de estradas pavimentadas?

Se não sabia, veja os seguintes dados de 1953, que confirmam essa afirmativa:

1) México	25.954 km
2) Argentina	11.015 km
3) Venezuela	4.142 km
4) Porto Rico	3.860 km
5) Cuba	3.735 km
6) Chile	3.412 km
7) Peru	3.278 km
8) Colômbia	2.263 km
9) BRASIL	1.953 km
10) Costa Rica	1.290 km
11) Nicarágua	720 km
12) Panamá	674 km
13) El Salvador	504 km
14) Haiti	400 km

O que mais impressiona, no entanto, quanto à precariedade da situação configurada, é o confronto dos índices obtidos pela relação entre a extensão pavimentada (km) e a superfície (km<sup>2</sup>).

1) Porto Rico	0,43390 km/km <sup>2</sup>
2) Cuba	0,03261 km/km <sup>2</sup>

3) Costa Rica	0,02534 km/km <sup>2</sup>
4) El Salvador	0,01477 km/km <sup>2</sup>
5) Haiti	0,01441 km/km <sup>2</sup>
6) México	0,01373 km/km <sup>2</sup>
7) Panamá	0,00910 km/km <sup>2</sup>
8) Nicarágua	0,00486 km/km <sup>2</sup>
9) Chile	0,00460 km/km <sup>2</sup>
10) Venezuela	0,00454 km/km <sup>2</sup>
11) Argentina	0,00394 km/km <sup>2</sup>
12) Peru	0,00262 km/km <sup>2</sup>
13) Colômbia	0,00198 km/km <sup>2</sup>
14) BRASIL	0,00022 km/km <sup>2</sup>

Apesar dêsse atrazo em relação aos demais países latino-americanos, o Brasil é muito modesto em seus gastos com a construção e pavimentação de estradas. Para exemplificar, basta citar que o Brasil gastou, em circulação, índice bastante baixo comparado com o das Filipinas, que foi de Cr\$ 85.394,00; Honduras — Cr\$ 67.565,00; Paquistão — Cr\$ 39.234,00 e outros países de menor importância do que o Brasil.

No tocante ao gasto de verbas rodoviárias por habitante, o Brasil gastou Cr\$ 85,00, enquanto que a Nova Zelândia dispendeu Cr\$ 2.210,00, a Austrália Cr\$ 1.448,00, a Rodésia do Sul Cr\$ 533,00, e assim por diante, estando apenas abaixo do Brasil a Índia

com Cr\$ 20,00 por habitante, mas se deve considerar que a mesma tem uma população de 450.000.000 de habitantes.

As verbas rodoviárias gastas pelo Brasil provinham de três fontes:

1.a) Do Fundo Rodoviário Nacional, que é constituído pela arrecadação do imposto único sobre combustíveis e lubrificantes líquidos importados e produzidos no País, do qual 60% são rigorosamente entregues pelo DNER aos Estados e Municípios; 2.a) Das verbas destinadas pelo Orçamento Geral da União a estradas especificadas, as quais são repetidas vêzes atingidas pelos denominados "planos de economia", reduzindo-se a um têtço a aplicação do que foi votado pelo Congresso; 3.a) verbas estaduais e municipais destinadas a estradas, as primeiras existentes de fato sômente em alguns Estados, e as segundas sem grande expressão. Atualmente, o Fundo Nacional de Pavimentação constitui mais uma fonte, como veremos depois.

## O PLANO QÜINQUÊNAL

1956-1960

Como parte integrante do planejamento de atividades durante a sua gestão, o Governo da República, pelo seu órgão especializado que é o DNER, elaborou um Plano Qüinquenal de Obras rodoviárias federais correspondente ao período 1956-1960. Esse plano, como é natural, compreende a execução de novas estradas de rodagem, de melhoramentos e de pavimentação de rodovias onde o trânsito de veículos já ultrapassou os limites técnicos admissíveis para pistas de revestimento primário. Foi assim programada para os exercícios financeiros compreendidos no citado

qüinquênio a execução de 10.126,2 km de "obras básicas" — construção de novas rodovias e melhoramentos em rodovias existentes — pela importância aproximada de 8.501,1 milhões de cruzeiros e 3.255 km de extensão de rodovias a serem pavimentadas pela importância, também aproximada, de 8.501,1 milhões de cruzeiros e 3.255 km de extensão de rodovias a serem pavimentadas pela importância, também aproximada, de 4.657,3 milhões de cruzeiros, além da retirada de 1.000 km de trilhos de ramais ferroviários comprovadamente deficitários que darão lugar a novas rodovias.

E', de fato, um plano de realizações modestas em face das necessidades prementes do país, se o compararmos com os mais recentes planejamentos de outros países da América do Sul. Deve êle que se adaptar à conjuntura econômica do momento, mas será de qualquer forma um incentivo à produção e à exportação, que estão na dependência do problema do transporte rodoviário.

O critério fundamental adotado para o selecionamento de "obras básicas" obedeceu às leis que determinaram as rodovias ou trechos de rodovias consideradas de "primeira urgência", e objetivou complementar outras rodovias federais de modo a atingir metas que atendam a fins econômicos de importância.

Quanto às "obras de pavimentação", o critério de seleção foi o de melhor atender à circulação dos veículos, considerados a intensidade e o volume de tráfego. Esses índices aliados a imperativos de ordem econômica e à melhor coordenação dos transportes terrestres, determinaram a seleção dos tre-

chos a serem pavimentados, das estradas constantes do Plano Rodoviário Nacional.

## RECURSOS FINANCEIROS DO PLANO QÜINQUENAL

Os recursos anuais de que disporá o DNER para a execução do Plano Qüinquenal dependem das receitas do Fundo Rodoviário Nacional e do Fundo Nacional de Pavimentação. Aquê, criado pelo Decreto-lei n.º 8.463, de 27-12-45, é constituído, como já foi dito, da arrecadação do imposto único sobre combustíveis e lubrificantes líquidos importados ou produzidos no país. Este, instituído pela Lei n.º 2.698, de 27-12-55, se constitui de 30% das "sobretaxas" arrecadadas, de uma só vez ou em parcelas, antes ou depois da refinação no Brasil, pela importação de petróleo, e seus derivados, depois de regularizadas as operações cambiais realizadas antes da referida lei. Vinte por cento dessa parcela constituirão o Fundo Especial que será exclusivamente aplicado na construção, no revestimento ou na pavimentação das estradas que se construirão ou se aproveitarão para substituir os trechos de ferrovias reconhecidamente deficitários, e 80% constituirão o Fundo Nacional de Pavimentação, do qual 40% será aplicado pelo DNER e 60% pelos Estados e Municípios.

## INFLUÊNCIA DA PAVIMENTAÇÃO NA ECONOMIA DOS TRANSPORTES

A influência da pavimentação no custo das operações de transporte e a conseqüente repercussão no preço de venda das mercadorias é consideravelmente favorável. Ela proporciona, sem

dúvida alguma, baixa apreciável nessa operação, e incrementa o volume e o peso do trânsito, uma vez que as vantagens das operações de "porta a porta" e de "porta a pôrto marítimo" tornam-se preponderantes pelo fato de se achar localizada a uns 300 km do litoral quase tôda a produção agrícola, uns 90% da população e tôda a produção industrial do país, distância essa economicamente indicada para o transporte rodoviário.

Não é preciso insistir sobre as vantagens nas operações de transportes conseguidas com a pavimentação das estradas, diante de muitos exemplos brasileiros e estrangeiros. Sabem os técnicos rodoviários que com estradas pavimentadas geralmente se consegue reduzir de cerca de 25% o consumo de combustível, 50% o de lubrificante, de 70% o de pneus e, no mínimo, de 50% o custo de manutenção. Se a vida útil é aumentada de 50%, no mínimo, esse fato justifica, por si mesmo, a inversão de capitais na pavimentação. É impressionante a conclusão sucinta da revista "Rodovia" que, em seu número de fevereiro do corrente ano, diz o seguinte:

### "O IMPOSTO DA LAMA"

"60.000 caminhões trafegam diariamente no Brasil em estradas de terra ou simplesmente ensaibradas. Seu valor médio é de 500 mil cruzeiros por unidade. Desgastam-se em 3 anos, ou sejam 166 mil cruzeiros por ano. Se trafegassem em rodovias pavimentadas desgastar-se-iam em 8 anos, ou sejam 63 mil cruzeiros por ano. Perde o país 103 mil cruzeiros por ano em cada caminhão e, portanto, 6 bilhões de cruzeiros, mais do dôbro do Fundo Ro-



doviário. "Esse é o "imposto da lama" de que precisamos nos libertar, pavimentando estradas".

Urge, pois, uma única saída da situação calamitosa de carência de produção e transportes em que nos encontramos: é a pavimentação das estradas com melhoramentos adequados a "obras básicas". Para este fim, tem o Brasil que inverter capitais substanciais, do mesmo modo que outros países enfrentaram o importante problema.

Resta vencer a timidez dos poderes públicos planejando obras de maior amplitude e a sua execução mais intensiva.

### O DEVER DE TODO RODOVIÁRIO CONSCIENTE

Nesta conjuntura em que nos encontramos, é necessária e vital a compreensão de todo rodoviário consciente, que deverá empregar o melhor dos seus esforços no sentido de conseguir o maior rendimento dos serviços com o menor gasto possível. Somente assim conseguiremos a produtividade capaz de realizar o máximo com o mínimo de que dispomos, e sairemos desse círculo vicioso que nos impossibilita de construirmos pouco porque não temos mais estradas pavimentadas.

E' esta a realidade que o rodoviário brasileiro precisa conhecer.



**DOR - GRIPE - RESFRIADOS**  
**RHODINE**  
CAFEINADA

*A boa enfermeira*



*A marca de confiança*



Os sábios falam porque têm alguma coisa para dizer; os tólos porque desejam falar alguma coisa.

Platão



## BAHIA

### VISITA DO CORONEL URURAHY DE MAGALHÃES

No dia 6 de abril próximo findo, a Polícia Militar foi honrada com a visita do cel. João Ururahy de Magalhães, comandante geral da co-irmã do Distrito Federal, o qual se fez acompanhar de sua exma. esposa e do seu ajudante de ordens, cap. Andrade.

Aos visitantes tudo fizemos para confirmar a admiração e a estima que lhes dedicamos, já pela obra marcante que o ilustre cel. Ururahy realiza na Capital Federal, já pela cativante hospitalidade com que sempre somos recebidos naquela Corporação.

Tivemos o prazer de ter o cel. Ururahy de Magalhães, como presidente das solenidades com que foi aberto o ano letivo no Centro de Instrução. Neste estabelecimento, os visitantes foram saudados pelo major Edson Franklin de Queiroz, diretor do Centro, antes da aula inaugural que este ministrou sob o tema "A Educação

Moral na Polícia". No dia 7 mesmo, os visitantes tiveram a oportunidade de conhecer as diversas unidades da Vila Militar do Bonfim, onde estão instalados os 1.º BC, Batalhão de Polícia Metropolitana, Centro de Instrução, Hospital, Companhia de Recrutamento e Serviço de Bem-Estar-Social.

Outras homenagens foram tribuadas ao Comandante da PM do Distrito Federal. Assim, foi-lhe oferecido pelo secretário da Segurança Pública, prof. Lafaiete Coutinho, um jantar no Hotel da Bahia, do qual participaram as figuras mais representativas do Governo e da sociedade baianos. Saudou-o aquela autoridade, tendo o homenageado agradecido a demonstração de apreço, frizando a satisfação de ver o desenvolvimento por que passa a Polícia baiana, especialmente no setor policial-militar, sob a gestão auspiciosa do cel. Manoel da Graça Lessa. Também, o Clube dos Oficiais da Polícia Militar propiciou aos visitantes um almoço na poética Lagoa do Abaeté, onde homenageados e homenageantes passaram todo um dia numa festiva e cordial convivência, contando ainda com a presença de altas autoridades militares e civis. Durante o ágape, falou em nome dos seus companheiros e das famílias dos oficiais da PM baiana, o major Durval Tavares Carneiro, em brilhante improviso, saudando o cel. Ururahy e sua digníssima consorte.

As senhoras dos oficiais baianos, cativadas pela carinhosa manifestação de amizade e distinção da sra. Ururahy de Magalhães, prestaram-lhe também sua homenagem, oferecendo-lhe uma lembrança da Bahia, falando na oportunidade a sra. tenente Elpidio Albuquerque.

Por fim, o capitão Andrade, miliciano de carne e osso, que muito se identificou com os seus companheiros da Bahia, pelos seus gestos largos de afetividade, recebeu uma prova da nossa estima: depois de uma ligeira falação (porque quase à hora do embarque de regresso ao Rio), teve de levar para casa uma "Baiana", com balangandans, feitiços e tudo!... Ape- nas ficamos preocupados com a sua chegada em casa, com tal companhia...

#### SOCIEDADE BENEFICENTE DA POLÍCIA MILITAR

Foi eleita e empossada a nova direção da Sociedade Beneficente da Polícia Militar, para o biênio 1956/1957.

*Assembléia Geral:*— presidente, cel. Galdino de Souza; vice-presidente, cel. CB Alvaro Albano de Oliveira; 1.º secretário, major Edson F. Queiroz; 2.º secretário, ten. José Oliveira Andrade.

*Conselho Administrativo:*— majores José Eloi de Carvalho, Tescon Nogueira, Virgínio Bacelar, major CB Domingos Canabrava, capitães Durval Brito, Gutemberg Gonçalves, Salatiel Queiroz e ten. Agapito de Menezes; *Tesoureiro* — ten. Pedro Elias Cardoso de Oliveira; *Bibliotecário* — cap. Segismundo Melo; *Comissão Fiscal* — Tens. Nei Ferreira, Adalberto Cunha e Zacarias Mustafa.

#### DIA DAS POLÍCIAS MILITARES

Foi comemorado o Dia do Patrono das Polícias Militares, 21 de Abril, no Centro de Instrução, com uma sessão solene presidida pelo sr. cel. Manoel da Graça Lessa, comandante geral. Falaram os prof. dr. Antônio Pereira de Matos, sob o tema "ACONTECEU COMIGO... E A POLÍCIA NO MEIO" e aluno do CFO José

Oliveira Marques, com uma Oração a Tiradentes. Depois foi lido o Boletim Especial baixado pela Diretoria do Estabelecimento. Encerrou a sessão, o cel. Lessa, com palavras de exortação aos milicianos ao cumprimento dos deveres patrióticos e exaltando a personalidade do nosso Patrono.

#### 21.º ANIVERSÁRIO DO CENTRO DE INSTRUÇÃO

O Centro de Instrução da Polícia Militar comemorou, no dia 18 de julho último, o seu 21.º aniversário de criação.

Estabelecimento que vem sendo o órgão formador dos oficiais, sargentos e praças da centenária milícia, nos seus vinte e um anos de existência, já formou e lançou nos diversos corpos e serviços da Polícia Militar, 112 oficiais, 38 oficiais de Intendência, 440 sargentos de fileira e 700 cabos de fileira.

Além dos cursos de formação referidos, funcionam no estabelecimento, o curso preparatório, equivalente ao curso ginásial e o curso prévio, onde os jovens ginásianos completam a sua instrução secundária, sem o que não poderão ser matriculados nos cursos de oficiais das armas ou intendentes.

Deste modo, o Centro de Instrução realiza um trabalho apreciável pelo desenvolvimento dos serviços de segurança do Estado, constituindo a principal Escola de Polícia da Bahia, pois, serve a mais numerosa corporação policial que está presente, pelos seus oficiais e praças, em todos os pontos do vasto território bahiano. Hoje, conta com um corpo docente bem eficiente, figurando no mesmo, professores da melhor reputação ao lado de oficiais do Exército e da própria Polícia Militar.

## AS COMEMORAÇÕES DA DATA

Comemorando o seu vigésimo primeiro aniversário de criação, o Centro de Instrução, realizou, naquela data, às 9,30 horas, uma sessão solene, presidida pelo cel. Graça Lessa, tendo nesta oportunidade, o major Edson Franklin de Queiroz, pronunciado uma conferência que versou sobre o "Passado, presente e futuro de uma Escola".

Em seguida foi oferecido um coquetel, pela diretoria do Centro e pelo Grêmio Artur Cortes, da Escola de Oficiais, às autoridades, oficiais da Polícia Militar e de outras corporações, à Imprensa, ao corpo docente e pessoas outras.

## PROMOÇÃO DE OFICIAIS

Foram promovidos: a major, por merecimento, o cap. médico Temístocles Carvalho de Azevedo, atual diretor do Hospital da PM; a 2.º ten., por merecimento intelectual, o asp. Raulino Franklin de Queiroz, em virtude de ter alcançado o primeiro lugar no Curso de Formação de Oficiais.

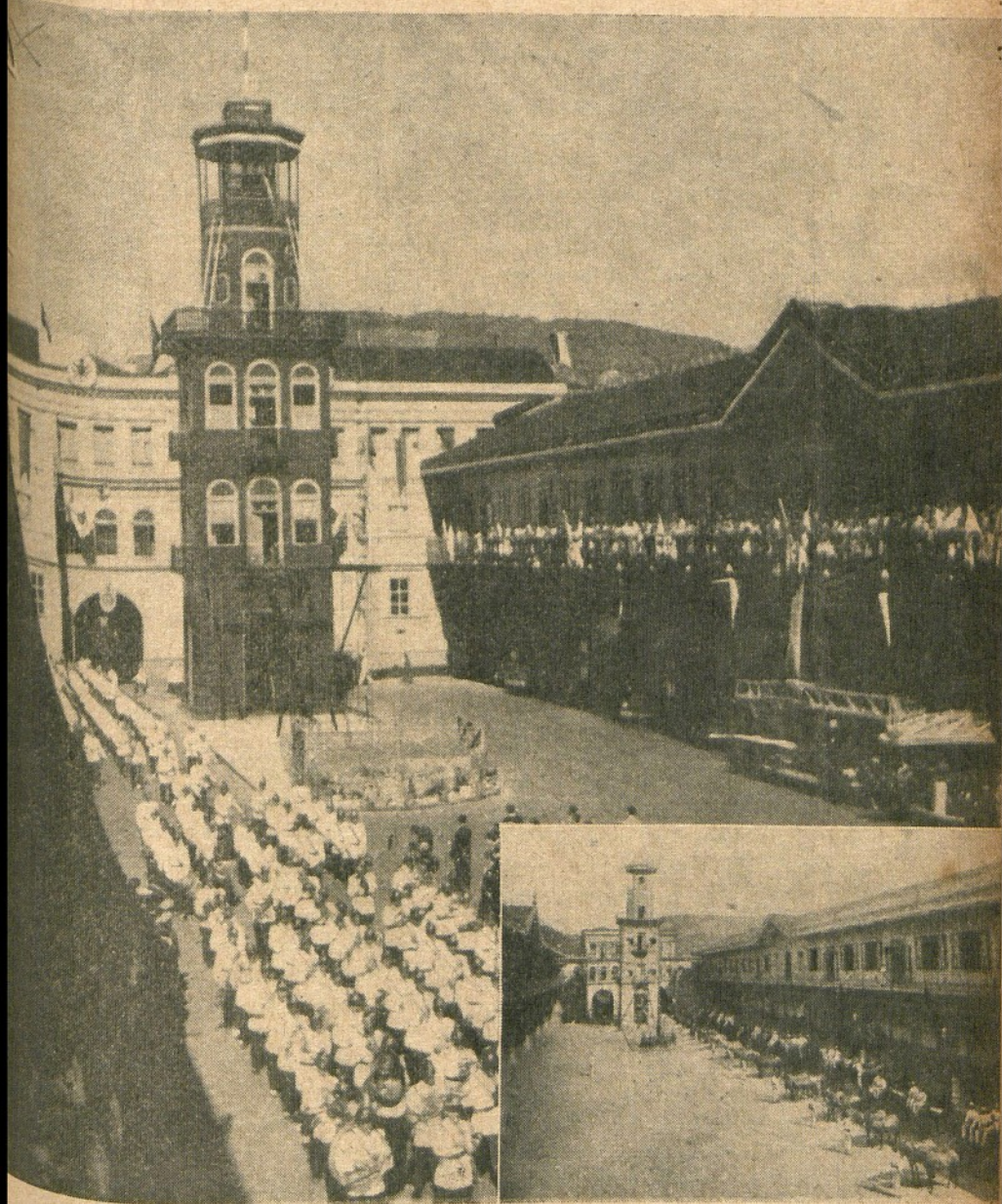
## CANTINAS NO QUARTEL DOS AFLITOS

O Cel. Graça Lessa, Cmt. Geral da PM., inaugurou no Quartel dos aflitos duas cantinas que se destinam à vendagem, durante o expediente, de refrigerantes e lanches aos oficiais e praças que trabalham nesse Quartel, bem assim, às pessoas que ao mesmo forem tratar de qualquer assunto. Contribuíram para essa obra de assistência social: o Cel. Felipe Borges de Castro, Diretor do Pessoal, o cel. José Augusto Fernandes, Comandante do Batalhão de Comando e Serviços e o Cap. Gethsemani Galdino da Silva e Souza, Sub. Cmt. Interino do BCS.

## DISTRITO FEDERAL (CORPO DE BOMBEIROS)

### CEM ANOS DE LUTA CONTRA O FOGO

O Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, organização modelar que de há muito conquistou o carinho e a confiança dos cariocas, acaba de completar seu primeiro centenário de existência. Criado a 2 de julho de 1856, por decreto imperial, e em caráter provisório, seu primeiro nome oficial foi: Corpo Provisório de Bombeiros da Corte. O primeiro diretor dos Bombeiros foi o major João Batista de Castro Moraes Antas, nomeado para o cargo a 13 de março de 1857. Foi o major Moraes Antas quem organizou, definitivamente, a corporação, que à época de sua fundação dispunha não só de escassíssimo e destreinado pessoal, como também de material primitivo e pouco numeroso. Basta dizer que se ocorria um incêndio, o transporte das mangueiras, escadas e demais materiais para debelá-lo era feito nas próprias costas dos bombeiros, que não dispunham sequer de um veículo pesado para locomover-se. E note-se que os incêndios há cem anos atrás, costumavam ser terríveis, pois as casas unidas uma às outras sem qualquer previdência, e o material de que eram feitas — quase todas de madeira facilmente combustível —, facilitavam incrivelmente a propagação das chamas, que às vezes consumiam quarteirões inteiros. Foi apenas em 1860, quase cinco anos após a fundação, que o Corpo de Bombeiros deixou de ser provisório, para, sob a denominação de Corpo de Bombeiros da Corte, e com um efetivo de cento e cinquenta homens, desempenhar as suas funções de maneira mais perfeita.



- I) — Dentre as comemorações centenárias, constou o desfile no pátio interno do quartel, de que apresentamos o aspecto acima. Compare-se, pela foto do canto direito inferior, o aspecto que apresentava o mesmo pátio, em 1908, por ocasião da formatura do material e pessoal de incêndio, da época.
- II) — A escada que aqui vemos é a mais alta em utilização na América do Sul. Pode atingir a uma altura de 45 metros.
- III) — O estandarte do Corpo de Bombeiros, quando, no pátio do quartel da Praça da República, se prestava continência ao Pavilhão Nacional.

De então por diante o aviso de incêndio não mais seria transmitido poéticamente pelos sinos das igrejas, como até então, porém, por intermédio de estações telegráficas, colocadas nos vários lugares da cidade. O Quartel-Central, em instalações modestas ainda, funcionava então no Campo da Aclamação, hoje de Santana. Na última década do século, porém, sob a administração do tenente-coronel Francisco Marcelino de Souza Aguiar, foi iniciada a construção do atual Quartel-General, que já sofreu várias reformas e hoje ocupa imenso quarteirão no mesmo Campo de Santana, hoje Praça da República.

Vemos assim como foi lento, embora continuo, o progresso do Corpo de Bombeiros. De 1913 para cá, todavia, houve uma aceleração no ritmo. Data daquele ano a introdução da primeira unidade de tração, na corporação. Pode-se avaliar o progresso que representava, à época. Hoje, quarenta e três anos após, podemos afirmar que o Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro — órgão subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores —, está perfeitamente equipado para o que der e vier. E isso, éle tem sobejas vezes demonstrado, muitas com o sacrifício das vidas de seus componentes — que são mil e quinhentas praças, e cerca de cento e trinta oficiais.

Se quiséssemos mencionar alguns dos grandes incêndios ocorridos no Rio de Janeiro, nos quais a bravura e a competência dos bombeiros se fizeram notar sobremaneira, debelando totalmente as chamas ou contribuindo para que a catástrofe não assumisse proporções maiores, citaríamos o que consumiu o Park Royal, no largo de São Francisco, o imenso, que devorou o Depósito de Material Bélico do Exér-

cito, em Deodoro, ameaçando fazer explodir grande quantidade de granadas e projéteis ali armazenados; o incêndio da "boite" Vogue, de grande dramaticidade e muito recente ainda; e o maior e mais trágico de todos — a "Tragédia de Braço Forte" — onde se verificou o sacrifício de nada menos de 17 bombeiros.

Após o incêndio do Vogue, verificaram as autoridades que o CB necessitava de material mais moderno para a sua missão. Esse material, embora com verbas escassas, já vem sendo adquirido, como se pode ver das escadas "Magyrus", que já tanta falta fizeram em sinistros, e que foram compradas em número apreciável.

"MILITIA", associando-se carinhosamente às comemorações do centenário do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, faz registrar em suas páginas o auspicioso evento.

## MATO GROSSO

### TEM A PM NOVO COMANDANTE

A 31 do último janeiro foi investido, por ato do governador do Estado de Mato Grosso, Dr. João Ponce de Arruda, das atribuições do munus de Cmt. Geral da PM, sendo comissionado a Coronel o Ten. Coronel Reformado Temistocles Aristeu de Carvalho.

Estiveram presentes à cerimônia de investidura o senador general Filinto Muller, representante do Governador do Estado, e pessoas gradas civis e militares.

No ensêjo, após a leitura do boletim alusivo à passagem de comando, fizeram uso da palavra o senador Filinto Muller, em nome do governador do Estado e o major Luís de Carvalho, pelo cel. Joaquim Corrêa da Silva que

passava o comando e, ao final o cel. Temístocles, agradecendo a honrosa distinção que lhe tinha feito o governo do Estado, chamando-o para comandar a PM quando a crescer as dificuldades de princípio de governo estavam as deficiências de efetivo, os inúmeros destacamentos disseminados por estas vastas regiões do Estado de Mato Grosso, a serem policiadas pelas nossas praças e a exigua remuneração dos nossos elementos. Disse que tudo envidaria para o desenvolvimento e progresso sempre maior da milícia e pautaria o seu comando nos princípios de justiça e disciplina e que para isso contava com a cooperação dos srs. oficiais.

As inúmeras e distintas pessoas que acorreram ao Quartel da PM, da "Cidade Verde", testemunhando com sua presença, a satisfação que lhes causara o ato do governador de Mato Grosso em nomeando o cel. Temístocles para dirigir os altos destinos da milícia cuiabana, foi servido um coquetel e, após os cumprimentos formais, encerraram-se as cerimônias da assunção de comando.

## 21 DE ABRIL

Não passou despercebido em a nossa PM o acontecimento, aliás, muito nosso, que a data de 21 de abril evoca as similares organizações do Brasil.

Hasteou-se o Pavilhão Nacional com as formalidades de praxe.

Após o término das cerimônias, leu-se o boletim alusivo à efeméride. Em seguida, usando da palavra, o major João Franchi, assistente do governador, proferiu entusiástica e eloquente oração, ressaltando os feitos e o exímio sacrifício a que se sujeitou o mártir da Lampadosa para não desmerecer dos magnânicos ideais da causa que abraçara, fulgurante incen-

tivo a encorajar-nos no cumprimento do dever, mormente nesta crítica fase por que vem passando a milícia matogrossense, talvez uma das mais sérias da sua história.

## Sala de Justiça

Ao ensêjo das festividades comemorativas da morte do protomártir da independência pátria, inaugurou-se a sala de Justiça da PM em uma das dependências de seu quartel.

Foi litúrgicamente entronizada na sala de Justiça a imagem de Cristo crucificado sendo oficiante o Pe. Raimundo P. da Cruz.

Fizeram uso da palavra o escrivão da Auditoria da PM, sr. Edil de Carvalho e, encerrando as prescrições da liturgia romana, fez ardorosa alocação o sacerdote oficiante.

Serviu-se, em seguida, gelados e salgadinhos aos presentes.

Pôs fim aos festejos comemorativos do dia do nosso Patrono, animada pugna de "voley-ball" entre alunos-oficiais do 2.º e 3.º períodos do CFO disputando a "Taça Tiradentes 1956", tendo sido favorável àqueles a vitória.

## VISITA ILUSTRE

Na manhã do dia 16 do mês de julho passado, o Quartel do Comando Geral e do 1.º BC da nossa querida Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, apresentava-se engalanado e muito movimentado.

Comando e oficialidade, trajando gala e a tropa impecavelmente alinhada, aos sons de hinos e marchas, receberam com alegria e contentamento, o exmo. sr. João Ponce de Arruda, recentemente empossado no governo do Estado, em sua primeira visita oficial à Corporação.

Desde as primeiras horas daquela radiosa manhã, os exmos. srs. secretários de Estado: Interior, Justiça e Finanças — dr. Frederico Vaz de Figueiredo; Agricultura, Viação, Comércio e Indústria e Obras Públicas — dr. Altair Antunes Brandão; Educação e Cultura — dr. Bonifácio Nunes da Cunha, altas autoridades do clero, das classes armadas federais, autarquias e entidades outras, grande número de pessoas gradas e parentes de militares, acorreram às dependências do vetusto quartel da Praça da Bandeira.

S. excia. o sr. governador, acompanhado de seu assistente militar, major João Franchi, deu entrada naquêle recinto precisamente às 9,30 hs. Após receber as continências de estilo, pela officialidade e pela tropa em formatura, dirigiu-se ao gabinete do comando geral, cel. Temistocles Aristeu de Carvalho.

Terminados que foram os cumprimentos das autoridades, percorreu detalhadamente tôdas as dependências do Quartel, acompanhado por todos os presentes verificando, "in loco", as boas e as más coisas ali existentes.

Novamente nos salões do Comando, durante um frugal coquetel oferecido aos presentes, s. excia. foi saudado pelo cel. comandante geral e pelo sr. promotor de Justiça Militar, sr. Humberto Campioni.

Com palavras repassadas de profunda fé e esperança nos elevados e prestativos destinos da briosa força pública, o sr. governador discorreu sobre seu programa de governo com referência à mesma acentuando de modo categórico: *Não desejo ver nos senhores officiais e soldados da policia militar do Estado de Mato Grosso, nem eleitores nem cabos eleitorais. Desejo, sim,*

*ter a serviço de nossa gente, homens disciplinados e cumpridores de seus deveres".*

Após ligeiras palavras e trocas de impressões, retirou-se s. excia. para o Palácio Alencastro, acompanhado de seu assistente militar, dando por encerrada a sua visita que em todos deixou a mais agradável impressão.

## MINAS GERAIS

### CRIADO O 1.º BI DA PM

#### *Instalado em Montes Claros*

Instalou-se, no dia 28 de julho último, na cidade de Montes Claros, o 10.º Batalhão de Infantaria da Polícia Militar, recentemente criado por ato do Governo. Presidiu às solenidades o coronel Manuel de Assunção e Souza, comandante geral da Corporação, que também representou o governador Bias Fortes. Outras personalidades participaram das solenidades que assinalaram a instalação de mais essa unidade da Polícia Militar.

#### *Mensagem do Governador Bias Fortes*

Por intermédio do cel. Manuel Assunção e Souza, o governador Bias Fortes dirigiu a seguinte mensagem ao povo de Montes Claros:

"Ao ensejo da instalação do 10.º Batalhão de Infantaria na cidade de Montes Claros, congratulo-me com o povo dêsse grande município e saúde, por intermédio do senhor Comandante Geral, cel. Manoel Assunção de Souza, a nova e brilhante unidade da nossa valorosa Polícia Militar.

Estou certo de que o 10.º BI honrará, em todos os momentos, as nobres tradições da milícia de Minas, desem-



penhando as suas funções com a maior eficiência e o mais alto sentimento do dever.

Para toda a região norte-mineira, a solenidade de hoje tem uma significação que me dispense de esclarecer. A presença, em Montes Claros, de uma organização policial como a que hoje se instala, atende a uma antiga e reiterada reivindicação dessa culta e próspera cidade, cujo povo pode orgulhar-se de haver construído em plena região sertaneja um poderoso foco de irradiação espiritual e, ao mesmo tempo, um dos núcleos mais ativos da vida econômica do interior do país.

Havendo contribuído para a concretização de uma iniciativa a que estão ligados interesses fundamentais de toda a comunidade do norte de Minas, eu me felicito por ver o meu Governo aproximar-se ainda mais de milhares de coestaduanos que, numa das partes extremas do nosso território, vêm concorrendo com o seu labor pertinaz e o seu tradicional espírito de integração na terra mineira, para ampliar as fronteiras de nossa civilização".

### "CASTOR E POLLUX"

Vinha merecendo especial atenção por parte das autoridades a questão do policiamento de Belo Horizonte, até então deficiente e apresentando falhas em face do reduzido número de elementos incumbidos dessa importante tarefa. A fim de ampliar o policiamento da capital, cuidou a PM, de acordo com os planos traçados com a secretaria da Segurança Pública, e com o que já noticiamos em números anteriores, de criar um serviço especial de patrulhamento noturno, a cargo dos elementos do Batalhão de Guardas. Já foram cognominados de "Castor e Pollux", os integrantes dessa nova equipe de poli-

ciamento, versão mineira dos "Cosme e Damião" do Rio de Janeiro, de vez que espalhar-se-ão em diversas áreas de Belo Horizonte, em duplas. O serviço estará centralizado no prédio do 2.º Distrito Policial e, inicialmente, 60 homens, bem treinados, farão a cobertura policial de dois terços da zona urbana da cidade.

### Visita do secretário

Na manhã do dia 17 de agosto p. f., acompanhado do cel. Manoel Assunção e Souza, comandante da Polícia Militar, o sr. Paulo Pinheiro Chagas, secretário de Segurança compareceu ao Departamento de Instrução, onde está instalada a Companhia de Policiamento do B.G.. O titular da pasta da Segurança teve oportunidade, na ocasião, de sua visita ao D.I., de presenciar a demonstrações feitas pelos "Castor e Pollux", integrantes do novo grupo de policiamento da cidade. Os militares exibiram seus conhecimentos de defesa pessoal, de socorros às vítimas de acidentes ou de crimes, bem como sistemas de salvamentos durante incêndios ou acidentes com eletricidade, enfim, uma série de conhecimentos gerais e de utilidade para a tarefa policial. Demonstraram os elementos que estão bem preparados e aptos para cumprir o importante papel de policiar a cidade. O sr. Paulo Pinheiro Chagas mostrou-se vivamente entusiasmado com as demonstrações, que terminaram com um desfile dos militares.

### PARÁ

#### FLAMULA DA BRIGADA GAÚCHA PARA O CB DE BELEM

#### *Expressivo ato de entrega*

Realizou-se, no dia 13 de julho último, na sede do Corpo Municipal

de Bombeiros de Belém, singela mas significativa solenidade, quando o dr. Benedito Pádua Costa, secretário da Administração Municipal e recém-vindo de Pôrto Alegre, fez entrega, ao cel. João Augusto da Costa, inspetor geral e comandante daquele Corpo, de uma mensagem e uma flâmula da Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

No ato, realizado em presença de todos os elementos do CMB, à cuja frente se achava o cel. Costa, o dr. Pádua Costa manifestou o seu pensamento:

*"Pretendo trazer-vos a mensagem dos bombeiros gaúchos, recordando um fato histórico, registrado nos meados do século passado, que bem perpetua a fibra e o patriotismo dos nossos irmãos que vivem e trabalham nas magníficas plagas pertencentes à "sentinela do sul".*

Ainda em 1844, abalava a tranquilidade da população riograndense a grande revolução Farrroupilha, iniciada em 1834.

Dez anos, portanto, eram decorridos, e os gaúchos brasileiros continuavam o seu sacrifício pelos ideais republicanos, rebelando-se contra o governo imperial de então.

Numa sala vetusta, de cujas janelas se observava a vida aristocrática de Buenos Aires, ao declinar de certo dia, um tirano argentino, de um lado para o outro, visivelmente excitado, esperava a resposta de uma mensagem. D. Juan Manoel Rosas — eis o nome do caudilho — sonhava com uma poderosa República, que deveria renascer do extinto vice-reinado do Prata, com a unificação da Banda Oriental do Uruguai, Corrientes, Paraguai e o Rio Grande do Sul.

Em dado momento, a voz do mor-  
domo interrompe a sua divagação, a-

nunciando um officio da República de Piratini.

Rosas, sem mais perder tempo, rompe o envelope e lê a mensagem: — "Sr. — O primeiro de vossos soldados que transpuser a fronteira fornecerá o sangue com que assinaremos a paz com os imperiais. Acima de nosso amor à República está o nosso brio de brasileiros".

E peremptóriamente termina:—

"Vossos homens, se quiserem invadir o nosso País, encontrarão, ombro a ombro, os republicanos de Piratini e os monarquistas do sr. D. Pedro II. David Canabarro".

É com essa fibra, e vivendo nesse sentido de nacionalidade, que os integrantes do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio Grande do Sul estão sempre dispostos para defender a tranquilidade da população gaúcha.

Subordinados à Brigada Militar daquela Unidade da Federação Brasileira, possuem quartéis instalados em diversas cidades do interior e contarão, dentro em breve tempo, com um quartel magnífico, um verdadeiro palácio, dotado das mais modernas instalações, com quadras para esportes e instruções, no bairro de "Petropolis", em Pôrto Alegre.

Prezados oficiais e praças do Corpo Municipal de Bombeiros: Uma das mais gratas impressões que trouxe, da capital riograndense, foi motivada pela amabilidade e cativante tratamento que me dispensaram os vossos camaradas gaúchos, especialmente o major Cesário Lorandi Filho, comandante aqui convosco.

Falaram-me dos seus problemas, aspirações, algumas delas já concretizadas, e dos seus amigos, destacando

o nome do coronel Perachi Barcelos, secretário do Interior e Justiça do honrado governo do dr. Ildo Menegheti.

Além de livros técnicos e sobre cursos especializados, já entregues ao Cel. Inspetor Geral e Comandante desta Corporação, o major Lorandi Filho vos enviou esta flâmula, cuja entrega agora procedo, simbolizando um abraço fraternal, a todos vós, dos heróicos soldados do fogo, que estão sempre atentos, para qualquer momento defenderem a integridade dos lares daquele próspero e hospitaleiro Estado, do extremo sul, do país. Tenho certeza de que, nesta solenidade singela os vossos corações vivem momentos de confraternização e civismo, ao contemplardes esta flâmula, cujas côres evocam a bravura e o heroísmo dos vossos camaradas gaúchos. Digo-vos mais que me honra trazer-vos esta lembrança afetiva, pois há quase dois anos, no desempenho das funções de secretário de Administração do exmo. sr. prefeito Celso Malcher, participei das vossas apreensões, na solução dos problemas inesperados, como também sempre ao vosso lado, comungo das vossas emoções de alegria e vibração cívica, como as dêste momento.

A flâmula dos bombeiros riograndenses ficará em lugar de realce, neste quartel, assinalando um intercâmbio de patriotismo e amizade, de grande significação, em face do momento histórico, no sentido de consolidar as nossas instituições e, unidos, possamos assegurar o clima decorrente de nossa vocação democrática”.

## RIO GRANDE DO SUL

A Brigada Militar engalanou-se, no dia 28 de julho último, para receber em seu seio mais uma turma de jovens

aspirantes, sangue novo para a milícia. O programa estabelecido e executado, constou de: missa em ação de graças pela conclusão do curso e bênção das no estádio “Gen. Cipriano da Costa Ferreira (CIM), recepção às autoridades, hasteamento da Bandeira, compromisso dos aspirantes, desfile em continência, entrega dos diplomas, espadas e do premio ao 1.º lugar da turma e discurso do paraninfo, na Cia. do CIM, e inauguração do quadro de formatura.

São os seguintes os novos aspirantes:

José Angelo Lucas Dutra, Ari Vieira Lemos, Oritz Morari Abiz, Otávio Thomasi Filho, Alvaro Raul Mesquita, José Raimundo Batista da Silva Cunha, Maurílio Neves Zimmermann, Darci Rodrigues Quevedo, Otacilio Antônio Ferreira Filho, Carlos Jonatas Borges Fortes Spalding, Irineu Vieira da Silva, Rubens José Sulzback, José Pereira de Mesquita, José Leiria Fraga, Luís Carlos da Silva Krueel, Elon Vieira, Osório Borges Tôrres, Otacilio Renê da Silva Rosa.

Os três primeiros colocados da turma, aspirantes a oficial José Angelo Lucas, Ary Vieira Lemos e Oritz Morari Abiz, foram, na mesma data promovidos a segundo tenente, de acôrdo com o regulamento do CIM.

## INSTALAÇÃO OFICIAL DA POLÍCIA RURAL MONTADA

Efetivo de 2.574 homens e sede em Santa Maria

Vinha sendo aguardada, em meio a grande curiosidade nos pampas, a instalação oficial do Regimento de Polícia Rural Montada, assunto de há muito planejado pelo alto comando da Brigada Militar.

Finalmente, no dia 28 de julho último, na cidade de Santa Maria, teve

lugar a entrega dos chapéus aos componentes da Polícia Rural Montada, ato que foi presidido pelo cel. Max Hancke, causando a melhor das impressões o desfile de apresentação da nova unidade brigadiana.

"A Polícia Rural Montada a quem ficará afeito o policiamento de toda a zonal rural do Estado, contará com um efetivo de 2.574 homens. Para o seu funcionamento, a P.R.M. contará, na sede de Santa Maria, do primeiro esquadrão, que terá a missão do policiamento dos municípios vizinhos, à nossa cidade; de um esquadrão de comando e de um esquadrão de substituição, que terá a missão complexa de recuperação dos policiais em serviços aqui ou em outras localidades. Os outros esquadrões agirão nas seguintes cidades do Rio Grande: Alegrete, segundo esquadrão; Tupanciretã, terceiro; Farroupilha, o quarto; em Pelotas o quinto, os quais terão a missão de policiar todas as suas regiões, podendo, ainda, lançar grupos e postos da Polícia Rural Montada. Toda essa engrenagem policial terá comunicação contínua e ininterrupta com a sede de Santa Maria por meio de um bem organizado serviço de radiofonia. A execução dos serviços será feita nos moldes e feitura obedecidos pela Real Polícia Montada do Canadá em seus 82 anos de existência. Para execução, a Polícia conta com patrulhas montadas, elementos fixos e ronda motorizada que cobrirão todo o "hinterland" gaúcho. Destacamos, prazerosamente, que a finalidade fundamental será a de assistência social, missão que por si só definirá novos rumos nas missões múltiplas afeitas à nossa velha e tradicional Brigada Militar, cujo patrimônio heróico, para gáudio dos gaúchos e brasileiros, teremos a honra de cumprir, acompanhando, assim, a própria

evolução dos tempos. O ato da entrega dos chapéus de abas largas para diversos elementos componentes da guarnição da P.R.M., constitui motivo de justo orgulho, pois assim vamos concretizando a missão que o governo, por intermédio do Comando Geral da Brigada, nos confiou. É nosso propósito instalar, ainda em setembro, o esquadrão que atenderá os municípios da fronteira, com sede em Alegrete. Pretendemos, de acordo com ordens superiores, antes da efetivação dessa instalação, desfilar em honra desta acolhedora cidade de Santa Maria, que tanto tem prestigiado o empreendimento que nos é confiado, tarefa essa que se tornou fácil, por contarmos com um quadro de oficiais e sargentos idealistas e decididos. E ao Rio Grande do Sul garantimos que todo o nosso esforço está sendo orientado no sentido de moldar a nossa Polícia Rural Montada de tal forma que quando a sua simples silhueta surgir no topo de uma coxilha ou na encosta de uma serra, possa ela ser encarada como um verdadeiro Anjo da Guarda. Para a consecução que nos propomos, queremos agradecer o opôio recebido do Rotari Club, da Guarnição Federal, dos poderes Legislativos e Executivos e também o apôio popular dessa Santa Maria simpática e acolhedora que vem nos animando grandemente."

## RIO DE JANEIRO

### CLUBE DOS OFICIAIS DA PM

O Clube dos Oficiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, à cuja frente se encontra o ten. cel. Jonathan Dezerto Bastos, vem demonstrando ser uma entidade progressista e de real interesse para os associados.

Criado a 1.º de julho de 1929, sòmente em 1948, com o programa elaborado por uma diretoria idealista e dinâmica, conseguiu imprimir-se impulso notável, traduzido em magníficas realizações. Administrado com vistas largas, os obstáculos foram sendo vencidos um a um, com muito vigor. Marcha, pois, na senda do progresso, contando hoje com 147 sócios contribuintes, 44 cooperadores e 8 beneméritos e desenvolvendo intensa vida social, desportiva, recreativa e filantrópica. Seu patrimônio, que em 1948 era de Cr\$ 98.587,80, passou para Cr\$ 3.840.000,00 em fins de 1955 e ainda continua a se elevar, de ano para ano, de maneira acentuada.

Na semana que se iniciou a 1.º de julho último, comemorando o seu 27.º aniversário, o Clube dos Oficiais organizou e fêz cumprir interessante programa esportivo, recreativo e artístico, que contou com a presença de autoridades, convidados e quadro social, com suas famílias. Não se contenta, pois, a atual diretoria, em levar ao conhecimento dos associados que a entidade existe. Ela faz-lhe sentir essa existência, através de uma atividade intensa e vigorosa.

Tudo muito certo. Parabéns. E... rumo à Colônia de Férias!

### DIA DO BOMBEIRO EM PETRÓPOLIS

Comemorando o "Dia dos Bombeiros", a 2 de julho p.f., foram reali-

zadas, pelos "homens do fogo" e empregados da CBEE, de Petrópolis, demonstrações públicas, levadas a efeito na Praça Marechal Deodoro.

Naquela ocasião foram feitas demonstrações de salvamento de vítima por asfixia e ao mesmo tempo a aplicação de respiração artificial pelos métodos "Schaefer" e "Holger Nielsen", a cargo de homens habilitados, do quadro de empregados da Companhia Brasileira de Energia Elétrica.

A Comissão de Prevenção de Acidentes daquela Cia. procurou colaborar mais eficientemente para maior brilhantismo da solenidade, que contou com a valiosa e indispensável cooperação da Inspetoria de Tráfego.

Detalhes completamente ignorados pelo público foram revelados, como por exemplo os vários tipos de extintores que são usados a gás carbônico, espuma e químico sêco, bem como o mais comum que é o jato d'água.

Foram especialmente convidados as autoridades municipais, representantes das classes conservadoras, o inspetor do Ministério do Trabalho, inspetores de Segurança da indústria e representantes dos sindicatos de classe.

À noite, às 21 horas, o sr. Manoel Fabelo, presidente da Comissão de Prevenção de Acidentes da Companhia Brasileira de Energia Elétrica, fêz uma palestra ao microfone da Petrópolis Rádio Difusora.



Falar é bom; calar é melhor, mas ambas as coisas são más quando levadas ao exagêro.

La Fontaine



Cap. Francisco A. Blanco Jr.

## Campeonato de Voleibol e Bola ao Cesto

Mais uma grande competição do Calendário Desportivo da nossa Força Pública foi realizado no mês de junho último, à qual concorreram as seguintes Unidades: Batalhão "Tobias de Aguiar", B.G., Reg. "9 de Julho", S.F., Q.G., B.P., C.F.A. e 7.º B.C. que disputaram as duas modalidades.

Disputaram os jogos finais do campeonato de Voleibol o B.G. e C.F.A.

*Bola ao Cesto:* C.F.A. e 7.º B.C., apresentando um ótimo padrão de jogo, mercê do preparo a que se submetem os componentes das equipas.

Como sempre acontece, o campeonato de Bola ao Cesto e Voleibol se constituiu numa competição bastante atrativa pelo interesse que tem a E.E.F. na formação das equipas representativas, para os confrontos externos.

É fruto desses campeonatos, que são valiosos meios de seleção, a última vitória dos nossos times na Capital Federal, no pentagonal, entre Polícias Militares, em disputa do troféu "Sul Améri- ca".

### CLASSIFICAÇÕES

Foram as seguintes as classificações dos conjuntos nas duas modalidades esportivas:

### BOLA AO CESTO

*Oficiais:* 1.º lugar - 7.º B.C. - 2.º - B.G. - 3.º - B.P. - 4.º - S.F. - 5.º - Reg. "9 de Julho" - 6.º - Btl. "Tobias de Aguiar" - 7.º Q.G.

*Sargentos:* 1.º lugar - B.P. - 2.º - C.F.A. - 3.º - B.G. - 4.º - Btl. "Tobias de Aguiar" - 5.º - S.F.

### VOLEIBOL

*Oficiais:* 1.º lugar - B.P. - 2.º - C.F.A. - 3.º - Q.G. - 4.º - B.G. - 5.º - S.F. - 6.º - Reg. "9 de Julho" - 7.º - Btl. "Tobias de Aguiar".

*Sargentos:* 1.º lugar - B.P. - 2.º - S.F. - 3.º - B.G. - 4.º - C.F.A. - 4.º - Btl. "Tobias de Aguiar".

Chefiou a arbitragem o cap. Antônio Paes de Barros, auxiliado pelos sgts. Francisco F. Carvalho Mathias, Orlando B. de Camargo e Mário J. Vitoriano Filho, desenvolvendo os seus trabalhos com acerto e agrado de todos.

Não formando os Serviços, equipas completas para os dois círculos nas modalidades disputadas, os seus elementos se reuniram e disputaram pelo Serviço de Fundos que, dessa forma, completou-se e pôde concorrer, aliás satisfatoriamente, obtendo boas classificações.

Objetivou-se dessa forma, mais uma vez, o estímulo que a E.E.F. sempre teve em mira, para o engrandecimento do desporto. Não pode passar despercebida, devendo mesmo com justiça ser salientada, a participação do 7.º B.C. (Sorocaba), que facultativamente e às suas expensas, tomou parte no Campeonato, conseguindo com elevados méritos a 1.ª classificação.

A solenidade de encerramento contou com a presença do representante do Exmo. Snr. Cmt. Geral, representante da D.G.I., Cmts. de Corpo e Chefes de Serviço, Cmt. da E.E.F., Major Adauto Fernandes de Andrade, e demais oficiais da Corporação, ocasião em que foram entregues troféus e medalhas a que fizeram jus os campeões e vice-campeões nos dois círculos disputantes.

## Troféu "Sul América"

Oferecido pela Sul América Capitalização, realizou-se na Capital Federal a primeira disputa do troféu "Sul América", entre as Polícias Militares do Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Distrito Federal e São Paulo, em pentagonal nas modalidades de Voleibol e Bola ao Cesto, entre oficiais daquelas Corporações.

Organizado em sistema de disputa definitiva, o troféu só ficará de posse do vencedor que após três anos, isto é, em 1958, contar mais pontos, somados nas duas modalidades.

A primeira da série teve como resultado a contagem seguinte:

São Paulo .....	5 pontos
Minas Gerais .....	4 pontos
Distrito Federal .....	3 pontos

Chefe — 1.º tenente Osmar Antônio Vilela Santos, da E.E.F.

1.º tenente Aldo Campanhã, do C.F.A.

1.º tenente Waldemar Nogueira, do C.F.A.

2.º tenente Rubens Ortega, do C.F.A.

2.º tenente Irahy Vieira Catalano, do C.F.A.

2.º tenente Clodomiro José Pascoal, do 7.º B.C.

2.º tenente Silvio Emílio de Oliveira, do Q.G.

Espírito Santo .....	0 pontos
Bahia .....	0 pontos

A delegação de São Paulo foi solenemente recepcionada pelos camaradas de outros Estados, recebendo do snr. cêl. João Ururahy de Magalhães, e demais oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal, o melhor, na hospitalidade, mercê da bondade e espírito fraterno de que são possuídos os nossos caros irmãos.

A primeira luta, pois, pelo troféu "Sul América", além do benefício do aprimoramento, do padrão técnico do Voleibol e Bola ao Cesto "policiais", estreitou ainda mais os laços de camaradagem que nos unem.

As Polícias Militares disputantes, os nossos votos de grandes sucessos.

A delegação paulista estava assim constituída:

- 2.º tenente Renato Nogueira Magalhães, do B.P.  
 2.º tenente João Batista Campos Lima, do B.P.  
 Aspirante Adolfo Segura de Castro, do B.P.  
 Aspirante Dorian S. L. Guimarães, do B.G.  
 2.º tenente Dorival Rossi, do B.G.  
 2.º tenente Valêncio José de Matos Campos, do S.T.M.

## Campeonato de Esgrima

Realizou-se nos dias 11, 12, 13 e 14 de julho último, o campeonato de esgrima da Fôrça Pública do corrente ano, consoante calendário desportivo aprovado pelo D.G.I. e supervisionado pelo Departamento Técnico da E.E.F..

A abertura do campeonato iniciou-se com a prova de florete, e contou com a presença do sr. cel. Rubens Teixeira Branco, comandante geral da Fôrça Pública, ten. cel. José Gladia-

dor, comandante do Batalhão Policial, major Antônio de Araújo, representante da D.G.I., major Adauto Fernandes de Andrade, comandante da Escola de Educação Física e grande número de oficiais e civis convidados.

Tomaram parte nas diferentes provas 22 oficiais e 29 sargentos, divididos nas duas categorias de classificação, A e B, aquela para veteranos e esta para estreantes.

### RESULTADOS GERAIS

#### CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL

##### Oficiais — Classe «A»

- FLORETE — 1.º lugar — Ten. Jatyr de Souza  
 2.º lugar — Asp. René B. de Souza
- SABRE — 1.º lugar — Ten. Jatyr de Souza  
 2.º lugar — Ten. Leonidas Coceli
- ESPADA — 1.º lugar — Ten. Jatyr de Souza  
 2.º lugar — Asp. René B. de Souza

##### Classe «B»

- FLORETE — 1.º lugar — Ten. Carlos C. Spanó  
 2.º lugar — Ten. João Viana Júnior
- SABRE — 1.º lugar — Ten. Carlos C. Spanó  
 2.º lugar — Ten. Irahya Vieira Catalano
- ESPADA — 1.º lugar — Ten. João Viana Júnior  
 2.º lugar — Asp. Paulo Rodrigues





Dois flagrantes da solenidade de início do campeonato.

**Sargentos — Classe «A»**

- FLORETE — 1.º lugar — Sgt. José Benedito Martins  
 2.º lugar — Sgt. Antenor Coelho Amorim
- SABRE — 1.º lugar — Sgt. José Benedito Martins  
 2.º lugar — Sgt. Antenor Coelho Amorim
- ESPADA — 1.º lugar — Sgt. José Benedito Martins  
 2.º lugar — Sgt. Agostinho Botelho

**Classe «B»**

- FLORETE — 1.º lugar — Sgt. Moacir Ribeiro de Freitas  
 2.º lugar — Sgt. Hélio de Souza Cruz

SABRE — 1.º lugar — Sgt. Antônio Cicero da Silva  
2.º lugar — Sgt. Hélio de Souza Cruz

ESPADA — 1.º lugar — Sgt. Hélio de Souza Cruz  
2.º lugar — Sgt. Moacir Ribeiro de Freitas

### CLASSIFICAÇÃO DAS UNIDADES CONCORRENTES

1.º lugar — Serviço de Fundos, com 155 pontos

2.º lugar — C.F.A. — com 76 pontos

3.º lugar — B.G. — com 68 pontos

4.º lugar — B.P. — com 56 pontos.

#### Promoção de Categoria

Foram promovidos para a Classe "A", por terem vencido provas da Classe "B", os seguintes elementos:

1.º ten. João Viana Júnior, do B.G., 2.º ten. Carlos José Chiaramonte Spanó, do C.F.A., 3.º sgt. Hélio de Souza Cruz, do S.F., 3.º sgt. Moacir Ribeiro de Freitas, do S.F. e 3.º sgt. Antônio Cicero da Silva, do S.F.

Funcionaram no juri os oficiais instrutores e sargentos monitores da Escola de Educação Física, prestando também sua valiosa colaboração os civis Hugo Matos e Luís Smithes, esportistas eméritos e notáveis esgrimistas, aquele campeão paulista e brasileiro várias vezes, e hoje mestre d'armas do E.C. Banessa, desta Capital, e este um dos valores da esgrima de nossas pistas e pertencente ao Clube de Regatas Tietê.

Desenvolveu-se o Campeonato de Esgrima num ambiente de franca camaradagem e disciplina, favorecendo sobremaneira as decisões do júri, que sempre procurou acertar da melhor maneira possível.

Este campeonato que não contou com os nossos melhores esgrimistas, alguns já afastados ou impossibilitados

de competir temporariamente, apresentou, entretanto, valores novos, que sem dúvida formarão as equipes da Corporação em futuro não muito remoto.

Nas provas de categoria "A" para oficiais, salientou-se o 1.º ten. Jatyr de Souza que se tornou campeão das três armas; nas provas de categoria "B" venceu duas das provas o 2.º ten. Carlos J. C. Spanó; outros valores nas categorias de oficiais se salientaram brilhantemente.

No círculo de sargentos venceu, de maneira categórica, o sgt. José Benedito Martins que, aliás, vem se apresentando em grande forma não só nos torneios da Força, como no meio civil, onde tem atuado muito bem frente aos melhores esgrimistas de São Paulo. O sgt. Martins é, sem dúvida, uma das grandes esperanças da nossa Corporação. Devemos ressaltar, com justiça, a participação do S.F. que, com seus sargentos iniciantes em esgrima, se apresentou muito bem. Nada menos do que 8 sargentos se inscreveram por aquela Unidade, tornando-a vencedora no cômputo geral.

Dessa forma, mais um campeonato das belas armas se realizou, marcando um sucesso à parte no calendário esportivo de 1956.

## XXII Corrida da Fogueira

Já se tornou tradicional para a Força Pública a participação na Corrida da Fogueira, prova que reúne na noite de São João, 23 de junho, a elite da pedestrianismo nacional e algumas vêzes, também, atletas estrangeiros de categoria internacional. Devidamente autorizados pelo sr. cel. cmt. geral, mais uma vez participamos daquela importante prova, concorrendo com as equipes mais categorizadas do Brasil. A delegação desta Força foi chefiada pelo instrutor de corrida, ten. Thiele, e composta dos doze melhores "fundistas", pertencentes às diversas Unidades. A seleção da equipe, este ano, não constituiu para nós nenhum problema, pois, o campeonato de pedestrianismo, embora restrito apenas às Unidades da Capital, nos permitiu co-

nhecer os melhores atletas do ano. A prova teve um desenrolar normal, atraindo como sempre o faz, enorme assistência ao longo do seu percurso e, como é natural, atraindo também técnicos, dirigentes, autoridades civis e militares, jornalistas e aficionados do desporto de Zatopek. Não fôsse o acidente sofrido pelo componente da nossa equipe, cabo Sotero, e teríamos sem dúvida, nos tornado *campeões absolutos* dessa grande corrida pedestre. A Corrida da Fogueira, como sempre acontece, é oficializada pela Prefeitura do Distrito Federal e Ministério da Guerra, tendo o alto patrocínio do jornal "A NOITE", do Rio de Janeiro.

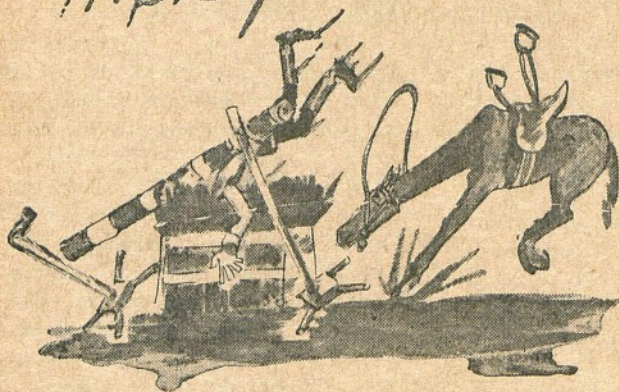
Os componentes da nossa equipe obtiveram as seguintes classificações individuais:

- 1.º lugar — cabo Luís Gonzaga Rodrigues — E.E.F.
- 2.º lugar — 3.º sgt. Laudionor Rodrigues da Silva — E.E.F.
- 13.º lugar — cabo José Vitoriano — B.P., adido ao C.F.A.
- 14.º lugar — 3.º sgt. Antônio José Alves do 7.º B.C.
- 23.º lugar — sd. Aldonor Rodrigues — 2.º B.C.
- 37.º lugar — sd. Floriano Avelino Cordeiro — B.T.A.
- 41.º lugar — sd. Nelson Muniz da Silva — E.E.F.
- 42.º lugar — suben. Osvaldo Gonçalves Mendes — P.M.R.G.
- 44.º lugar — cabo Álvaro Moreira da Costa — 7.º B.C.
- 52.º lugar — sd. Gabriel Cândido — E.E.F.
- 67.º lugar — 3.º sgt. José Edésio de Araújo — E.E.F.

### CLASSIFICAÇÃO COLETIVA

- 1.º lugar — S.P.F.A. — com 52 pontos — 1.a equipe civil.
- 2.º lugar — FÔRÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO — com 53 pontos — 1.a equipe militar.
- 3.º lugar — P.M.D.F. — com 68 pontos — 2.a equipe militar.
- 4.º lugar — C.A. Goiana — com 79 pontos — 2.a equipe civil.
- 5.º lugar — N.D.A.T. — com 178 pontos — 3.a equipe militar.
- 6.º lugar — Santo André — com 191 pontos — 3.a equipe civil.
- 7.º lugar — C.R. Flamengo — com 196 pontos — 4.a equipe civil.
- 8.º lugar — FÔRÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO — 2.a equipe — 4.a equipe militar.

# HIPISMO



Cap.  
Plínio  
D.  
Monteiro

## 1.ª Temporada Oficial em Bauru

O progresso do esporte hípico foi acrescido sobremaneira com a oficialização de mais uma Sociedade cultora desse gênero esportivo — a Sociedade Hípica de Bauru. De há muito vinha aquela cidade se ressentindo dessa lacuna, pois o ambiente dos clubes hípicos é ponto alto de congregação das mais representativas personalidades de cada local. Está de parabéns Bauru, por tão acertada iniciativa, que conta em seus quadros com um brilhante conhecedor e praticante do fidalgo esporte, como sói ser o cap. Maurício Macedo Cardoso.

Promoveu a S.H.B., a mais novel filiada da F.H.P., sua primeira temporada oficial de saltos de obstáculos, homenageando suas congêneres bandeirantes, e que alcançou intenso brilho nos meios esportivos e sociais daquela grande cidade do "hinterland" paulista.

O comparecimento ao certame foi notável, estando condignamente representadas tôdas as agremiações hípicas filiadas à mentora estadual.

A Força Pública que enviou, por intermédio de seu Regimento "9 de Ju-

lho", apenas dois concorrentes, se honrou com boas classificações, conforme podemos constatar pelos resultados abaixo:-

No dia 1.º de agosto, na Prova de classe "A" — (Barragem, com desempate em meia pista em tempo) e que tomou o nome do atual comandante do Regimento da Rua Jorge Miranda — Ten. Cel. Paulo da Cruz Mariano — lograram os cavaleiros da Força Pública, competindo com dezenas

O 1.º Ten. Horácio Bozoni conduziu, admiravelmente, o cavalo "Príncipe".



de ases civis do hipismo, um 2.o lugar através do 1.o ten. Horácio Boson, montando admiravelmente "Príncipe", e ficando com o 4.o pôsto o cap Anselmo Perez, condutor de "Tabaco".

No dia 4 de agosto, na Prova "Regimento 9 de Julho", classe "B", obteve um difícil 3.o lugar o cap. Anselmo

Perez, pilotando com segurança "Siroco".

No dia 5 de agosto, na Prova Sociedade Hípica de Bauru, de "seis barras", o 1.o ten. Horácio Boson salientou-se obtendo o 2.o e 3.o lugares respectivamente, na direção dos cavalos "Príncipe" e "Cuiabá".

## Dia do Soldado

Para comemoração condigna do dia 25-VIII-1956 — "Dia do Soldado" — programou o Regimento "9 de Julho" uma prova denominada "Prova Duque de Caxias", de classe "A" (Barragem) destinada aos seus oficiais e aspirantes. Tecnicamente boa, desenrolou-se com bastante ardor esportivo por parte dos concorrentes. Obteve os louros da vitória, no 2.o desempate, o 1.o ten. Roldão Nogueira de Lima, que para esse feito conduziu "Almirante". Levou

denodadamente "Tabaco" ao 2.o pôsto o 1.o ten. Raul Humaitá Vila Nova. Em 3.o e 4.o lugares, permaneceram empatados: Cap. Silvio Marcondes de Rezende, com "Gamine", 1.o ten. Roldão Nogueira de Lima, montando "Shangai", e 1.o ten. Horácio Boson na condução de "Príncipe".

Foi uma boa manhã hípica essa do Regimento, para todos os apreciadores de saltos de obstáculos.



# ESCOLAS DE CADETES

DO EXÉRCITO — AERONÁUTICA — COLÉGIO NAVAL — FORÇA PÚBLICA

Preparamos candidatos às Escolas Militares. Professôres militares eficientes e experimentados. O elevado índice de aprovação do curso atesta a orientação segura que imprimimos.

DIURNO E NOTURNO

CURSO "GENERAL TELLES PIRES"

RUA S. BENTO N. 518 — 2.º ANDAR

# NOSSOS REPRESENTANTES

## Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

### **BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)**

— Dirección General de Policía (La Paz) — Cap. Saul Herbas Casanovas

### **CHILE (Cuerpo de Carabineros)**

— Prefectura General (Valparaíso) — Capitán Franklin Troncoso Baclea.

— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — Capitán Moysés Suty Castro

— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — Cap. Efraín de la Fuente Gonzalez.

### **ACRE (Guarda Territorial)**

— Q.G. (Rio Branco) — Ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

### **ALAGOAS (Policia Militar)**

— Q.G. (Maceió) — Cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.

— Destacamento Policial (São Brás) — 3.º Sgt. José Pereira da Silva.

### **AMAPA (Guarda Territorial)**

— Sede (Macapá) — Ten. Uadih Charone

### **AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)**

— Cap. José Silva

### **BAHIA (Policia Militar)**

— Palácio da Aclamação (Salvador) — Major Edson Franklin de Queiroz

— 3.º B.C. (Juazeiro) — Cap. Salatiel Pereira de Queiroz

— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

### **CEARA (Policia Militar)**

— B.I. (Fortaleza) — Major José Delídio Pereira

### **DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)**

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Luís Alberto de Sousa

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Hernani Alves de Brito Melo

— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis

— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Fernando Carlos Machado.

### **ESPIRITO SANTO (Policia Militar)**

— Q.G. (Vitória) — Ten. João Tavares da Silva

### **GOIAS (Policia Militar)**

— Q.G. (Goiânia) — Cap. Antônio Bomfim dos Santos

— 2.º B.C. (Goiás) — Ten. Rui Barbosa de Moura

### **MARANHAO (Fôrça Policial)**

— Q.G. (São Luís) — Cap. Eurípedes Bernardino Bezerra

### **MATO GROSSO (Policia Militar)**

— Comando Geral e 1.º BC (Culabá) — Cap. Domingos Santana de Miranda

— 2.º B.C. (Campo Grande) — Ten. Cont. André Bastos Jorge

— 2.ª Cia. do 2.º B.C. (Ponta Porã) — Cap. Luiz Zaramela.

### **MINAS GERAIS (Policia Militar)**

— Q.G. (Belo Horizonte) Ten. Carlos Augusto da Costa

— 3.º B.I. (Diamantina) — Ten. Geraldo Francisco Marques

— 7.º B.I. (Bom Despacho) — Cap. José Guilherme Ferreira

— 8.º B.I. (Lavras) — Ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro

— 9.º B.I. (Barbacena) — Ten. Manoel Tavares Corrêa.

**PARA (Polícia Militar)**

— Q.G. (Belém) Major Dr. Walter da Silva

**PARAIBA (Polícia Militar)**

— Q.G. (João Pessoa) — Ten. Luis Ferreira Barros

**PARANA (Polícia Militar)**

— Q.G. (Curitiba) — Ten. Cel. Washington Moura Brasil

**PIAUI (Polícia Militar)**

— Q.G. (Teresina) — Cap. Oswaldo Duarte Carvalho

**RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)**

— Q.G. — Cap. Ademar Guilherme

**RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)**

— Q.G. (Natal) — Major Antônio Moraes Neto

**RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)**

— Q.G. (Porto Alegre) — Ten. Julio Soveral da Rosa

— 4.º B.C. (Pelotas) — Cap. Renato Moro Ramos

— 2.º R.C. (Livramento) — Ten. Carlos Cravo Rodrigues

**SANTA CATARINA (Polícia Militar)**

— Q.G. (Florianópolis) — Ten. Edgar Campos Pereira

**SAO PAULO (Força Pública)**

— Q.G. (Capital) — Cap. Nelson Agostinho Ferreira

— C.F.A. (Capital) — Cap. Ari José Mercadante

— B.G. (Capital) — Ten. Salvador Scafoglio

— Bl. Tobias de Aguiar (Capital) — Ten. Antônio Meneghetti

— R.C. (Capital) — Asp. Jair Benedito Conte

— C.B. (Capital) — Cap. Samuel Rubens Armond

— B.P. (Capital) Cap. Lourenço Roberto Valentim de Nucci

— 2.º B.C. (Capital) — Ten. Benedito Augusto de Oliveira

— 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — Ten. Wagner Paulo Menezello

— 4.º B.C. (Bauru) — Ten. Aparecido do Amaral Gurgel

— 5.º B.C. (Taubaté) — Ten. Mário Ferreira

— 6.º B.C. (Santos) — Ten. Gilberto Tuiuti Vilanova

— 7.º B.C. (Sorocaba) — Ten. José Ferreira Guimarães

— 8.º B.C. (Campinas) — Ten. Francisco de Oliveira Andrade

— S.M.B. (Capital) — Ten. Norberto Nicolaci

— S.E. (Capital) José de Campos Montes.

— S.I. (Capital) — Ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann

— S.F. (Capital) — Ten. Mário Costa e Silva

— S. Trns. (Capital) — Ten. Antônio da Silva

— S. Subs. (Capital) — Ten. Pedro Barros de Moura

— E.E.F. (Capital) — Ten. Diomar de Melo Torquato

— S.T.M. (Capital) — Ten. Domingos de Melo

— S.S. - H.M. (Capital) Ten. José Augusto Rezende

— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — Cap. Alfredo de Paula das Neves

— 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — Ten. Rui da Silva Freitas

— 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — Ten. Walter Dias

— 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — Ten. Adalberto José Gouvêa

— 1.ª C.I.B. (Santos) — Cap. Paulo Marques Pereira

— Rádio Patrulha (Capital) — sr Epaminondas Caldas Camargo.

— Cia. de Policiamento Rodoviário (Capital) — Ten. Flávio Capeletti

— Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.

**SERGIPE (Polícia Militar)**

— Q.G. (Aracaju) — Ten. Teófilo Correia Dantas

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do Interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.



### REGULAMENTO

O primeiro torneio de 1956 abrange-  
rá o primeiro semestre do ano e cons-  
tará de, aproximadamente, 75 pontos,  
correspondentes aos trabalhos publicados.

Os trabalhos deverão ser organiza-  
dos rigorosamente de acôrdo com as de-  
finições encontradas nos seguintes dicio-  
nários: PEQUENO DICIONÁRIO BRA-  
SILEIRO DA LINGUA PORTUGUESA,  
de H. Lima e G. Barroso e ÍNDICE  
MONOSSILABICO ENCICLOPÉDICO, de  
Ed. Lirial Jr.. São, também, adotados,  
os livros de provérbios de Lamenza e dr.

Lavrud e o Dicionário Antroponímico de  
Lidaci.

Aceitamos as seguintes espécies cha-  
radísticas: Charadas sintéticas, haploló-  
gicas, encadeadas, intercaladas, sincopa-  
das, apocopadas, aferéticas, em quadro,  
em têrmo e metomorfoseadas. Enigmas,  
desenhados (figurados e pitórescos) e lo-  
gogrifos. Serão também publicadas pala-  
vras cruzadas.

O prazo para remessa das soluções  
que poderão vir numa lista só, termina-  
rá em 30 de dezembro próximo vindouro.

### RESULTADO DO 1.º TORNEIO DE 1955

Foram vencedores do 1.º torneio de  
1955 os confrades Olm e Cleto Júnior,

os quais fizeram jus a uma assinatura  
anual de nossa revista.

### SOLUÇÕES DO 2.º TORNEIO DE 1955

1 — Formoso; 2 — Contrapesa; 3 —  
Sumidouro; 4 — Momento; 5 — Castelo;  
6 — Pé-duro; 7 — Masmorra; 8 — Ca-  
sado; 9 — Papaceia; 10 — Atópico; 11  
— Calado; 12 — Masmorra; 13 — Metilo;  
14 — Fulheira; 15 — Tambeirada; 16 —  
Talhada; 17 — Arriosa; 18 — Grad, f;  
19 — Bacano, a; 20 — Enferma, o; — 21  
Sambanga, o; 22 — Falha, c; 23 — Re-  
gateira, o; 26 — Deos; 27 — Desluz;  
28 — Cristão; 29 — Marrufo; 30 — Por-  
menor; 31 — República; 32 — Dardo;  
33 — Largado; 34 — Matéria; 35 — Ca-  
tamento; 36 — Seqüela; 37 — Machete;

38 — Ternura; 39 — Minhocas; 40 —  
Brodista; 41 — Garoto; 42 — Pranche-  
ta; 43 — Fósforo; 44 — Pernada; 45 —  
Parva, o; 46 — Faceira, o; 47 — Incul-  
po, t; 48 — Tora, ó; 51 — Perita; 52 —  
Pega-fogo; 53 — Armada; 54 — And-  
amento; 55 — Galhardo; 56 — Turuna;  
57 — Marmota; 58 — Cógulo; 59 — Aba-  
çanado; 60 — Retrato; 61 — Falcato;  
62 — Espinho; 63 — Justa; 64 — Apo-  
geu; 65 — Pontapé; 66 — Levada; 67  
— Hul, d; 68 — Peguilha, o; 69 — Es-  
tau, r; 70 — Estada, o; 71 — Juro, a;  
72 — Perdita, d; 73 — Giga, e.



## PALAVRAS CRUZADAS

N.º 24

Matinada, animador, turbo, r r, evoé,  
ami, ris, crie, ia, auati, adumbar, la-  
toeiro.

N.º 25

Camarada, ir, pa, d, cedo, a, abo-  
liram, delicada, e, ados, r, le, al, ce,  
amaradas.

N.º 49

Peri, xilo, al, aluá, ir, ras, em, ata,  
f, ambé, u, i, curu, r, gas, ri aga, in  
real, ir zote, unau.

N.º 50

Amen, ápice, abolam, c, ga, o, lar-  
gar, amarra, refere, anosos.

N.º 74

Aca, lei, rés, irá, auto, amam, alega,  
mio, coara, avós, asno, tez, por, are, asa.

N.º 75

Amado, remar, ror, ora, aro, dar,  
airar, irara.

## DECIFRADORES DO 2.º TORNEIO DE 1955

Ruvina, Ordisi, Pinguinho, Yonix  
(QLB), Lia Q. Nessi, Razuza; Tarcisio,  
Olin, Arpetra; Anhangá, Mr. Trinquesse  
e Pompeu Júnior, 75 pontos cada um.

## 2.º TORNEIO DE 1956

### CHARADAS SINTÉTICAS

15 — O sapato da menina

Faz barulho na calçada,  
Mas tem sola muito fina,  
Nem siquer deixa pegada. 3-1

Ruvina (JLB) Pórtor, Portugal

16 — Não! Alto lá! Porque matar mais?  
1-1-1.

Con Y Tra (S. Paulo)

17 — Semelhante conto provocará rixa.  
Plínio D. Monteiro (S. Paulo)

## ENCADEADA

18 — Não caía no erro. Sorte de impu-  
dente dura pouco... 2-2.

Paraná (C.E.C.) Rio

## SINOPADAS

19 — Procure o justo e o seu poder diri-  
gente. 3-2.

Chilon (R.P.) S. Paulo

20 — Atirei uma rolha dentro do açou-  
gue. 3-2.

Cleto Júnior (S. Caetano do Sul) Sp

21 — O homem de rosto magro é de uma  
ousadia sem par. 3-2.

Lia Q. Nessi (S. Paulo)

22 — O mau agrimensor levou uma re-  
prensão. 3-2.

Rubens Barbosa (S. Paulo)

## AFERÉTICAS

23 — Sem nenhum esforço mostro meu  
vigor. 3-2.

Anhangá (R.P.) S. Paulo

24 — Andar com pessoas mexeriqueiras  
é um mau defeito. 3-2.

Cleto Júnior (S. Caetano do Sul) Sp

25 — Orgulhoso e presumido é o que  
você é. 4-3.

Paraná (C.E.C.) Rio

26 — A camada inferior da sociedade está  
sempre com o moral caído. 3-2.

Proftazinho (S. Paulo)

## METAMORFOSEADAS

27 — A luz na trapeira entre por uma  
pequena claraboia. 7(4).

A Esse (S. Paulo)

28 — Na arte de pintar ele é jeitoso.  
7 (7).

Flávio Cleto (S. Paulo)

29 — O ourives investiga o engaste da  
pedra preciosa. 7(2).

Lia Q. Nessi (S. Paulo)

30 — Minha permanência no estábulo foi  
de curta duração. 6(5).

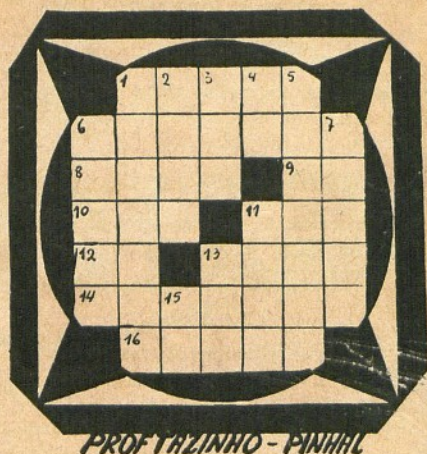
Serrot (S. Paulo)

## PALAVRAS CRUZADAS

31

**Horizontais:** 1 — Pontualidade, 6  
opinião, 8 — Nome de homem, 9 — "A  
terra", 10 — Abreviatura de livros, 11  
— Inflexão da voz, 12 — O mais, 13 —  
Espécie de beijú, 14 — Agitar-se, 16 —  
recreio.

**Verticais:** Inferior, 2 — Irritas, 3 —  
Pico dos Pirineus, 4 — Espécie de flexa  
usada pelos antigos turcos, 5 — Alca-  
guz, 6 — Dar pólos, 7 — Adejar, 11 —  
A cabeça, 13 — Talento, 15 — O mes-  
mo que bom.



## NOSSA CAPA

### Monumento do Ipiranga

Obra do escultor italiano Ettore Ximenez, foi inaugurado em 1922 por ocasião das festas comemorativas do 1.º Centenário da Independência do Brasil.



# MILITIA

ÓRGÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA FORÇA  
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones } externo ..... 34-6488  
          } interno ..... 138

SÃO PAULO, S. P. \_\_\_\_\_ Brasil

Revista de assuntos técnicos policiais  
militares e culturais em geral

ANO X

Setembro/Octubro de 1956

N.º 65

**DIRETOR GERAL:**— ..... cel. José Anchieta Torres  
**DIRETOR RESPONSÁVEL E TESO-  
REIRO:**— ..... 1.º ten Hildebrando Chagas (E.J.C.L.)  
**SECRETÁRIO:**— ..... major Francisco Vieira da Fonseca  
**GERENTE:**— ..... Cap. Miguel M. Sendin

## REDATORES :

— ten. cel. cap. P. A. Cavalheiro Freire — cap. Felix de Barros Morgado  
— cap. Plínio D. Monteiro — cap. Francisco Antonio Bianco Jr  
— cap. Jorge Mesquita de Oliveira — 1.º ten. Antonio Silva

## ILUSTRAÇÃO :

— cap. Felix de Barros Morgado  
— Nelson Coletti

## FOTOGRAFIA :

— Gab. Fot. da F.P.

## ASSINATURAS

Por 6 números ..... Cr\$ 50,00  
Número avulso ..... Cr\$ 10,00

## AOS COLABORADORES E LEITORES

\* A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários os quais não se enquadram em seu programa.

\* Toda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.

\* Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.

\* A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

- 
- \* Desejamos estabelecer permuta
  - \* Deseamos establecer el cambio
  - \* Desideriamo stabilire cambio
  - \* On désire établir échange
  - \* We wish to establish exchange
  - \* Austausch erwünscht

# Aperfeiçoando

mecânicos brasileiros...

## HÁ 30 ANOS!

Desde sua instalação em nosso país — há 30 anos portanto — uma das primeiras preocupações da General Motors foi a de constituir uma Escola de Mecânicos de automóveis, visando criar a indispensável mão-de-obra especializada para atender ao surto impressionante dos transportes motorizados em nossa terra. Essas mesmas facilidades foram desde logo estendidas também às nossas forças armadas, que permanentemente vêm formando especialistas nesses cursos da General Motors do Brasil. A Escola de Mecânicos continua em pleno funcionamento e este é apenas um aspecto da ampla participação da General Motors na vida nacional — e de seu desejo constante de colaborar com o público e com as autoridades — nos mais diversos setores.

**GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.**

SÃO CAETANO DO SUL — SÃO PAULO

